

KIRLA KORINA DOS SANTOS ANDERSON

*LUGAR DE MULHER É EM CASA?
Cotidiano, espaço e tempo entre mulheres de
famílias de pescadores.*

*Belém/PA
2007*





UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**LUGAR DE MULHER É EM CASA?
COTIDIANO, ESPAÇO E TEMPO ENTRE MULHERES DE
FAMÍLIAS DE PESCADORES.**

Kirla Korina dos Santos Anderson

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração em Sociologia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, sob orientação da Prof^a Dr^a Maria Angelica Motta-Maués, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

**Belém/PA
2007**

**LUGAR DE MULHER É EM CASA?
COTIDIANO, ESPAÇO E TEMPO ENTRE MULHERES DE
FAMÍLIAS DE PESCADORES.**

Kirla Korina dos Santos Anderson

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração em Sociologia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, sob orientação da Prof^a Dr^a Maria Angelica Motta-Maués, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Julgada e aprovada em 20.03.2007.

Banca examinadora:

Prof^a. Maria Angelica Motta-Maués (Orientadora)
Prof. Ricardo Pimentel (Examinador)
Prof^a. Maria Cristina Alves Maneschy (Examinadora)
Prof. Raymundo Heraldo Maués (Examinador)

**Belém/PA
2007**

À minha “mãezona”, por sempre ter me ensinado a importância dos trabalhos domésticos e extradomésticos.

AGRADECIMENTOS

Quando chego à conclusão de mais uma etapa do meu processo de formação profissional, resgato a importância de cada uma das pessoas que conviveram comigo neste dois anos de curso de mestrado. E, além disso, registro meus agradecimentos, no sentido da reciprocidade de Marcel Mauss, ao dizer que o dom da troca está no gesto de dar e de receber, mostrando que a elaboração deste trabalho contou com a participação de várias pessoas, mesmo direta ou indiretamente, e que agradecer é retribuir o carinho e atenção que me prestaram.

Agradeço ao Senhor Deus pelas inspirações do Divino Espírito Santo que preencheram (e preenchem) minha vida, principalmente nos dias de desânimo e agonia. Obrigada por ter me despertado o interesse e a dedicação pelas Ciências Sociais, por ter me dado forças para levantar e escrever nas madrugadas, por ter colocado cada uma dessas pessoas na minha vida e por estar me concedendo a alegria de ver este trabalho pronto.

Ao apoio que recebo em casa. Aos meus pais, Anderson e Iolete, por acompanharem minha trajetória “estudantil” e pelas lições diárias de amor, compreensão, carinho cuidado e respeito. Aos meus irmãos, Klay e Klaíssa, por alegrarem meus dias, pelos sorrisos e brincadeiras que fazem o esforço valer a pena, pela dedicação incondicional e cumplicidade que existe entre nós, as quais foram imprescindíveis para a realização deste trabalho, por tomarem conta de mim, pelas revisões que fazem em meus trabalhos e por inspirarem meus melhores sentimentos.

Agradecimentos também são dedicados ao meu avô querido que torce por mim, sempre pergunta se está indo tudo bem com os meus estudos e também por ficar muito feliz com as minhas conquistas. Igualmente, não posso deixar de mencionar e agradecer o carinho e a preocupação de meus tios e dos meus primos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, com destaque para as professoras Lourdes

Furtado e Maria José Aquino, pelas contribuições em sala de aula e nas sugestões da banca de qualificação que foram consideradas na versão deste texto; aos funcionários do Departamento de Antropologia e à minha turma de pós-graduação em Sociologia, em especial Benilde, Regina, Mauro e Íris.

À minha querida orientadora, professora Maria Angelica Motta-Maués, pelas manhãs de reunião sobre o trabalho e pelas conversas que nem sempre foram só para a dissertação, mas que contribuíram para o meu amadurecimento profissional e pessoal. Por significar exemplo de dedicação, por me ensinar a fazer Antropologia e por, acima de tudo, acreditar e confiar no meu trabalho.

À professora Maria Cristina Alves Maneschy, pela orientação inicial no estudo sobre relações de gênero em comunidades pesqueiras.

À Natasha pela companhia durante o trabalho de campo.

Às famílias de pescadores de Icoaraci, em especial às mulheres que me emprestaram minutos de seu tempo em conversas (às vezes demoradas) sobre família, pesca e cotidiano que, mesmo sem entender muito bem o motivo de tantas perguntas, não me negaram informações.

Às minhas amigas por me ensinarem a viver uma amizade sincera e leal: Hannah, pelas brincadeiras e por confiar na minha opinião sobre seus trabalhos; Renata, por falar as coisas certas no momento certo; Martha, pela disponibilidade em ler e corrigir meus textos, pelas sugestões para apresentação de trabalhos, por acompanhar o desenvolvimento de meus estudos, muitas vezes, analisando os dados de campo comigo; e Wilcléa, por ser exemplo de serenidade e determinação.

Ao Gilton por cuidar das minhas apresentações em power point, ainda no período da graduação, pela paciência e disposição para me ajudar, pelas conversas e por ser um amigo com quem sempre pude contar.

Ao Nilo pelas revisões nas referências bibliográficas e na normatização dos meus trabalhos e, também, por manifestar preocupação e otimismo aos meus projetos, por compartilhar alegrias e decepções e pela amizade.

Aos meus amigos do Projeto Extracurricular Temático/Grupo de Trabalho em Ciências Sociais (Pet/GT/CS), em especial Barbara, Thaize e Sandra, pela amizade e pela “torcida”.

Agradeço, também, ao querido professor Samuel Sá pelas palavras de sabedoria que sempre profere nas reuniões do Pet/GT/CS, possibilitando com que seus “aprendizes” cresçam com consciência da “excelência solidária”, por sempre ter demonstrado confiança no meu trabalho e por ter contribuído muito para minha formação no campo das Ciências Sociais não só na academia, como também fora dela.

À Denise Cardoso, professora do Departamento de Antropologia e coordenadora do Pet/GT/CS, pela seriedade e firmeza com que conduz seus planos e que por diversas vezes acaba inspirando seus “orientandos”. Também agradeço as revisões que fez nos meus trabalhos, pelas sugestões e críticas que foram fundamentais para que eles fossem aperfeiçoados.

À professora Wilma Leitão pelas sugestões e críticas.

Aos meus alunos de graduação da Universidade Federal do Pará pelo carinho e por compreenderem minhas ausências (mesmo que involuntárias) em virtude da realização deste trabalho.

RESUMO

LUGAR DE MULHER É EM CASA? COTIDIANO, ESPAÇO E TEMPO ENTRE MULHERES DE FAMÍLIAS DE PESCADORES

Kirla Korina dos Santos Anderson

Trata da compreensão da participação de homens e mulheres na manutenção doméstica de famílias de pescadores no Distrito de Icoaraci, município de Belém/PA. Para isso, observei, analisei e interpretei como organizam as atividades em casa e na pesca, partindo das expectativas que influenciam suas práticas cotidianas por gênero e dando atenção, especialmente, para os espaços frequentados e organização do tempo pelas mulheres. Como procedimento metodológico, utilizei dados do Anuário Estatístico do Município de Belém e do diagnóstico sobre a pesca artesanal no Estado do Pará, elaborado pelo Sistema Nacional de Emprego, para caracterização da área de estudo e para o entendimento sobre tendências ocupacionais e demográficas em que estas famílias estão inseridas. Além disso, realizei trabalho de campo, com entrevistas a sete mulheres de famílias de pescadores, abordando questões sobre a organização, classificação e distribuição das atividades domésticas e da pesca entre os moradores do domicílio nos dias atuais e na infância. As relações sociais são organizadas a partir de sua importância para a reprodução do grupo doméstico, em que homens, mulheres e crianças recebem atribuições diferentes e complementares. No desenrolar das atividades diárias, as mulheres assumem responsabilidades na manutenção do grupo, conciliando e, muitas vezes, acumulando tarefas domésticas e extra-domésticas, e usufruindo de um status específico para escolhas, acordos e tomadas de decisão, dados que permitem questionar e refletir sobre o lugar da mulher em casa.

Palavras-Chave: família, gênero, cotidiano.

ABSTRACT

IS WOMAN'S PLACE AT HOME?: DAILY LIFE, SPACE AND TIME AMONG WOMEN WITHIN FISHING HOME GROUPS

Kirla Korina dos Santos Anderson

This work deals with the search to understand the meanings of men's and women's participation in the domestic maintenance of fishing home groups who dwell in the District of Icoaraci (Belém, Pará, Brazil). For this, matter I observed, I analysed and I interpreted their ways os organization of home settings while men are absent for catching fishes; but at the same time I was focused on the other side of that absence: the presence roles, expectations and endeavors of home women as wives, mothers or parentes in that space and structure. As method, I had secondary data from the Belém Statistical Yearbook; I did field work; I interviewed seven women from the data gathered it is possible to infer that these women work inside (majority) and outside their homes (minority). Them they may be working at home, depending upon their needs and the circumstances or possibilities offered around them. The social relations are organized from its importance for the reproduction of the domestic group, where men, women and children receive different and complementary attributions. In uncurling of the daily activities, the women assume responsibilities in the maintenance of group, conciliating and, many times, accumulating domestic and extra-domestic tasks, and usufructing of a specific status for choices, agreements and taking of decision, data that allow to question and to reflect on the place of the woman in house.

Key words: family, daily life, sort.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cotidiano das relações familiares	26
Figura 2 – A construção de uma questão	34
Mapa 1 – Região Metropolitana de Belém	50
Mapa 2 – Distritos que compõem o município de Belém	52
Foto 1 – Casas do Furo do Maguari	59
Foto 2 – Entrada principal do Cubatão	60
Foto 3 – Casas à beira do igarapé no Cubatão	61
Figura 3 – Família como fato social	86
Figura 4 – Aprender a conciliar tarefas começa na infância	89
Fotos 4 e 5 – Desembarque de pescado no Furo do Maguari	95
Foto 6 – Conserto de redes de pesca	96
Figura 5 – O que faz a mulher em casa?	111

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 – Distribuição da população de Belém nos distritos	51
Tabela 2 – Infra-estrutura urbana disponível	62
Tabela 3 – Equipamentos domésticos utilizados	63
Quadro 1 – Composição do grupo doméstico	66
Quadro 2 – Perfil das entrevistadas	73
Quadro 3 – Ajuda nos serviços domésticos	81
Quadro 4 – No que elas ajudam na pesca	83
Quadro 5 – Principais atividades domésticas citadas	98
Tabela 4 – PEA por tipo de atividade segundo o sexo na RMB	108

LISTA DE SIGLAS

CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CODEM	Companhia de Desenvolvimento da Área Metropolitana de Belém
DABEL	Distrito Administrativo-Belém
DABEN	Distrito Administrativo-Bengüí
DAENT	Distrito Administrativo-Entroncamento
DAGUA	Distrito Administrativo-Guamá
DAICO	Distrito Administrativo-Icoaraci
DAMOS	Distrito Administrativo-Mosqueiro
DAOUT	Distrito Administrativo-Outeiro
DASAC	Distrito Administrativo-Sacramenta
PEA	População Economicamente Ativa
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
RMB	Região Metropolitana de Belém
SEGEP	Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão
SINE	Sistema Nacional de Emprego
UFPA	Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

Agradecimentos	04
Resumo	07
Abstract	08
Lista de ilustrações	09
Lista de tabelas e quadros	10
Lista de siglas	11
Introdução	13
Capítulo 1: Preparando o Cenário	21
1.1) O tema e seus objetivos	21
1.2) Retomando percursos: minha trajetória na pesquisa sobre gênero em comunidades pesqueiras	28
1.3) Por uma leitura sócio-antropológica	36
1.4) Pesquisando entre famílias: abordagem metodológica e trabalho de campo	43
Capítulo 2: Pescadores no Meio Urbano	49
2.1) Aspectos gerais da área de estudo	49
2.2) Cenas do cotidiano na cidade	57
2.3) Conhecendo as famílias	65
Capítulo 3: Família e Cotidiano	72
3.1) “Se conhecer”, formar família e discutir a relação: perfil das entrevistadas	72
3.2) Família como fato social	79
3.3) Fechando as cortinas e arrumando o cenário: arranjos familiares	87
Capítulo 4: Trabalho e Cotidiano	91
4.1) Organização e exercício da atividade pesqueira	91
4.2) Dona da casa & dono do barco: combinando atividades, conciliando responsabilidades	97
4.3) Para ainda falar de trabalho: aquele que se tem e aquele que se quer	107
À Guisa de Conclusão: afinal, lugar de mulher é em casa?	111
Referências	115
Anexos	121

INTRODUÇÃO¹

A história que pretendo contar versa sobre a vida diária de famílias residentes em bairros constituídos, em sua maior parte, por trabalhadores da pesca (artesanal e/ou industrial) e que, na maioria dos casos, também, são oriundos, principalmente, de outras localidades do Pará ou de Estados próximos, situados no distrito de Icoaraci. Tem por objetivo observar, analisar e interpretar a participação de homens e mulheres na manutenção doméstica em tais grupos familiares, tendo como foco principal as mulheres. Sendo assim, parte de suas escolhas e percepções com relação às práticas de trabalho e de estratégias de reprodução social, sem deixar de considerar a participação dos homens em tais atividades.

O interesse pelo tema surgiu na graduação, durante minha participação no projeto de pesquisa “Abordagem Sociológica sobre Populações Tradicionais e Reprodução Social no Pará”, do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Pará (UFPA), que tinha como preocupação principal compreender os processos de reordenação social na Amazônia, intensificados com a intervenção de projetos desenvolvimentistas empreendidos durante a segunda metade do século passado. Neste cenário, minha preocupação consistia na análise das atribuições femininas na manutenção doméstica de famílias de pescadores. Percebi que as mulheres acumulavam uma série de responsabilidades dentro e fora de casa (que se acentuavam com a ausência dos homens, quando tinham que ir para lugares mais distantes em virtude da pesca industrial), sendo realizadas a partir de sua posição junto à família e da fase de desenvolvimento do grupo doméstico.

No mestrado, ampliei a observação, destacando não apenas a participação das mulheres, mas também dos homens na manutenção doméstica de tais famílias. Dediquei atenção para as atividades que ambos executam em casa e na pesca, analisando o que pensam e o que fazem com isso, bem como de que maneira ensinam essas tarefas a seus filhos. Para isso, achei necessário

¹ Esta versão contém as modificações solicitadas pela banca examinadora.

destacar quais lugares freqüentam e que tempo costumam dedicar a elas, atentando para as expectativas dos “papéis” sociais.

Na ampliação que efetivei, articulei gênero, família e urbanização para compreender a organização e a distribuição das tarefas diárias, ajustando meu olhar a partir da teoria antropológica sobre o registro etnográfico. Malinowski (1978) e Geertz (1989) foram essenciais na construção desta análise ao discorrerem sobre a importância de compreensão da ação do “nativo” em sua lógica cultural. Neste sentido, quando pergunto se o lugar da mulher é em casa, investigo o fazer cotidiano delas (sem esquecer da família), tendo em vista o que pensam e como agem a partir das injunções de gênero.

Trouxe para a discussão o olhar “de perto e de dentro”, elaborado por Magnani (2002), como possibilidade de etnografia urbana. Este autor diz que conhecer o modo de vida na cidade se faz considerando os detalhes que compõem a sociabilidade neste espaço.

Desta maneira, ajustei meu olhar para o entendimento de como as mulheres de famílias de pescadores conciliam suas atividades, procurando compreender quais critérios são utilizados e que prioridades são consideradas. Para isso, caracterizo os tipos de atividades que mais realizam fora de casa para complementação de renda e/ou economia de gastos. As mais desenvolvidas são aquelas relacionadas com os serviços que desempenham em casa, sendo o caso de serviços remunerados em outros domicílios. Neste exercício, também evidenciei a participação dos homens e das crianças, tanto em casa como no trabalho.

A ênfase principal de investigação reside no entendimento de como essas mulheres conciliam responsabilidades em casa (privado) e fora dela (público), tomando como referência o tempo dedicado às atividades e os espaços que costumam freqüentar em casa e na rua. Aprender como isso acontece pautou-se na percepção que elas têm de suas atividades, remetendo à visão de mundo que seu grupo compartilha.

Falando em conciliação de atividades, curiosamente, as horas que dediquei à elaboração desta dissertação tiveram alguns minutos emprestados para a execução de outras tarefas, na maioria dos casos, para as atividades domésticas, tais como preparar refeições, varrer a casa e lavar a louça. Combinar atividades e conciliar responsabilidades eram necessárias tanto na minha casa, como na das mulheres de Icoaraci, proporcionando muitos momentos de reflexão e escrita, na postura de transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico, como enunciou Damatta (1987).

A conciliação de jornadas nas minhas atividades e nas delas é freqüente, mas os valores que orientam as duas são diferenciados. O sentido subjetivo das minhas tarefas é o desejo de formação profissional e afirmação individual; no caso delas, é a afirmação do todo, da família. As diferenciações existem porque a maneira como fomos socializadas foi diferente.

Apreendi as tarefas domésticas porque convém a uma mulher saber lavar, passar e cozinhar, mas igualmente importante estudar e trabalhar, porque, como costuma dizer minha mãe, “é sempre bom saber um pouco de cada coisa”. Todavia, não me ocupo com elas todos os dias, pois há outras pessoas que fazem isso (mãe e irmã, outras mulheres). As atividades domésticas não me foram ensinadas como responsabilidade principal e exclusiva; ao contrário, fui educada a me dedicar aos estudos, trabalhar e ter como me sustentar financeiramente, neste caso, a ter como prioridade o trabalho extra-doméstico. Já para as mulheres de Icoaraci, as tarefas da casa foram ensinadas cedo – na faixa dos sete anos de idade elas já tomavam conta da casa, enquanto os pais se ocupavam com tarefas de pesca e agricultura – porque a organização social se sustenta com a inter-dependência entre os membros da família, que inclui os serviços de casa. Contextualizar quando, como e onde essas ações se desdobram é importante, o que não deixa de permitir comparações, revelando a importância de se relativizar, citando Damatta (1987) novamente. Relativizar, isto é, compreender o contexto em que as ações são produzidas e vivenciadas.

Atentar para o contexto em que as relações familiares se processam, portanto, constituiu preocupação inicial na minha pesquisa. O espaço de atuação

dos indivíduos também é lugar onde a cultura opera, sendo ambiente relacional, que se torna alvo de significações, como destacam Santos (1991) e Damatta (1997). Por isso, conhecer como os indivíduos se vêem e transformam o ambiente foi realizado mediante uma “descrição densa” dos sentimentos e práticas que norteiam a relação de homens, mulheres e crianças em Icoaraci, tanto na pesca, como em casa e na vizinhança, com o propósito de situar o leitor na minha análise, como salienta Geertz (1989).

Ouvir, olhar, ler e escrever, parafraseando Oliveira (1996), o trabalho familiar na pesca em Icoaraci tem sido minha fonte de pesquisa por quase cinco anos. Entretanto, dadas as aproximações entre o problema de pesquisa na graduação e no mestrado, devo frisar que não analiso o tema da mesma maneira nos dois momentos. Entre estudar gênero, pesca e reprodução social e entender se o lugar da mulher é em casa, há preocupações e modos diferenciados de apreender a realidade. Comparando com Geertz (1989), a análise que ora apresento não é “repetição” do que desenvolvi antes, ainda que alguns dados coletados naquele momento sejam reanalisados aqui.

No processo de construção desta problemática considerei, também, o que Maneschy (1995) discute sobre o trabalho das mulheres de famílias de pescadores na cidade. No caso estudado pela autora, elas não desenvolviam atividades ligadas com a pesca, pois ingressavam em outro ramo de atividade (serviço doméstico remunerado). Porém, não deixavam de assumir papel importante na atividade pesqueira, pois realizavam, indireta e esporadicamente, reparo e confecção de redes de pesca para o consumo da família, contribuindo estruturalmente para a organização deste sistema produtivo, o que leva a autora a questionar se elas estão se afastando da pesca.

Assim, pretendi investigar como homens e mulheres participam da manutenção doméstica de famílias de pescadores, mostrando os espaços freqüentados e o tempo dedicado para isso, tomando como referência o cotidiano feminino. A expectativa com relação aos valores foi elemento que fundamentou a interpretação, pois eu estava interessada em saber o que elas pensavam e faziam sobre seu cotidiano.

Para isso, mereceu atenção perceber como é realizada a conciliação de tarefas. Entre conciliar responsabilidades em casa e no trabalho, tive que conciliar a minha com as delas. Em todas as entrevistas que fiz, tinha hora para chegar e ser recebida por elas. Eu tinha que chegar “cedo²”, entre 9h e 9h30, pois era o horário em que algumas crianças estavam na escola, que o almoço estava no fogo e a roupa secando. Era menos difícil conseguir entre aquelas que já conheciam o nosso trabalho³. Quando retornamos ao Furo do Maguari, após dois anos sem trabalho de campo, fomos recepcionadas com as perguntas “Ainda não terminaram o trabalho?” e “Pensei que vocês já tivessem se formado.”⁴

Meu olhar diante das histórias que ouvi em campo orientou-se pelo que chamei de perspectiva sócio-antropológica, pois aliei os comportamentos de esfera mais micro com os macro, para melhor compreensão do meu tema de trabalho. Utilizei a Antropologia, como possibilidade de análise em detalhe, para compreensão dos significados que compõem o cotidiano das famílias de pescadores de Icoaraci, com destaque para as expectativas sociais por gênero. A Sociologia ajudou a verificar a relação entre indivíduo e coletividade, trazendo ao debate questões mais amplas, sendo necessário, para isso utilizar a imaginação sociológica proposta por Mills (1969).

É importante destacar que os dados de campo que apresento, analiso e interpreto foram obtidos nos dois momentos da pesquisa. Na primeira etapa, que durou de 2001 a 2004 – período da graduação –, foram entrevistadas 18 (dezoito) mulheres; num segundo momento, mais precisamente nos anos de 2005 e 2006 correspondentes ao mestrado, foram 7 (sete) entrevistadas, que já tinham sido entrevistadas antes. O trabalho de campo em diferentes etapas permitiu comparar falas e situações sobre trabalho, família e cotidiano⁵.

² É preciso relativizar o “cedo”, pois elas já estavam acordadas desde às cinco da manhã.

³ Os trabalhos de campo que realizei em Icoaraci foram realizados na companhia de outra amiga de turma.

⁴ Após a primeira entrevista, nos serviram um lanche (bolacha e refrigerante) e começaram a relatar casos de assaltos e pequenos furtos na vizinhança. Também mostraram fotos da família, enfatizando as mudanças desde a nossa última visita.

⁵ Posso destacar que as atividades de pesca, por exemplo, que eram realizadas esporadicamente na primeira etapa, não foram citadas no segundo momento.

Diante do que venho discutindo, a estrutura desta dissertação apresenta quatro capítulos. No primeiro, faço a apresentação do tema, destacando o caminho que percorri para a construção da questão que ora analiso e do procedimento metodológico. A compreensão da vida diária de famílias de pescadores em Icoaraci atentou para a construção da realidade que tratam Berger e Luckmann (1998), a qual é organizada pelas relações do dia a dia.

Segundo esses autores, a realidade é partilhada entre os indivíduos, a partir de modos de interação que são vivenciados cotidianamente, em que os grupos dispõem de modos de referência para a ação dos indivíduos, baseado em critérios como sexo e idade. O conhecimento da vida diária corresponde, então, ao entendimento de como os indivíduos interpretam a realidade em que estão inseridos e conferem sentido à sua existência.

Com base nessa reflexão, procurei perceber como homens, mulheres e crianças (especialmente as mulheres) organizam sua vida, com destaque para a maneira como a cultura influencia a separação de espaços e de tempo de atuação para os sujeitos envolvidos nesta ação. Parto, para isso, da perspectiva sócio-antropológica para captar os significados presentes no fazer cotidiano das famílias em questão.

Como forma de subsidiar a discussão sobre o cotidiano, direcionei atenção para o lugar em que moram. O interesse reside na forma como produzem e reproduzem o espaço que vivem na cidade, considerando o contexto da migração que atraiu tais famílias, o que constitui foco de investigação do segundo capítulo. Faço uma caracterização da área de estudo, tratando sobre a localização das comunidades na Região Metropolitana de Belém (RMB).

Trato das comunidades do Furo do Maguari e do Cubatão, fazendo uma descrição das casas e da vizinhança, utilizando, para isso, o relato dos moradores com relação ao contexto de suas formações e das situações vivenciadas hoje, ligadas à forma de sociabilidade, habitação, transporte e violência urbana, compondo o quadro de “cenas do cotidiano na cidade”. Os casos que contam

sobre tais temas são reflexos da produção do espaço urbano em Belém e no Brasil, de que falam Trindade Júnior (1998) e Ojima (2005), respectivamente.

Ainda no segundo capítulo, abordo a composição o grupo doméstico, como forma de sociabilidade presente na cidade. No domicílio e na vizinhança é possível encontrar a rede de parentesco mais ampla das entrevistadas, que são frequentemente acionadas nas relações diárias.

O eixo de análise do terceiro capítulo diz respeito ao fazer cotidiano na família. Discuto o perfil das entrevistadas, relacionando escolaridade, fase de desenvolvimento do grupo doméstico e trajetória ocupacional na biografia dessas mulheres (FORTES, 1958; BRUSCHINI, 1994). Mostro, também, o contexto de formação do grupo, procurando destacar como homens e mulheres vivenciam a vida a dois, aludindo ao que foi discutido por Heilborn (2004) sobre conjugalidade e cotidiano.

Aproveito esta oportunidade para “discutir a relação” entre o casal nos grupos familiares estudados. Consiste num exame da relação entre homens e mulheres no ambiente familiar, no que se refere às atribuições de gênero, analisando, mais especificamente, as atividades domésticas e o cuidado com os filhos, dados que permitiram estabelecer diferenças entre autoridade e responsabilidade nas tarefas domésticas, que são distribuídas, respectivamente, entre homens e mulheres, com destaque para espaço e tempo (ANDERSON, 2005b; PRATA, 2006).

Nas tarefas domésticas, o princípio tomado como referência para ação dos indivíduos é a família. É ela que serve de referência para como se olham e se percebem em casa e na rua, aproveitando as proposições sobre fato social de Durkheim (1984) e da família como espelho de Sarti (1996). O fazer diário se processa com a “ajuda” que prestam (e que necessitam) aos parentes, acionando a família mais ampla em casa e na vizinhança (ANDERSON e MOTTA-MAUÉS, 2007; MAUSS, 1974).

No quarto capítulo, analiso o cotidiano e o trabalho, a começar pela organização e execução da atividade pesqueira. A pesca é realizada como

atividade familiar, como tratam Leitão (1997) e Furtado (1987 e 1993), organizando-se por parentesco e por “conhecidos”, destacando a captura, ritmo de trabalho e comercialização do pescado.

Falo, também, da trajetória ocupacional e de como as mulheres conciliam atividades em casa. Elas aprendem a combinar atividades e responsabilidades na infância, que vão se intensificando com o passar do tempo, apoiando-se na importância que suas atividades possuem para o grupo. Além de considerar os significados que elas imprimem às suas práticas, faço uma relação entre o tipo de atividade que conseguem e o espectro ocupacional da cidade.

Pelo exposto, posso dizer que dedicar-se às tarefas domésticas é uma situação que as sociedades costumam reservar às mulheres, como salienta Sorj (2004). No grupo em estudo, essa “tendência” é observada pela combinação de atividades domésticas e extra-domésticas. Quando questiono se o lugar de mulher é casa, investigo como as mulheres conseguem dar conta dessas responsabilidades, estando em casa. Devo avisar que antes de responder ao item, proponho uma reflexão sobre o fazer diário familiar, e feminino, mais especificamente, para uma interpretação da percepção delas sobre as suas formas de atuação na sociedade.

CAPÍTULO 1: PREPARANDO O CENÁRIO

1.1 O TEMA E SEUS OBJETIVOS

Compreender as atividades femininas e masculinas na reprodução social do grupo doméstico inclui direcionar atenção para as atividades diárias da família, no sentido não apenas de captar as tarefas desenvolvidas e os participantes do referido processo, mas, além disso (ou a partir disso), considerar o sentido em que as expectativas atribuídas às práticas de mulheres e de homens na família e na sociedade, de modo mais amplo, se refletem na vida diária dos agentes, destacando o que pensam e o que fazem efetivamente com isso.

Analisei os laços de parentesco e de complementação na família, enfatizando a relação entre os cônjuges. Para isso, adoto, inicialmente, a definição de família elaborada por Lévi-Strauss (1983), ao dizer que este grupo origina-se no casamento, seus membros formam um núcleo e estão unidos por laços jurídicos e culturais, direitos e obrigações econômicas, rede de direitos e proibições sexuais.

Recorrendo a estudos sobre a organização da vida diária, sinalizada por Berger e Luckmann (1998), o mundo da vida cotidiana origina-se no pensamento e na ação dos homens comuns e é confirmado por eles na realidade. A análise da vida cotidiana envolve o entendimento da experiência subjetiva das pessoas comuns, partindo do princípio que a consciência possui intencionalidade e essa intencionalidade, evidentemente, está na base da ação social. A realidade cotidiana constitui-se por uma reunião de subjetividades, ou melhor, como um mundo “intersubjetivo”, em que vários indivíduos partilham a mesma “definição”, ou “construção” da realidade. Na união de suas várias subjetividades formam a construção social da realidade.

Essa construção da vida cotidiana se faz a partir de critérios como sexo, idade, profissão e família. Neste processo, Velho (1987) discute que a família assume importância, pois é o primeiro ponto de referência dos indivíduos na

sociedade e lugar onde irão aprender as regras e idéias compartilhadas do grupo, assumindo um papel importante no processo de socialização de subjetividades.

A realidade é construída a partir de “padrões” que são definidos e reconhecidos pelos indivíduos de um determinado grupo social. Mead (1988) salienta que a humanidade pode utilizar várias e infinitas maneiras de distribuir padrões de comportamento, ordenados culturalmente. Um dos critérios utilizados para definir os ditos “padrões de comportamento” relaciona-se com o sexo. Ainda segundo Mead (1988), o sexo não significa ser homem ou ser mulher, mas implica num condicionamento social a partir das diferenças biológicas.

Assim, reafirmo a necessidade de ter estudado as diferenciações nas relações de gênero no planejamento, organização, classificação, gestão e execução da vida diária em Icoaraci, considerando como homens e mulheres, especialmente estas, concretizam no plano objetivo suas subjetividades de gênero. Tentei compreender como as atividades são pensadas, classificadas, distribuídas e executadas entre homens e mulheres, sem esquecer as crianças, na família (privado) e na sociedade (público), fazendo referência às expectativas criadas a partir das diferenciações de gênero, que influenciam nas escolhas dos espaços que as mulheres freqüentam, no tipo deles e no tempo utilizado na execução das atividades.

No processo de socialização, estão implícitos comportamentos e sistemas de lugares que os indivíduos devem e podem ocupar. Corcuff (2001) argumenta que a formação da sociedade se dá por relações cotidianas entre sujeitos interdependentes.

Neste sentido, uma categoria que não pode ficar de fora na análise corresponde à de gênero. Heilborn (1992) argumenta que tal categoria indica a distinção entre as características culturais utilizadas para identificar homens e mulheres e, por este motivo, diferenciam-se entre os grupos sociais⁶. A categoria de gênero configura-se como campo de investigação antropológico, utilizado a

⁶ Segundo Heilborn (1992) e Strathern (1997), a categoria de gênero utilizada nos estudos antropológicos foi um termo emprestado da gramática e tem por objetivo designar os indivíduos de sexos diferentes, ou coisas relacionadas a homens e mulheres.

princípio (anos 70 e 80 do século XX), mais particularmente, por autoras ligadas ao feminismo.

A autora destaca que o ponto de partida para análises de gênero consiste no estudo do outro, seguindo as orientações de Malinowski, no exame das representações e práticas sociais de determinado grupo social em seus termos culturais. Desse modo, a avaliação do lugar que a mulher ocupa na sociedade opera-se, principalmente, no seu movimento de construção da identidade social.

Ao estudar as proposições que demarcam o conceito de gênero, Saffioti (1994) afirma que essa categoria é uma construção social. Neste sentido, as diferenças existentes ente homens e mulheres devem ser entendidas como *fruto de uma convivência social mediada pela cultura* (SAFFIOTI, 1994; 271-272).

Um exemplo do que estou falando pode ser dado por Motta-Maués (1993), quando estudou o status da mulher, e implicitamente dos homens, na comunidade pesqueira de Itapuá, em Vigia/Pa. A autora constatou que as atribuições delas estavam intimamente relacionadas com as interpretações sobre o seu ciclo de vida biológico. Os lugares que ocupavam na comunidade – religião, política, pesca e casa – eram de subordinação, cheios de restrições e proibições.

O objetivo principal do estudo, assim, consiste em conhecer o cotidiano de famílias que dependem da pesca, partindo das formas de organização e execução de atividades entre tais famílias, no Distrito de Icoaraci (Belém-PA), concentrando-se na análise dos tipos de participação (diferenciados ou não) das mulheres e dos homens, embora privilegiando um foco nas mulheres, no sentido de assegurar a reprodução dos grupos familiares (DURAN, 1983). Como já mencionado, foram consideradas as atividades nos âmbitos doméstico e extra-doméstico. O estudo levou em conta as percepções das próprias pessoas sobre seus “papéis” e suas práticas de trabalho, no contexto mais abrangente das transformações em curso na pesca regional.

Neste sentido, o estudo procurou alcançar os seguintes objetivos específicos:

- a) caracterizar as atividades desenvolvidas pelas mulheres dentro e fora do domicílio, destacando o tempo destinado a elas;
- b) estudar a trajetória ocupacional das mulheres, de famílias de pessoas que atuam na pesca, verificando quais os setores econômicos, os tipos de atividades e as formas de exercício de trabalho extra-doméstico que elas procuram e nas quais conseguem inserção, dadas as características do mercado de trabalho local e as percepções (próprias ou não) sobre sua posição na família e no trabalho;
- c) identificar e examinar, analiticamente, os espaços freqüentados pelas mulheres e pelos homens, partindo das expectativas geradas em torno das diferenciações de gênero.

Para entender esse processo, estudei o cotidiano da família, no sentido de tentar captar, mais especificamente, as estratégias formuladas pelas mulheres para assegurar a sobrevivência do grupo doméstico, como também observei (tanto quanto foi possível), investiguei e identifiquei em detalhe, o desenrolar da vida diária dessas pessoas. Assim, caracterizei as atividades, pessoais ou de trabalho efetivo ou não, desenvolvidas dentro e fora do domicílio, destacando o tempo de trabalho destinado para ambas e examinando os espaços comumente freqüentados pelas mulheres.

Cumprido frisar que espaço e tempo das atividades diárias são analisados como forma de orientação que homens, mulheres e crianças dispõem para a organização social. Damatta (1997) chama atenção que cada sociedade tem sua maneira de definir critérios para isso. Tempo e espaço podem ser entendidos, deste modo, como as dimensões em que se processam as relações sociais, imbuídos de significados e posições. No caso de famílias de pescadores, o que se percebe é que a família assume tema central para essa distribuição de tarefas e expectativas entre seus membros, guiando o modo de posição e navegação social por sexo e idade.

Assim, embora privilegiando um foco principal nas mulheres, não pude deixar de considerar, também, as atribuições masculinas na manutenção doméstica. Isto se deve ao fato de minha análise se sustentar na categoria gênero que, segundo Ferreira (1997), apresenta característica relacional. Significa dizer que os estudos sob a ótica de gênero pautam-se nas relações sociais entre homens e mulheres e não em um ou outro isoladamente, lembrando as relações interdependentes que constroem no cotidiano, como trata Corcuff (2001).

Estudar as atividades pensadas e referidas como domésticas e extra-domésticas pelas mulheres, e indiretamente pelos homens e pelas crianças, partiu justamente dos arranjos sociais que orientam as práticas sociais, de acordo com as injunções de gênero. Neste sentido, o exame considerou comportamentos desejáveis para homens e mulheres na realidade em que se inserem, com destaque para espaço e tempo.

No contexto empírico em questão, as atividades femininas no sustento do grupo doméstico podem ser entendidas, também, em relação às expectativas geradas pela posição dos membros na família. Refletindo sobre a organização familiar, Goode (1970) afirma que os indivíduos acham-se organizados sob uma rede de direitos e obrigações familiares, a partir da qual os “papéis” são assumidos pelos integrantes e podem ser remodelados com o passar do tempo⁷.

Preocupado em estudar as estruturas da família, Lévi-Strauss (1983) mostra que a vida familiar é uma realidade presente no conjunto das sociedades humanas. O autor chama atenção para a complexidade do tema e busca uma definição a partir de propriedades invariantes. Segundo ele, a família origina-se no casamento⁸, seus membros formam um núcleo e estão unidos entre si por obrigações econômicas, rede de direitos e proibições sexuais.

⁷ Expressam-se nas modificações das relações sociais no ciclo de desenvolvimento de vida do indivíduo.

⁸ O casamento, para ele, é um laço legal entre dois indivíduos de sexos diferentes, socialmente aprovado (LÉVI-STRAUSS, 1983). Esta formulação já foi rediscutida por autores da “nova família”, que consideram uniões entre pessoas do mesmo sexo e aquelas que moram sós, como também os que não são casados juridicamente (HEILBORN, 2004).

A distribuição de tarefas também é o sustento da organização social, de acordo com Durkheim (1984), sendo identificada em qualquer âmbito da sociedade (casamento, amizade, indústria, comércio). Seguindo esta linha de entendimento para a família, os membros da díade (quaisquer que eles sejam) assumem responsabilidades diferentes para sustentar a vida nesta unidade social.

Para ilustrar a questão, tomo como referência a história da família Hagar⁹, um modelo familiar patriarcal formada pelos cônjuges e um casal de filhos, para enfatizar a “diferença” entre os comportamentos femininos e masculinos no casamento. Helga, a mãe e esposa, apresenta o comportamento tradicional de dona de casa (retratada com bom humor), conforme a figura a seguir:



FIGURA 1: Cotidiano das Relações Familiares.

Fonte: TUFANO, Douglas. **Estudos de Língua Portuguesa: gramática**. São Paulo: Moderna, 1990. p. 192.

Helga é uma viking de origem nobre - vem de Oslo, capital da Noruega. Inteligente, sensível e sensata, às vezes sofre com o companheiro, mas sempre tem a palavra final. Já o marido, Hagar, é um “pai de família”, adorador de guerras e praticamente invencível em um duelo (só perde para a mulher, Helga, nas

⁹ A história em quadrinhos da família Hagar foi criada em 1973, pelo cartunista norueguês Dik Browne. Suas histórias misturam o cotidiano dos lendários guerreiros nórdicos com o dia-a-dia de uma família classe média moderna. Disponível em: <http://hq.cosmo.com.br/textos/quadrindex/>.

discussões familiares). A história demonstra comportamentos “comuns” desejáveis para homens e mulheres – eles atuando no espaço público e elas no espaço privado – mas também situações não tão comuns assim. Daí a importância de se pesquisar como essas relações são construídas e praticadas no cotidiano, valorizando a percepção que dão para isso.

Recorrendo aos depoimentos das mulheres de pescadores em Icoaraci, o fato de Helga precisar arrumar a “bagunça” que Hagar fez na sala é uma das questões frisadas na entrevistas. Nas falas das mulheres é comum que façam referência à obrigatoriedade dos serviços domésticos estarem prontos em horários definidos, conforme a necessidade dos maridos principalmente. Quer dizer que quando eles estão em casa, elas têm que servir as refeições e fazer a manutenção dos demais serviços domésticos com mais urgência. Caso o almoço não esteja pronto às 12h, por exemplo, eles começam a apressá-las. Além disso, eles fazem muitas sugestões nos serviços, do tipo “Arruma a sala depois, quero ver o futebol” ou “Tem que comprar outra vassoura? Comprei uma semana passada.”

Em meu estudo, além dos aspectos da vida familiar, como as “obrigações” entre os cônjuges, o lugar de residência também foi outro aspecto considerado para a análise. Em linhas gerais, a maioria das famílias em foco é proveniente dos municípios de Soure e Cachoeira do Arari (localizados na Ilha do Marajó) e Abaetetuba, todos estes no Estado do Pará, e mais outros oriundos dos Estados do Maranhão e do Amazonas. Residem em Icoaraci desde a década de 1980, com o intuito de trabalhar no Complexo Industrial Pesqueiro, que nesse período se instalara naquele distrito de Belém.

O contexto em que se deu a migração para Icoaraci também mereceu atenção. Não faz parte dos objetivos da presente dissertação analisar o processo de migração em si. O que vislumbrei foi perceber, levando em conta o deslocamento das famílias, quais estratégias foram formuladas pelos agentes para a manutenção doméstica. Particularmente considerando que, neste processo de mudança, as atribuições de homens e mulheres no sustento familiar sofreram

modificações, como detectou Maneschy (2001) entre mulheres de famílias de pescadores na cidade de Vigia/Pa.

Não se tratou, no entanto, de estudar o moderno e o tradicional na região, partindo das formas de subsistência no meio urbano e no meio rural e seus reflexos nas formas de engajamento para o trabalho de homens e mulheres membros de famílias de pescadores. Hipoteticamente, acredito que, para as famílias, o desejo mais ou menos genérico de “melhorar de vida” seja o estimulador da migração, o que se refletiu em novos desejos e necessidades para as mulheres, como procurar trabalho fora do lar.

Face ao exposto, a preocupação desta dissertação direcionou-se para o entendimento da manutenção e reprodução social de famílias de pescadores em Icoaraci, estudando a construção da realidade no cotidiano. Neste contexto, analisar as atividades diárias requer atentar para espaço e tempo que homens, mulheres e crianças dedicam para isso, o que foi feito comparando situações de sua infância e da atualidade (entre as gerações).

1.2 RETOMANDO PERCURSOS: A TRAJETÓRIA NA PESQUISA SOBRE GÊNERO EM COMUNIDADES PESQUEIRAS

O tema que apresento é uma continuação do que comecei a estudar ainda na graduação, como falei anteriormente. A construção da problemática que ora apresento se deu diante da necessidade de compreensão das atividades cotidianas que orientam as práticas familiares, num registro etnográfico que proporcione situar o leitor em minha análise. Deste modo, trato neste item o itinerário que percorri na iniciação científica e na pós-graduação, destacando os trabalhos que publiquei e minhas interrogações no desenvolvimento da temática, até questionar se o lugar da mulher é em casa.

Minha aproximação em relação à temática sobre gênero e pesca começou com a participação na aplicação de formulários junto a pescadores e pescadoras, no quadro da Pesquisa “Perfil Sócio-Econômico do Pescador Artesanal do Estado

do Pará”, executada sob a responsabilidade do Sistema Nacional de Emprego do Estado do Pará (SINE/PA), no período de outubro a novembro de 2001. A equipe era constituída por pesquisadores (alunos da pós-graduação ou da graduação) que realizavam estudos sobre a atividade pesqueira. Na divisão de tarefas, Danilson Cotu², Natasha Veloso¹⁰ e eu ficamos responsáveis por entrevistar os pescadores de Icoaraci. Os locais das entrevistas foram a sede da Colônia de Pescadores, o trapiche, a Associação de Pescadores Beira-Mar e alguns bairros do distrito, com concentração de famílias de pescadores. Ao todo, foram entrevistados 103 (cento e três) pescadores, em Icoaraci, que desenvolviam atividades na pesca artesanal, sendo homens e mulheres¹¹.

De acordo com esse levantamento de campo, observei situações relevantes pertinentes ao mundo feminino em Icoaraci, principalmente com relação à pesca. Assim, percebi que a necessidade de complementação da renda familiar, praticamente, “obriga” a que as mulheres, entre famílias de pescadores, desempenhem atividades, remuneradas ou não, além das desenvolvidas em âmbito doméstico. Em muitos casos, tecem redes de pesca, atuam como pescadoras de mariscos (camarão e siri) com armadilhas artesanais e, ainda, detectei um caso em que a mulher é a responsável pela administração do dinheiro ganho na pesca pelo homem, tanto para o orçamento doméstico, como também pelas “finanças” da pesca do marido/companheiro, o que inclui responsabilizar-se pela manutenção do barco e por efetuar o pagamento dos tripulantes¹².

Com essa espécie de primeira experiência de campo, um plano de atividades para concorrer ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq (PIBIC/CNPq) foi preparado e aprovado, cuja temática consistiu na análise da participação feminina na produção e reprodução familiar¹³. O pano de fundo para análise construiu-se tendo como referência o Projeto de Pesquisa Abordagem Sociológica sobre Populações Tradicionais e Reordenação

¹⁰ Alunos de graduação do Curso de Ciências Sociais da UFPA na época.

¹¹ O relatório não especifica o número de entrevistados por gênero na RMB. Diz, apenas, que 10% da amostra total (1.215 pescadores de todo o Estado do Pará) é de mulheres.

¹² Fui responsável, nesta pesquisa, por trinta e quatro entrevistas, sendo duas mulheres. Conheci outros três casos da participação feminina nas atividades de pesca por três pescadores com quem conversei.

¹³ As pesquisas que desenvolvi na qualidade de bolsista de iniciação científica foram orientadas pela professora Maria Cristina Alves Maneschy, do Departamento de Sociologia/UFPA.

Social no Pará, que, por sua vez, procurava investigar como populações que têm a sustentabilidade pautada no acúmulo de saberes nas relações com o meio ambiente, saberes esses repassados de geração em geração, responderam ao processo de transformação social em curso na região como parte das políticas de modernização capitalista.

O trabalho realizado para o primeiro período de vigência da bolsa – agosto de 2002 a julho de 2003 –, intitulado *Papéis Femininos na Reprodução Social de Famílias de Pescadores em Icoaraci, Belém/Pa*, tinha por objetivo a compreensão dos papéis femininos entre famílias que dependem da atividade pesqueira. Investiguei quais atividades as mulheres realizavam em casa e na pesca para a manutenção do grupo familiar.

Parti do pressuposto que a presença da pesca industrial nesta região, entendida como parte das políticas desenvolvimentistas, reforçou a distinção entre os espaços de atuação entre homens e mulheres no setor pesqueiro (MELLO, 1985 e 1993; MANESCHY, 1995; LOUREIRO, 1985 e 2001; LEITÃO, 1997). Percebi, neste sentido, que o aumento do período das viagens de captura remeteu as mulheres ao exercício de maiores responsabilidades na manutenção do lar, desempenhando atividades extra-domésticas como estratégia de manutenção e reprodução das famílias. Dentre as famílias contatadas, as mulheres assumem diversas atividades na esfera produtiva e reprodutiva. Esse contexto permitiu identificar a realização de atividades como vendas de alimentos (bolos, verduras, bombons caseiros de chocolate, “chopp¹⁴”, “tapioquinhas¹⁵”, “coxinha¹⁶”), costura sob encomenda e confecção de artesanato em crochê (sendo, usualmente, confeccionados panos de prato, peças para decoração de estantes de sala, centros de mesas e capas para liquidificador), além dos trabalhos domésticos, desempenhados pelas mulheres, refletidos em uma espécie de “descontinuidade” na execução deles (ANDERSON, 2003).

¹⁴ Sucos de fruta congelados em sacos plásticos.

¹⁵ Polvilho extraído da mandioca, espalhado no fundo de uma frigideira quente até formar uma massa homogênea, e que pode ter como recheio uma camada de coco ralado, manteiga ou leite condensado.

¹⁶ Bolinho de massa pré-cozida de farinha de trigo, leite e manteiga, recheado com frango desfiado e temperado, que depois de preparado é levado para fritar, cujo formato lembra o de uma coxa de frango.

Na análise e apresentação dos resultados obtidos para compreensão dos papéis femininos na reprodução social de famílias de pescadores, fiz uma breve discussão sobre conceito de “papéis sociais”, concebidos enquanto “funções” estabelecidas e interpretadas para homens e mulheres, reforçados pela cultura (PASSOS, 1999; VIEZZER, 1989; LAVINAS; 1994; DURAN, 1983). Atentei para o fato de como as implicações de gênero influenciam as práticas de trabalho das mulheres em questão.

Como forma de subsidiar a discussão sobre a categoria de gênero no cenário acadêmico, no que diz respeito ao contexto que norteou sua utilização aos estudos que têm como pano de fundo as relações sociais entre homens e mulheres, realizei uma reflexão sobre os estudos realizados no Pará, enfatizando seus reflexos em comunidades pesqueiras.

Além disso, a conciliação das responsabilidades domésticas com extradomésticas envolve um cotidiano cheio de compromissos com a família. O dia a dia das mulheres em comunidades em que a sustentabilidade baseia-se na pesca começa por volta das cinco horas da manhã, estendendo-se até as onze da noite. Nos casos em que a atividade produtiva é realizada em casa, isto é feito costumeiramente à noite, começando entre oito e meia ou nove e horas da noite. Em contrapartida, as que trabalham fora, ao sair deixam o café da manhã pronto e no retorno à noite preparam almoço para o outro dia, varrem e arrumam a casa e, no fim de semana, dão conta do restante do serviço que se acumulou durante a semana.

De 2003 a 2004, ainda como bolsista de Iniciação Científica, a pesquisa prosseguiu com outro plano de trabalho, agora sob o título *Trajetória Ocupacional de Mulheres Membros de Famílias de Pescadores em Icoaraci, Belém/Pa*, tratando, também, do entendimento da participação das mulheres na manutenção doméstica, com destaque, desta vez, para as atividades desenvolvidas no sentido de assegurar renda. Os resultados apontaram que as mulheres de famílias de

pescadores desempenham uma série de atividades produtivas que, muitas vezes, são realizadas no próprio domicílio¹⁷.

Dentre tais atividades, as mulheres não desenvolvem somente aquelas ligadas diretamente com a pesca (que é recorrente, nessa atividade, ficarem em segundo plano), naquele sentido mais comumente considerado da captura propriamente dita. Deste modo, em alguns casos, pude perceber que executavam mesmo uma combinação de atividades, ligadas ao mundo da pesca ou não, a exemplo do conserto de redes de pesca e venda de alimentos. O trabalho das mulheres, como, aliás, já mostraram outros estudos feitos no Pará (FURTADO, 1993; MOTTA-MAUÉS, 1993; ÁLVARES, 2001), representa uma contribuição, por vezes considerável, para o orçamento doméstico, não apenas em termos de ganhos em dinheiro, mas em atividades que permitam uma “economia” de gastos. Daí, por exemplo, ser preferencial a participação não só da mulher, como também dos filhos na manutenção dos utensílios do pai-pescador.

Entretanto, em que pese tudo isso, a atividade produtiva feminina é entendida, em muitos casos, ou quase sempre nestes contextos, como “suporte” da atividade principal do marido, o que pode ser traduzido pela categoria “ajuda”, de que muitas vezes se utilizam para se referir a elas, até as próprias mulheres. Implica dizer que ao ingressar em atividades extra-domésticas, as mulheres não deixam de lado suas obrigações com o lar (ANDERSON, 2004).

No exame da mobilidade ocupacional feminina, os resultados revelam que as inserções e re-inserções são orientadas para complementação de renda, o que tem servido para compreender o desempenho de outras atividades produtivas que não estão relacionadas com a pesca (ANDERSON, 2003 e 2004). O baixo grau de escolaridade das entrevistadas aliado à união conjugal entre os 19 (dezenove) e 20 (vinte anos) de idade são alguns dos fatores que servem de explicativos para a diversidade da trajetória ocupacional de mulheres de pescadores.

Referindo ainda meu percurso, devo dizer que ao longo da revisão bibliográfica, pesquisa documental e trabalho de campo, participei de eventos

¹⁷ Por serem feitas no próprio domicílio, não são vistas pelas famílias como trabalho produtivo.

científicos sobre gênero, sendo alguns deles relacionados com trabalho, família e pesca, tanto na condição de ouvinte, como de apresentadora de trabalhos, em painel e comunicação oral, em co-autoria com minha orientadora na época, em eventos locais, regionais e nacionais. O primeiro deles abordou a dupla jornada de trabalho em casa e na pesca, dialogando com Álvares (2001) e Maneschky (2001), que estudavam questões semelhantes em Mosqueiro e Vigia, respectivamente. Em outras oportunidades, enfatizei mais o trabalho da casa e, em outros, o trabalho extra-doméstico¹⁸. Ademais, apresentei trabalhos em co-autoria com pesquisadoras que também estudam gênero, do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará¹⁹. As comunicações apresentadas caminhavam para a necessidade de compreender, com mais profundidade, como as mulheres articulam as responsabilidades no cotidiano.

Face ao exposto, meu trabalho de conclusão de curso constituiu-se por uma espécie de “união” dos relatórios de dois anos de Iniciação Científica. Ficou com o

¹⁸ Os principais são: ANDERSON, Kirla; MANESCHY, Maria Cristina Alves. **Atividades Femininas em Icoaraci, Belém/PA:** entre as tarefas domésticas e o espaço da pesca. In: 55ª Reunião Anual da SBPC, 2003, Recife-PE. Anais da 55ª Reunião Anual da SBPC, vol. 1 [CD-ROM]; ANDERSON, Kirla; MANESCHY, Maria Cristina Alves. **Gênero e Pesca na Comunidade do Furo do Maguari em Icoaraci, Belém/PA.** In: V Seminário de Pesquisa da Unama / VI Seminário de Iniciação Científica. 08 e 09 de setembro de 2003, Universidade da Amazônia, Belém-PA; ANDERSON, Kirla; MANESCHY, Maria Cristina. **Mulher e Manutenção Doméstica:** O caso de Icoaraci, Pará. In: VII Encontro de Iniciação Científica / III Encontro de Pós Graduação. 15 a 17 de outubro de 2003, Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos-SP; ANDERSON, Kirla; MANESCHY, Maria Cristina. **Papéis Femininos na Reprodução Social de Famílias de Pescadores em Icoaraci, Belém/PA.** In: XIV Seminário de Iniciação Científica da UFPA. 03 a 07 de novembro de 2003, Universidade Federal do Pará, Belém/PA; ANDERSON, Kirla; MANESCHY, Maria Cristina Alves. **Trabalho Produtivo e Reprodutivo de Mulheres na Pesca em Icoaraci, Belém/PA.** In: Anais do Simpósio Amazônia, Cidade e Geopolítica das Águas, agosto de 2003, no Grupo de Trabalho “Gênero e Trabalho: Dimensões Amazônicas”, no Auditório do Hotel Beira Rio, em Belém/PA; ANDERSON, Kirla; MANESCHY, Maria Cristina Alves. **Mobilidade Ocupacional Feminina como Estratégia de Reprodução Social de Famílias de Pescadores.** In: 56ª Reunião Anual da SBPC, 2004, Cuiabá-MT. Anais da 56ª Reunião Anual da SBPC, vol. 1 [CD-ROM]; ANDERSON, Kirla; MANESCHY, Maria Cristina. **Mudanças Econômicas e Papéis Sociais:** Características da Mão-de-Obra Feminina na Região Metropolitana de Belém. In: II Encontro Centro Oeste Norte do PET. 10 a 14 de abril de 2004, Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém-PA; ANDERSON, Kirla; MANESCHY, Maria Cristina. **Trajetória Ocupacional de Mulheres Membros de Famílias de Pescadores em Icoaraci/PA.** In: XV Seminário de Iniciação Científica da UFPA. 08 a 12 de novembro de 2004, Universidade Federal do Pará, Belém/PA.

¹⁹ São eles: ANDERSON, Kirla; PANTOJA, Ana Kelly; CARDOSO, Denise Machado. **Gênero, urbanização e qualificação profissional em Belém/PA.** In: 56ª Reunião Anual da SBPC, 2004, Cuiabá / MT. Anais da 56ª Reunião Anual da SBPC, v. 1. [CD-ROM]; e ANDERSON, Kirla; FREITAS, Martha. **Formas de Participação Feminina no Espaço Público.** In: I Jornada de Iniciação Científica do PET, 2006, Belém. Anais da I JIC PET, vol. 1 [CD-ROM].

título *Analisando Gênero, Pesca e Reprodução Social em Icoaraci/PA*²⁰, consistindo na análise dos papéis femininos na reprodução social de famílias de pescadores, neste distrito do Município de Belém, com ênfase nas atividades domésticas e extra-domésticas desenvolvidas pelas mulheres. Os resultados alcançados permitem inferir que os papéis femininos na reprodução social de famílias de pescadores implicam na mobilidade ocupacional dessas mulheres, como forma de garantir a provisão do grupo doméstico. A trajetória ocupacional delas é marcada, assim, por entradas e saídas do mercado de trabalho, movimento que é influenciado por sua posição social diante da família. A intersecção das esferas de atuação feminina em Icoaraci envolve a organização e administração cotidiana de tais atividades, o que leva em consideração fatores como os valores vinculados às diferenciações e aos papéis de gênero, como mostro a seguir:

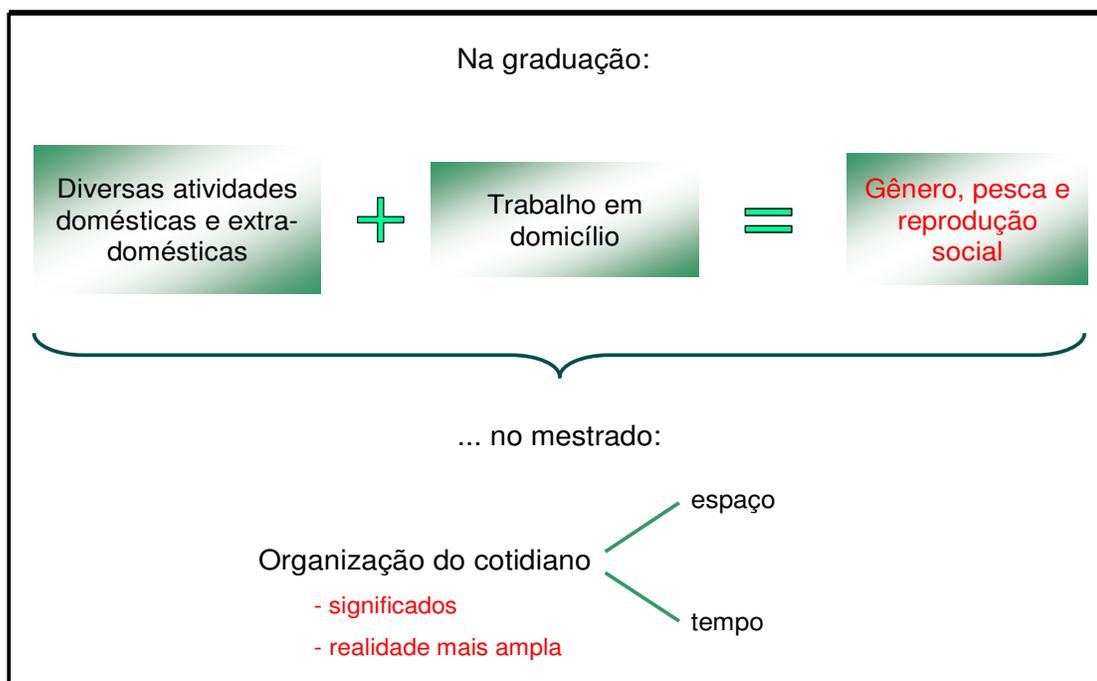


Figura 2: A construção de uma questão.

²⁰ Este trabalho (assim como os de Iniciação Científica já referidos) também foi realizado com a orientação da professora Maria Cristina Alves Maneschy, do Departamento de Sociologia/CFCH/UFPA.

Estudar os papéis femininos na família e a trajetória ocupacional das mulheres significou, num primeiro momento, articular as categorias gênero e trabalho. A este exercício de compreensão dei o nome de “analisando gênero, pesca e reprodução social”. Na segunda etapa, que corresponde ao mestrado em Sociologia, continuei a temática de entendimento das responsabilidades assumidas pelas mulheres, incluindo homens e crianças, a partir do conhecimento da organização e execução das tarefas na vida diária. Incluí, além das categorias mencionadas, a de cotidiano (que envolve as dimensões de espaço e de tempo) na análise, considerando a incidência dos significados sociais vinculados às atividades por gênero na prática de trabalho dos agentes em âmbito familiar e extra-doméstico.

Neste sentido, propus uma abordagem analítica das percepções sociais dos indivíduos com relação aos aspectos simbólicos e sociais (o que pensam e como fazem) suas práticas diárias. Tomo como referência Motta-Maués (1993), que tratou dos significados das atribuições femininas em Vigia, e Maneschy (1995), que estudou os trabalhos de mulheres de famílias de pescadores no Pará, destacando seu afastamento da pesca no ambiente urbano.

Diante do encaminhamento dado ao tema e de certa experiência de campo descritos anteriormente, meu objetivo consistiu no estudo substancial e na construção etnográfica, com a densidade exigida, do cotidiano das atividades familiares, mais especificamente no tocante ao tempo e ao espaço de atuação feminina.

1.3 POR UMA LEITURA SÓCIO-ANTROPOLÓGICA

Interpretar o cotidiano de famílias de pescadores requer voltar a atenção para a forma como organizam suas atividades em casa e na pesca, para, a partir daí e junto com isso, verificar a participação de homens e mulheres nessas esferas. As atividades diárias são organizadas conforme um “padrão”²¹ tradicional de aprendizado oral/visual, tanto na pesca como nas tarefas domésticas.

Captar como as diferenciações de gênero são pensadas, classificadas, atribuídas e assumidas envolve considerar que a organização das atividades de produção e de reprodução obedecem a um “padrão” de divisão por sexo, em que, de modo geral, às meninas se reserva o aprendizado das tarefas domésticas e aos meninos às atividades de pesca, principalmente. O caminho escolhido para a elaboração desta dissertação apóia-se na construção etnográfica, no sentido de situar o leitor no cenário estudado, como sugerem Malinowski (1978) e Geertz (1989).

Num primeiro momento, parte da teoria de trabalho de campo enunciada por Malinowski (1978), quando tratou do sistema de trocas materiais e simbólicas do comércio do Kula, nas ilhas do sul do Pacífico. Nesta ocasião, o autor apresenta uma descrição dos métodos utilizados, realizando uma reflexão sobre o método etnográfico:

A meu ver, um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta e das observações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor, baseadas em seu próprio bom senso e intuição psicológica. (MALINOWSKI, 1978, p. 18).

Por sua vez, Geertz (1989), ao reunir alguns de seus trabalhos e publicá-los numa coletânea, deu destaque para as observações de campo, tomando como eixo de análise a cultura. O estudo de questões empíricas tratadas pelo autor

²¹ O uso dessa palavra entre aspas significa levar em conta os modelos de referência para atuação, o que não quer dizer regra. Nas comunidades em estudo, as referências são organizadas por sexo e idade, orientando a distribuição de tarefas diferentes para homens e mulheres na pesca e na família.

como um trabalho artesanal, no qual se faz imprescindível a descrição dos aspectos que compõem a vida social, falando de uma “descrição densa”.

Ainda com Geertz (1989), este tipo de esforço intelectual representa, para a Antropologia, a etnografia. Seu objetivo repousa na observação e interpretação de como as ações são produzidas, percebidas e interpretadas pelos agentes, o que, no caso deste estudo, favorece ao entendimento do cotidiano de famílias de pescadores.

Compreender de que maneira as expectativas de gênero influenciam as práticas de trabalho em Icoaraci requer, primeiramente, considerar a teia de significados na qual essas práticas se pautam. Geertz (1989, p.19) diz que os dados coletados em campo constituem a nossa “construção da construção de outras pessoas”. Neste sentido afirmo que, entre as pessoas de que trata este trabalho, a organização das atividades no contexto familiar obedece a um “padrão”, a uma “gramática”, tradicional de divisão do trabalho, em que, mesmo sem que se dêem conta disso (como sempre acontece com nossa obediência às regras sociais), observa-se que as mulheres priorizam, nos seus afazeres diários, o trabalho doméstico e os cuidados com a família.

Assim, Geertz (1989) diz que a Antropologia permite uma leitura do que acontece na realidade social. O pano de fundo para a interpretação das práticas sociais é a teia de significados que formam a cultura. Neste ponto, dar atenção ao ponto de vista do autor é muito importante, o que significa, de todo modo, dar atenção ao sentido subjetivamente visado à ação, como definiu Weber (1991), como sendo o objeto de estudo da Sociologia.

A organização social da pesca baseia-se em saberes tradicionais, passados oralmente de geração em geração, sobre o ambiente, especialmente aquático (mares, rios, lagos), tecnologias de construção naval e instrumental de captura e beneficiamento do pescado, processo de produção, alocação da força de trabalho e estratégias de comercialização (DIEGUES, 1983; MOTTA-MAUÉS, 1993; MALDONADO, 1993). Leitão (1997) destaca, ainda, que a pesca acompanha o movimento dos cardumes, caracterizando a sazonalidade.

Os arranjos sociais em torno da atividade pesqueira envolvem a divisão de esferas de trabalho, obedecendo a critérios como sexo e idade. Em sociedades pesqueiras, tal divisão pressupõe às mulheres as atividades em terra e aos homens as atividades no mar, ou seja, beneficiamento do pescado ou conserto de redes e captura em alto mar, respectivamente. Tal divisão sexual do trabalho é verificada por autores que estudaram a organização social de sociedades pesqueiras, a exemplo de Maneschy (1995 e 2001), Furtado (1987), Motta-Maués (1993 e 1999), Woortmann (1992) e Alencar (1993), em comunidades afastadas dos centros urbanos.

Furtado (1987) e Leitão (1997), estudando sociedades pesqueiras no Pará, oferecem subsídios para considerações sobre formas de trabalho de populações pesqueiras. As autoras afirmam que a identidade do pescador artesanal constrói-se e define-se “mesmo”, como diz Leitão (1997), a partir da definição e separação de espaços de atuação de homens e mulheres no processo produtivo. A pesca é a atividade principal de subsistência das comunidades. Por este motivo, o trabalho assume uma relação de dependência, adaptação e controle da natureza. Os pescadores acompanham o ritmo dos cardumes. No período do verão, por exemplo, quando as águas estão mais baixas, a pesca é mais farta; em compensação, no inverno, a pesca é mais escassa. Assim, a atividade pesqueira apresenta a característica de sazonalidade, o que remete as famílias que dependem dela à articulação com outras atividades, como o extrativismo e a agricultura, para complementar a subsistência e a comercialização, se for o caso.

Direcionando atenção para as formas de vida no lugar de origem das famílias aqui estudadas, homens e mulheres trabalhavam com atividades de roça e pesca, obedecendo a um padrão tradicional de “divisão” social e sexual do trabalho. Aos homens cabia o domínio do mar e para as mulheres as atividades de terra, no caso nas roças dos quintais. Em Icoaraci, este modo de vida vai sofrer algumas alterações.

Neste sentido, posso dizer que a pesca artesanal ainda é a atividade principal dessas famílias, mas as formas de organização passam a ser diferentes – no que diz respeito à inserção de homens e mulheres nas atividades. Em

determinados períodos do ano, a pesca não é mais conciliada com o extrativismo ou com a roça, mas com trabalhos temporários como vendas e construção civil, para os homens, e serviço doméstico remunerado e vendas para as mulheres (VELOSO, 2005; ANDERSON, 2005a).

A própria dinâmica de divisão de atividades “de beira” e “de pesca” assume um contexto diferenciado em Icoaraci. As atividades de “beira”, como o conserto e confecção de redes e pesca em águas rasas, não são realizadas, predominantemente, pelas mulheres. Sobre isso, elas argumentam que não desenvolvem tais atividades porque se ocupam de outras, relacionadas à esfera doméstica.

Tomando como referência para análise os trabalhos extra-domésticos, partindo da trajetória ocupacional das mulheres, por exemplo, a organização dos trabalhos acontece a partir de um critério de “divisão” sexual e social do trabalho que começa a vigorar ainda na infância. Elas ajudam nos serviços de roça e de pesca, com maior frequência no primeiro, e nos trabalhos domésticos²², o que serve, inclusive, de justificativa para dizer por que deixam os estudos muito cedo.

Ainda em se tratando da organização do processo produtivo da pesca, estudiosos da questão de gênero, na maioria dos casos mulheres, mostram que as divisões nas esferas de trabalho masculina e feminina não correspondem a distinções técnicas e, sim, sociais e políticas, reforçadas e produzidas pela cultura (ALENCAR, 1993 e SOUZA-LOBO, 1991).

Alencar (1993) trata sobre o trabalho feminino na pesca artesanal e utiliza para as mulheres a denominação de “trabalhadoras de terra”, além de “pescadeiras”. De acordo com MANESCHY (1994, p, 253), as mulheres desempenham atividades no espaço doméstico e/ou na “beira da praia”, através do conserto de apetrechos de pesca, da secagem e da salga do pescado: “(...) segundo o padrão de divisão do trabalho nas comunidades pesqueiras, são em

²² Fazendo a descrição dos afazeres femininos numa “escala” do mais ao menos realizado teríamos tarefas domésticas – roça – pesca.

geral os homens que vão ao mar, enquanto as mulheres se ocupam das atividades terrestres, sobretudo as realizadas em âmbito doméstico (...).”

Motta-Maués (1999) interessa-se em discutir algumas questões pontuadas por estudiosas das relações de gênero, preocupando-se com a produção acadêmica nesta linha de pesquisa, debruçando-se em teses e dissertações das décadas de 1970 e 1980, período em que retrata o surgimento e desenvolvimento dos estudos sobre relações de gênero. Direciona atenção para investigações construídas em comunidades pesqueiras.

A referida autora salienta que a própria definição êmica do termo pesca já traz em si uma atividade definida socialmente como masculina. A pesca é pensada e tratada, muitas vezes, apenas pelas tarefas de captura. Isto contribui para pensá-la como predominantemente masculina, tanto na comunidade como para os pesquisadores. Neste sentido, propõe uma interpretação mais ampla sobre gênero e pesca, o que permite sinalizar diferenças de percepções e interpretações da construção dos “papéis” sociais.

Conforme investiguei em Icoaraci, além das atividades domésticas, outras – as chamadas extra-domésticas – aparecem na vida diária das mulheres. Elas tecem redes de pesca para familiares e/ou vizinhos, vendem alimentos a porta de casa, realizam atividades domésticas remuneradas em outros domicílios, costuram sob encomenda, vendem artesanato... No dia a dia, porém, as tarefas do lar merecem prioridade. Para dar conta dos compromissos, as entrevistadas acordam em torno das cinco horas da manhã e dormem entre dez e onze horas da noite. São as primeiras que se levantam e as últimas que se deitam, o que não é, aliás, nada inusitado em se tratando de relações tradicionais de família.

Tanto quanto diz Escallier (1999), para as mulheres da Vila de Nazaré que ela investigou em Portugal, posso dizer também que para as mulheres de Icoaraci essas tarefas e encargos são “características naturais”, que pertencem ao leque de “obrigações” técnicas, sociais e econômicas femininas.

Diante do que venho tratando, minha temática principal reside na compreensão da participação feminina e masculina na manutenção doméstica de

famílias de pescadores, dando ênfase aos espaços e ao tempo de trabalho das mulheres nas tarefas domésticas e extra-domésticas, partindo do exame do seu cotidiano, com atenção aos motivos e percepções delas mesmas e dos outros sobre suas práticas de trabalho. Como já foi dito, o estudo fundamentou-se na perspectiva sócio-antropológica de procurar considerar a incidência dos valores sociais vinculados às diferenciações e atribuições de gênero, nas práticas de trabalho das agentes, mulheres membros de famílias de pescadores, tanto no âmbito familiar doméstico, quanto extra-doméstico.

Valendo-se de diferentes processos de socialização, Woortmann (1992), estudando várias comunidades de famílias de pescadores no litoral do Rio Grande do Norte, diz haver uma relação entre o espaço, a construção do gênero e a situação feminina na pesca. Fazer parte da sociedade envolve aprender suas regras, e isso, por sua vez, remete a situações de como o indivíduo se vê e é visto pelo grupo. Por isso, falamos de identidade.

Para Woortmann (1992), entender a questão da identidade do pescador envolve a classificação de gênero e, conseqüentemente, de espaço que homens e mulheres ocupam na estrutura social, dependendo do contexto em que se produz o discurso. No exame das atividades cotidianas, a autora argumenta que a agricultura faz parte das atividades cotidianas e que são de domínio feminino e as marítimas dos homens. Afirma que as atividades das mulheres são cruciais para a reprodução social do grupo doméstico, como da comunidade de um modo geral.

Escallier (1999) é outra autora que se ocupa em apreender a organização social e econômica das práticas de comunidades pesqueiras. A autora aponta que as mulheres de famílias de pescadores são as principais articuladoras da rede social, uma vez que são responsáveis pela comercialização do pescado e pelas finanças do domicílio.

Recorrendo mais uma vez a Furtado (1987) e, agora também, a Adrião (2003), que estudou a influência que a atividade turística desencadeou na

organização social e espacial da população do bairro da prainha²³, em Salinópolis/PA, vemos que por mais que a pesca seja considerada a atividade principal das comunidades, os pescadores artesanais ainda desenvolvem outras tarefas para complementar a renda e o próprio consumo (em função da sazonalidade e/ou de outros fatores). Furtado (1987) chama de “pescadores polivalentes”, termo que não se aplica somente ao pai-pescador, mas a todo o grupo doméstico. São os pescadores-agricultores, pois associam pesca, coleta, extrativismo e agricultura, de acordo com os padrões de divisão sexual do trabalho²⁴, e ocorre em maior frequência nas águas interiores, onde a unidade de produção é familiar e a pesca é sazonal.

Investigar as relações diárias de homens, mulheres e crianças em Icoaraci significou dar ênfase para como a cultura orienta o modo de ver e tratar o outro e o ambiente. Reajustar o olhar neste sentido se fez com atenção aos significados que atribuem ao seu trabalho. Ver e discutir essas questões foi possível em função de minha experiência prolongada em campo, que permitiu comparação de falas e situações, não se restringindo ao âmbito doméstico, mas incluindo, também, um caráter mais amplo.

O que pensam e o que fazem no dia a dia obedece às expectativas por gênero que são construídas culturalmente. Retomando Berger e Luckmann (1998), o conhecimento da vida diária corresponde ao entendimento de como as pessoas interpretam a realidade em que estão inseridas e conferem sentido à sua existência. Cumpre dizer que o cotidiano é formado pela interação de diversos indivíduos.

Prosseguindo nesta abordagem, Magnani (2002) propõe que estudar o cotidiano implica, também, dar ênfase à capacidade dos indivíduos estabelecerem contatos e relações, o que ele chama de sociabilidade e sistemas de troca no cenário urbano. Consiste na proposta de análise “de perto e dentro” que a

²³ O grupo pesquisado por Adrião (2003) constitui-se por pessoas que combinam pesca artesanal e pequena produção rural com trabalhos de caseiros e outros voltados para o veraneio.

²⁴ Almeida (2002), em exposição sobre a organização e execução sexual do trabalho em São Caetano de Odivelas / PA, discorre que, em geral, os homens são responsáveis pelas atividades de pesca e as mulheres pelas de roça.

etnografia pode prestar à compreensão da dinâmica cultural e das formas de sociabilidade nas cidades contemporâneas.

Portanto, a proposta é sócio-antropológica porque reúne um esforço amplo de análise. Contempla a perspectiva sociológica de verificar como os comportamentos individuais possuem relação com o contexto mais amplo. Além disso, senti a necessidade de olhar, interpretar e dar respostas mais consistentes sobre os significados sociais das atribuições por gênero no cotidiano familiar, que foi possível pelo chamado “olhar” antropológico.

1.4 PESQUISANDO ENTRE FAMÍLIAS: ABORDAGEM METODOLÓGICA E TRABALHO DE CAMPO

O desenvolvimento desta proposta de dissertação partiu, inicialmente, de pesquisa bibliográfica. Mais especificamente, mereceu destaque a literatura que privilegia o trabalho feminino de caráter considerado produtivo, como estratégia de sobrevivência do grupo doméstico, em comunidades que se baseiam na atividade pesqueira. A revisão bibliográfica foi efetuada em todo o curso de mestrado, destacando as categorias de gênero, cotidiano, família, pesca e ambiente urbano, com o propósito de subsidiar o olhar e a análise do fazer cotidiano em Icoaraci.

Consultas a documentos de órgãos públicos representaram a coleta de dados quantitativos sobre pesca, gênero e trabalho no Estado do Pará. Pesquisei o Anuário Estatístico do Município de Belém de 2006, elaborado pela Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão (SEGEP), para composição de tabelas sobre o percentual de mulheres que ingressaram no mercado de trabalho e as condições que têm acesso, em comparação aos homens. Elas ingressam em ramos de prestação de serviços, englobando os serviços domésticos remunerados freqüentemente realizados pelas mulheres de famílias de pescadores, o que está relacionado com a própria estrutura ocupacional da cidade.

A produção do espaço urbano no cotidiano foi outro item considerado. Direcionei atenção para a descrição do lugar que moram. Aliei minha observação com os dados presentes no diagnóstico sobre o perfil sócio-organizacional do pescador artesanal do Estado do Pará, elaborado pelo SINE-PA²⁵. Assim, identifiquei a infra-estrutura urbana disponível, preocupando-me em saber se dispõem e utilizam ou freqüentam igrejas, praças, escolas, postos policiais e hospitais; como também os equipamentos que têm em casa (fogão, geladeira, telefone, computador, rádio, etc.).

Na perspectiva de estudo do cotidiano, julguei importante salientar como produzem, reproduzem e dotam de significações o espaço. No processo de migração, as famílias em questão fixaram residência em locais próximos a parentes e vizinhos do lugar de origem, que Veloso (2005) chama de “laços tradicionais” presentes na migração. Neste contexto, justificam a troca de endereço para exercitar a oportunidade de escolhas na cidade e de usufruir da infra-estrutura urbana. A adaptação se fez com a utilização de saberes e práticas tradicionais (como a criação de animais para o consumo²⁶).

A obtenção de dados empíricos junto às comunidades estudadas se deu através de pesquisa de campo, com a utilização, de acordo com o conhecimento prévio da área, de entrevistas semi-estruturadas, abordando formalmente 35 (trinta e cinco questões), distribuídas em cinco itens principais: 1) informações pessoais, com perguntas sobre estado civil, escolaridade, ocupação principal e, se fosse o caso, tempo de residência em Icoaraci; 2) organização familiar, enfocando atividade principal da entrevistada, pessoas que residem no domicílio e divisão das atividades domésticas; 3) execução da atividade pesqueira, incluindo ritmo de trabalho do pescador e como a família participa do processo; 4) cotidiano, espaço e tempo na infância e nos dias de hoje, enfatizando o que, como e com quem aprenderam o serviço doméstico e se ensina (ou ensinou) para as crianças do domicílio (sem esquecer as diferenças por sexo); 5) informações

²⁵ Essa pesquisa contou com entrevista a 1.215 (mil, duzentos e quinze) pescadores artesanais filiados a 65 (sessenta e cinco) colônias de pescadores, destacando condições de trabalho, qualidade de vida, condições habitacionais e acesso a programas públicos de Seguridade Social (em especial ao seguro desemprego na época do defeso).

²⁶ Criam galinhas para o consumo da família.

adicionais sobre descrição de um dia de trabalho e o que acham da vida no bairro. O roteiro de entrevistas (ver anexo I) contava com questões abertas e permitiu que outras perguntas fossem feitas, a exemplo do contexto de formação do grupo, casamento e conjugalidade.

O estudo deu ênfase, portanto, aos motivos – explicações formuladas pelos agentes – que orientam sua relação com o trabalho, articulando tais motivações às condições objetivas em que se inserem, assim como os significados atribuídos, seguindo as orientações da construção social da realidade enunciadas por Berger e Luckmann (1998). A análise do material procurou destacar principalmente, embora não apenas, os discursos das mulheres sobre a temática gênero, trabalho, família e articulação entre as esferas de atuação femininas, sem deixar de lado – até pela necessidade de contraponto – as dos homens, como destaca Ferreira (1997), ao afirmar gênero como categoria de estudo das relações ente homens e mulheres, e sem esquecer suas faixas etárias.

Privilegiei a abordagem qualitativa no sentido de captar como as mulheres interpretam seus papéis na manutenção da família e como avaliam as influências das transformações sócio-econômicas, sobre a família, os homens e, mais especificamente, sobre sua condição de “mães de família”.

Goldenberg (2001), quando analisa a pesquisa qualitativa em Ciências Sociais, chama atenção para o pesquisador (re)aprender a olhar de maneira científica. Envolve compreender o outro em seu contexto e conforme suas explicações sobre seu modo de vida. Portanto, atentar para o que se diz e como se diz é peça importante para interpretação científica, como nas palavras da autora:

O reconhecimento da especificidade das Ciências Sociais conduz à elaboração de um método que permita o tratamento da subjetividade e da singularidade dos fenômenos sociais. Com estes pressupostos básicos, a representatividade dos dados na pesquisa qualitativa em Ciências Sociais está relacionada à sua capacidade de possibilitar a compreensão do significado e a “descrição densa” dos fenômenos estudados em seus contextos (...). (GOLDENBERG, 2001, p. 50).

Desta maneira, meu olhar em campo tomou como foco principal o ambiente familiar. Compreender o significado dos pensamentos e das ações que são construídas no cotidiano representou associar o discurso à situação em que foi produzido. Para isso, comparei as respostas entre si e com as situações que presenciei. A maneira que conduzi meu olhar teve como base o “relativizando” de Damatta (1987).

Isto foi possível porque, de acordo com Mills (1969) e Goldenberg (2001), a pesquisa científica é um processo que se constrói por etapas. Deste modo, torno a dizer que a construção que efetuei a partir das construções dos outros, citando mais uma vez Geertz (1989), debruçou-se na análise etnográfica de que falei no subitem anterior. Observar e interpretar as práticas cotidianas requer enfatizar a maneira como a cultura influencia a construção da identidade de gênero. Daí recorro à definição de fato social de Durkheim (2001), partindo do que isso significa para o grupo e como interfere nos comportamentos individuais.

Entrevistei 7 (sete) mulheres, sendo 4 (quatro) no Furo do Maguari e 3 (três) no Cubatão, ambas comunidades (como são chamadas pelos seus moradores) localizadas no bairro da Campina, em Icoaraci. Meus planos iniciais eram o de conversar com o mesmo número de mulheres nas duas comunidades, o que não foi possível. Em todas as casas em que estive fui bem recebida, mas não posso deixar de mencionar os casos em que não fui atendida por elas. No caso do Cubatão, no primeiro de dia trabalho, fui recebida apenas na terceira casa que bati, só que mesmo assim tive que marcar para o dia seguinte.

Esse exemplo revela a situação que o pesquisador enfrenta em campo. Mills (1969), ao discorrer sobre o artesanal intelectual, diz que o trabalho científico necessita que seja feito com imaginação, que chama de imaginação sociológica. Isto leva em conta não só a análise, mas a coleta de dados também.

O trabalho de campo foi realizado com a ajuda de membros da comunidade. Num desses momentos, “descobri” que um dos meus amigos de grupo de estudo

da universidade é filho de uma das entrevistadas²⁷. Ele nos²⁸ levou para visitar outras casas, inicialmente das irmãs casadas com pescadores e, posteriormente, dos vizinhos de maior intimidade. No lugar que cheguei por esta “indicação”, fui mais bem recebida, situação que não aconteceu no Cubatão. Em 2006, este rapaz foi morar em São Paulo e foi seu irmão que nos acompanhou às casas das entrevistadas.

O deslocamento para as comunidades era demorado. Levávamos em torno de uma hora no trajeto de ônibus e mais vinte minutos de caminhada até as comunidades. A viagem rodoviária, às vezes, demorava mais que isso porque os motoristas não cumpriam os horários e o ônibus fazia constantes paradas para embarque e desembarque de passageiros. Sobre este assunto, era comum os passageiros (e os próprios entrevistados) relatarem casos de violência e assaltos nos ônibus e nas ruas próximas às comunidades.

Em vista disso, além das entrevistas, o trabalho de campo priorizou a observação direta e conversas informais, como destaca Malinowski (1978). A observação dos fatos citados levou à compreensão, a partir da análise e descrição em detalhe, dos significados que compõem a realidade estudada. Goldenberg (2001) frisa que o objetivo das Ciências Sociais, mesmo numa perspectiva qualitativa, é o de uma atividade neutra e objetiva, buscando descobrir as regularidades que, no caso do meu estudo, ligavam-se à organização das atividades cotidianas. Por isso, procurei registrar que prioridades se repetem no fazer diário dessas famílias e, mais especificamente, dessas mulheres (sem esquecer o que há de específico neste contexto). As respostas para isso dizem respeito aos cuidados com a família, tanto para homens, como para mulheres (o que coloca as crianças no mesmo rumo).

²⁷ Além de bolsista PIBIC / CNPq, participei (e ainda participo) do Projeto Extracurricular Temático / Grupo de Trabalho em Ciências Sociais (Pet/GT/CS), cujo trabalho consiste em desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão por alunos de graduação, por meio de orientação continuada ao longo do curso por professores-coordenadores. Este grupo é um desdobramento do Programa de Educação Tutorial do Ministério da Educação, que conta com duzentos e noventa e oito grupos pelo Brasil, e desenvolve atividades em conjunto com os demais grupos do Pará. Entre estes, há o PET Física em que este amigo era integrante na época.

²⁸ O trabalho de campo foi realizado por mim e por outra pesquisadora, que também coletava dados para sua dissertação de mestrado.

O estudo das referidas comunidades permitiu compreender o cotidiano local, até onde foi possível, mas também proporcionou um diálogo com a realidade mais ampla em que as famílias estão inseridas. Isto se fez graças à observação, neste estudo, ao destaque feito por Geertz (1989), ao dizer que estudamos na(s) comunidade(s) e não a(s) comunidade(s). Investigar o cotidiano de famílias que dependem da atividade pesqueira permitiu vislumbrar a relação da pesca no cenário local e regional, como também perceber que o estudo da trajetória ocupacional revela condições de vida e trabalho nos centros urbanos e em cidades do interior, conectando o indivíduo com o contexto social e histórico (GOLDENBERG, 2001; DURKHEIM, 1984).

Em vista do que foi discutido, quantificar e qualificar serviram para uma abordagem mais ampla da temática. Com os dados quantitativos, busquei observar a frequência numérica do fenômeno. A abordagem qualitativa permitiu observar como os indivíduos experimentam e interpretam a realidade pesquisada, dando ênfase aos elementos da vida social que não podem ser quantificáveis (sentimentos, crenças, expectativas, reciprocidade...).

CAPÍTULO 2 – PESCADORES NO MEIO URBANO

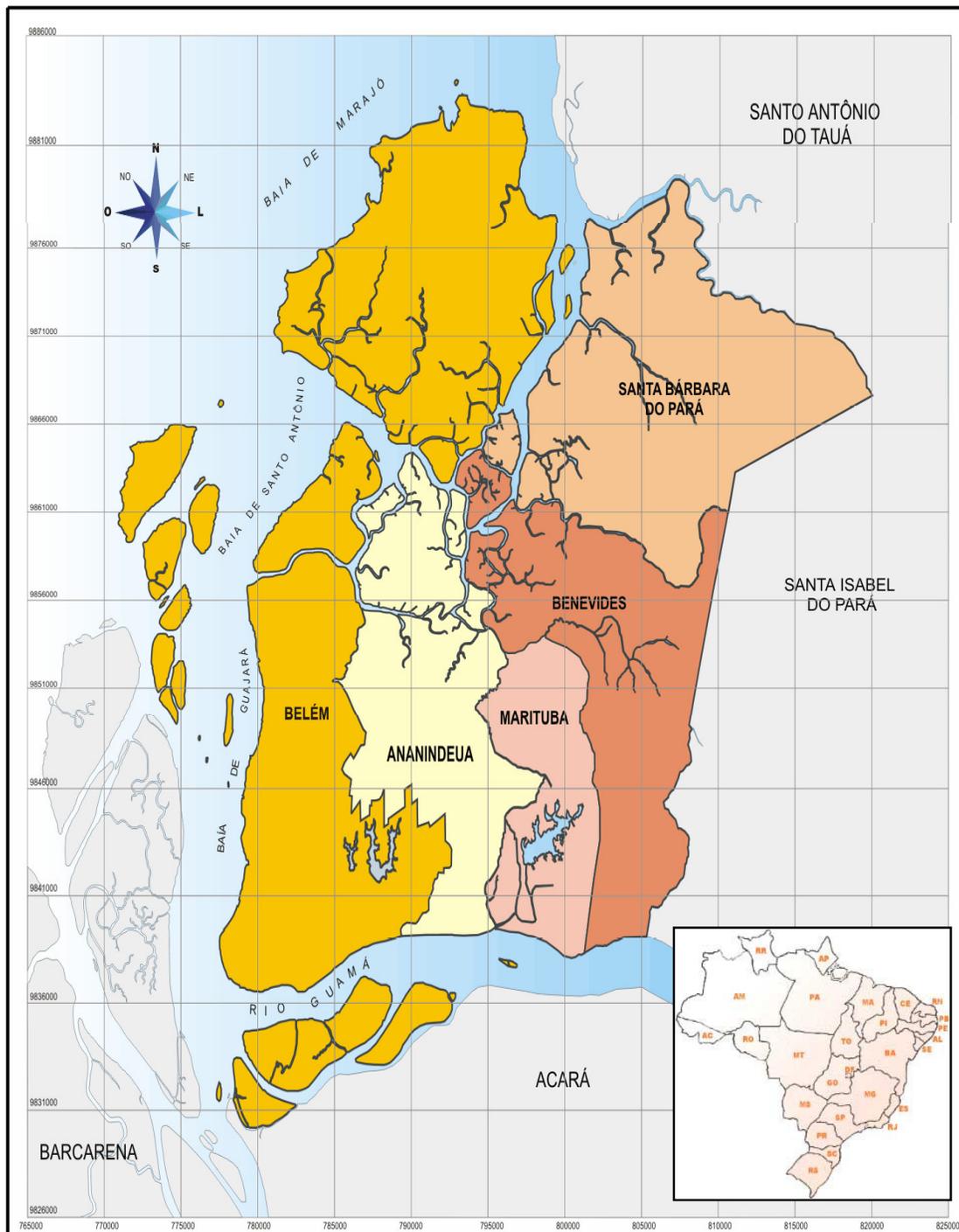
2.1 ASPECTOS GERAIS DA ÁREA DE ESTUDO

Meu estudo para esta dissertação concentrou-se em Icoaraci, um distrito de Belém, capital do estado, em um bairro próximo, que é formado por duas comunidades de famílias de pescadores. Está distante há, aproximadamente, 18 km do centro dessa cidade, fazendo parte de sua Região Metropolitana (RMB), formada pelos municípios de Belém, Ananindeua, Marituba, Santa Bárbara e Benevides (TRINDADE JÚNIOR, 1998), e sua formação está relacionada com o processo de crescimento urbano da década de 1980, como mostra o mapa 1.

De acordo com dados do Anuário Estatístico do Município de Belém, elaborado pela SEGEP, em 2006, a população da RMB é pouco mais de dois milhões de pessoas. Deste total, 1.280.614 (um milhão, duzentos e oitenta mil e seiscentos e quatorze pessoas) residem no município de Belém, sendo que 99,35% da população reside na zona urbana e 0,65% na zona rural²⁹.

²⁹ Esta percentagem corresponde aos habitantes do Distrito de Mosqueiro e no Distrito de Outeiro.

MAPA 1 – Região Metropolitana de Belém



Fonte: SEGEP, 2006.

Baseado na cartografia digital de 1998 da Companhia de Desenvolvimento da Área Metropolitana de Belém – CODEM.

Escala: 1:250.000.

Falando do município de Belém, há de se considerar que sua administração realiza-se através da regionalização em Distritos, totalizando 8 (oito): Distrito Administrativo-Icoaraci (DAICO), Distrito Administrativo-Mosqueiro (DAMOS), Distrito Administrativo-Outeiro (DAOUT), Distrito Administrativo-Bengui (DABEN), Distrito Administrativo-Entroncamento (DAENT), Distrito Administrativo-Sacramenta (DASAC), Distrito Administrativo-Belém (DABEL) e Distrito Administrativo-Guamá (DAGUA), conforme publicação do Diário Oficial do Município de Belém, 1994.

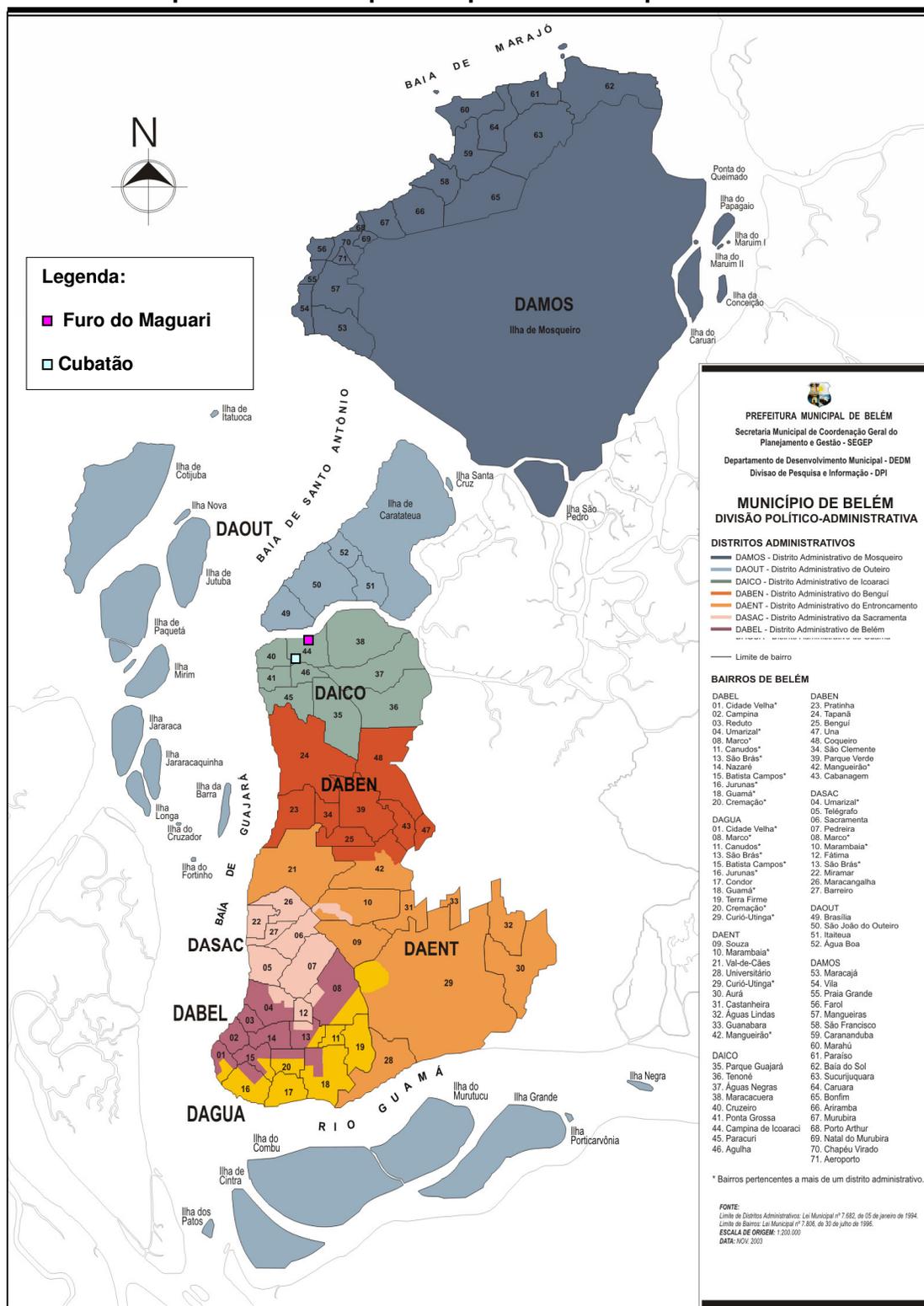
Especificamente, o Distrito de Icoaraci (ou simplesmente Icoaraci) é banhado pelos rios Maguari e Maracacuera e pela Baía de Guajará e, atualmente, é formado pelos bairros de Águas Negras, Agulha, Campina de Icoaraci, Cruzeiro, Maracacuera, Paracuri, Parque Guajará, Ponta Grossa e Tenoné, e abriga 10,40% da população do município (TABELA 1).

Tabela 1 – Distribuição da População de Belém nos Distritos

<i>Local</i>	<i>Valores</i>	
	<i>Absoluto</i>	<i>Porcentagem (%)</i>
DAICO	133.150	10,40
DAMOS	27.896	2,17
DAOUT	26.225	2,04
DABEN	237.303	18,55
DAENT	116.561	9,10
DASAC	249.370	19,47
DABEL	140.574	10,97
DÁGUA	349.535	27,30
Total	1.280.614	100

Fonte: SEGEP, 2006.

Mapa 2 – Distritos que Compõem o Município de Belém



Fonte: SEGEP, 2006.

De acordo com Cotu (2003), com base em dados oficiais, o Distrito de Icoaraci surgiu a partir de uma vila que foi fundada em 1869, surgido de um povoado conhecido como Ponta de Mel e transformado, em 1895, já no período republicano, em Vila Pinheiro. Anos mais tarde, em 1943, por meio de decreto assinado pelo então interventor Magalhães Barata, fixou-se a divisão administrativa e judiciária do Estado, momento em que a Vila Pinheiro (ou simplesmente Pinheiro) passou a ser chamada de Icoaraci. Sua Agência Distrital foi promulgada pela lei nº 7.682, de 05 de janeiro de 1994.

Atualmente, entre as atividades econômicas desenvolvidas no local estão indústrias portuárias e comerciais, destacando-se uma cervejaria, indústrias de pesca, madeiras, serrarias, fabricação de artesanato, principalmente de cerâmica (AVIZ, 2002).

Considerando a atividade pesqueira, em especial, Aviz (2002) mostra que grande parte das indústrias de pesca localiza-se ao longo da rodovia Arthur Bernardes, eixo de ligação entre Belém e Icoaraci³⁰. Com a pesquisa que desenvolvi *in loco*, foi possível detectar, além disso, a presença de indústrias também na extensão do Rio Maguari, em Icoaraci, próximo às comunidades deste estudo.

Sobre este mesmo aspecto, ao tratar da localização das empresas de pesca, Penner (1980), em um dos primeiros estudos de cunho geográfico e sociológico sobre esse setor no Pará, argumentou que sua distribuição em Belém levou em consideração, primeiramente, os fatores econômicos. As categorias utilizadas perpassam a facilidade para aquisição de matéria-prima, alta oferta de mão-de-obra, garantia de mercado consumidor, bem como as vantagens oferecidas, àquela altura, pela política governamental de isenções fiscais. Essa autora chamou atenção, ainda, para a divisão sexual de trabalho nesse ramo industrial, referindo a importância da mão de obra feminina nas fábricas de processamento de pescado.

³⁰ O objetivo principal da instalação destas indústrias era para a exportação da matéria-prima principalmente para o mercado internacional, potencializando os recursos pesqueiros da região.

Icoaraci destaca-se na história paraense, principalmente quando analisado pelo ângulo da instalação de indústrias pesqueiras. Mello (1985 e 1993) enfatiza que ocorreram mudanças significativas no que concerne ao uso de tecnologia e à organização do trabalho, quer na separação entre o processo de captura e beneficiamento, quer quanto aos sujeitos envolvidos nessa ação, em comparação com os padrões artesanais de pesca que prevaleciam até então.

No Pará, vários pesquisadores interessados em entender os reflexos da tendência desenvolvimentista de modernização na Amazônia ocuparam-se em estudar a atualização e as reverberações de tais políticas na vida das populações tradicionais, direcionando sua atenção, em particular, para comunidades pesqueiras (LOUREIRO, 2001; MANESCHY, 1995 e 2001; MELLO, 1985 e 1993; FURTADO, 1987; e LEITÃO, 1997). Estes autores consideram que as inovações técnicas de conservação do pescado, as rodovias e as facilidades de transporte, bem como a instalação de indústrias pesqueiras, de 1970 em diante, alteraram substancialmente a participação de homens e mulheres nos trabalhos de pesca.

A pesquisa de Mello (1985), feita no início dos anos 80, entre outras coisas, deteve-se em analisar como “a pesca sob o capital” – título de seu livro – manifestava-se na utilização dos trabalhos dos homens e das mulheres. Através de entrevistas junto a empresários da pesca, o autor observou justificativas apontadas para a mulher estar atuando no beneficiamento do pescado. Mello (1985) obteve respostas de que ela teria “mais paciência” para esse tipo de serviço, que envolve tarefas minuciosas e repetitivas, como limpar e cortar o pescado em tiras finas, a fim de resguardar a qualidade do produto. Do mesmo modo, ela não pode sair ao mar, por se tratar de um trabalho “pesado”, conforme as acepções correntes.

Portanto, na compreensão das práticas de trabalho das mulheres, é necessário considerar as expectativas de gênero, que circunscrevem as

possibilidades de sua inserção no trabalho a determinados setores, em determinados momentos e situações³¹.

Em termos mais amplos, a modernização que ocorre na Amazônia, a partir desse período, coloca em primeiro lugar a prosperidade econômica para as grandes empresas. As idéias de progresso e desenvolvimento estavam interrelacionados e representavam, juntas, cifras em dinheiro. Para tanto, a modernização para o país, e para a Amazônia, seria alcançada através das mãos “estrangeiras”³², os grupos econômicos (LOUREIRO, 1985 e 2001; MELLO, 1985 e 1993; LEITÃO, 1997).

A implantação do Complexo Industrial Pesqueiro no Pará³³, nesse período, especializando sua concentração no Distrito de Icoaraci, refletiu-se na separação no processo de beneficiamento do pescado, caracterizando, de um lado, o departamento industrial, ou o trabalho de terra, e, de outro, o departamento de captura, ou trabalho no mar (MELLO, 1985 e 1993). A justificativa dada para a separação em dois setores distintos no processo produtivo da pesca recai sobre o fato de o produto final – peixes ou camarões processados – ter que corresponder às expectativas do consumidor urbano, particularmente do exterior, já que parte dessa produção é para exportação.

A onda desenvolvimentista (via industrialização) planejada e praticada na Amazônia acompanhou o próprio processo de desenvolvimento do sistema capitalista. Castells (1999) discute que o desenvolvimento do capitalismo encontra-se em evidência com as crescentes inovações tecnológicas. O progresso tecnológico ocorrido a partir da década de 1970 está associado, de certa forma, a um tipo de comportamento, chamado pelo autor de “cultura da

³¹ A discussão que envolve as diferenciações de gênero salienta que a partir da consideração do sexo biológico são determinados diferentes processos de socialização, que permeiam as relações de homens e mulheres. Para Lavinias (1994), o discurso que enraizou a família enquanto domínio da **esfera privada**, o espaço da vida doméstica, das relações de dependência e, conseqüentemente, do espaço feminino, contrasta com o **espaço público**, característico dos interesses impessoais, campo do político e dos negócios, denota a “área” de atuação masculina.

³² Estrangeiras por não se fazer pelos moradores do lugar.

³³ A pesca industrial caracteriza-se por ser um complexo integrado pela frota pesqueira (captura) e pelas indústrias de beneficiamento do pescado.

liberdade”. Aliada a isso, a revolução tecnológica teve início e difundiu-se num período em que o capitalismo passava por um processo de reestruturação global.

Neste período, na produção do espaço urbano, em âmbito nacional, e na Amazônia, especificamente, a industrialização tardia atraiu e formou vários pontos de concentração humana (CASTELLS, 1970)³⁴. A partir da leitura de Ojima (2005), depreende-se que o desenho do espaço urbano atraiu pessoas oriundas, principalmente, das áreas rurais, e que este não estava preparado para incorporar todas elas na produção industrial:

A partir da segunda metade do século XX, a urbanização – considerada por muitos como parte de processo de modernização progressiva da sociedade tanto em termos sociais como econômicos – passou a ser uma meta política que indicava o grau de inserção da sociedade no processo de industrialização e na modernidade. Como consequência, não havia porque contestar ou refutar a urbanização em economias de aglomeração, pois a primazia da urbanização se fazia necessária à consolidação da posição estratégica do país no cenário internacional. (OJIMA, 2005; 06).

Considerando o contexto local, TRINDADE JÚNIOR (1998), em estudo geográfico sobre o espaço metropolitano de Belém, afirma que na década de 1980 houve uma mudança gradativa na produção do espaço urbano. Ocorre a multiplicação dos pontos de concentração, em virtude do aumento populacional, formando novos assentamentos urbanos – as periferias, principalmente – desenhando uma “cidade dispersa”, como indica o título de seu trabalho. Esses novos pontos se caracterizam pela construção de conjuntos habitacionais para abrigar as camadas populares, ao longo da Rodovia Augusto Montenegro (que liga Belém a Icoaraci e Outeiro) e da Rodovia Br-316 (que liga Belém aos Municípios de Ananindeua, Marituba e Benevides), mais afastadas do centro da cidade.

³⁴ Ojima (2005), preocupado em compreender a dinâmica sócio-espacial das metrópoles brasileiras, diz que a urbanização no Brasil processou-se como palco da produção e reprodução do capital e espaço da divisão do trabalho, assim como para Lefebvre (1972). Neste contexto, a urbanização brasileira é pensada internacionalmente por uma localização periférica e dependente.

O período em que os pescadores fixaram residência em Icoaraci coincide com o aumento de “periferização” da cidade, conforme mostrou TRINDADE JÚNIOR (1998). Sendo atraídos pelo desejo de melhorar de vida, usufruindo da infraestrutura urbana e pensando em aumentar a renda familiar, homens e mulheres tinham o objetivo de conseguir um posto de trabalho na pesca industrial. Fixaram residência (onde conseguiram) em lugares afastados do centro da cidade, em bairros que concentram, na maior parte, pescadores, em lugares em que a rede de esgoto e o abastecimento de água encanada são precários – longe de atender, portanto, ao que esperavam dos serviços urbanos ou em seu “sonho urbano”.

2.2 CENAS DO COTIDIANO NA CIDADE

O contexto em que se atualiza a vida dos pescadores no meio urbano, e a forma como conseguem organizá-la, são elementos de fundamental importância ao entendimento sobre as questões de gênero, família e pesca em Icoaraci, porque influenciam as práticas cotidianas das famílias. Os dados de campo revelam que a facilidade de transporte, acesso à escola para os filhos, as relações de vizinhança e com o meio ambiente e, conseqüentemente, a organização e a execução dos trabalhos na casa e na pesca modificam-se drasticamente do lugar de origem para o atual (ANDERSON, 2005a; VELOSO, 2005).

Embora a migração não seja o foco principal de meu estudo, não posso prosseguir em minha análise sem fazer referência a alguns pontos discutidos por Veloso (2005). Esta autora preocupou-se em examinar o processo de migração vivenciado por essas famílias, mostrando que este possui forte relação com as transformações econômicas, políticas e sociais desencadeadas pela modernização capitalista da segunda metade do século XX, na Amazônia, destacando situações de vida e de trabalho no lugar de origem e no da residência atual dessas famílias de pescadores, como também nos arranjos que desencadeou.

No entanto, nesse processo de migração rural-urbana, nem todas as famílias conseguiram se inserir na pesca industrial e, na verdade, continuam garantindo a sobrevivência com a pesca artesanal. Mas o fato de estarem no meio urbano fez com que novos “objetos de desejo”, e/ou novas necessidades, tomassem conta do seu cotidiano, ou se apresentassem às pessoas como tal, o que, de certo modo, remeteu homens e mulheres a novos arranjos societários e familiares como estratégias de sobrevivência ou adequações de vida do grupo doméstico.

Antes de morar em Icoaraci, viviam todos da pesca, da agricultura e do extrativismo. Ao virem morar na cidade, as melhorias almejadas eram pensadas tanto em casa, como no trabalho. Entram em cena, porém, como discorre Veloso (2005), fatores de ordem estrutural: dificuldades para obtenção de novos instrumentos de trabalho, desemprego, inexistência de serviços de saúde, educação, água e energia elétrica, que serviram de estímulo para a troca de endereço. Além disso, também desejavam ser donos dos recursos e instrumentos de trabalho, o que pode ser lido como não ser tripulante no barco de outras pessoas. Esses fatores conjugados, se fossem efetivados, serviriam para elevar a renda e ascender socialmente³⁵.

O que se percebe é uma realidade diferente da almejada. As famílias de pescadores moram em comunidades – como são chamadas pelos moradores – em que o acesso se dá, principalmente, por caminhada. Numa delas, a Comunidade do Furo do Maguari, é necessário que se caminhe entre 15 (quinze) e 20 (vinte) minutos, da avenida principal (Avenida Cristóvão Colombo, que é o endereço das principais lojas, escolas, igrejas, farmácias e do trapiche do distrito) até a entrada da comunidade, que se localiza à beira do Rio Maguari. A comunidade fica, no sentido literal da palavra, “escondida” no final da avenida Maguari. Para se chegar até lá, caminhando, passamos por três ruas, entre subidas e descidas de ladeiras.

³⁵ Durhan (1973), preocupada em investigar a migração de nordestinos para São Paulo, argumenta que a compreensão da migração deve partir dos fatores atrativos e repulsivos – considerados macro-estruturais – desencadeadores do processo (como a desestruturação do sistema produtivo rural e a industrialização e urbanização paulista). A saída do lugar de origem e a adaptação ao novo lugar ocorrem graças a uma série de práticas e relações culturais que essas pessoas dispõem, traduzidas, principalmente, dos grupos de parentesco, vizinhança e compadrio.



Foto 1: Casas do Furo do Maguari.
Elson Andrey, 2003.

É constituída por 38 (trinta e oito casas), sendo 20 (vinte) de famílias que desenvolvem alguma atividade ligada à pesca (artesanal ou industrial) e que, mais que isso, identificam-se como pescadores. As casas são de madeira, algumas com cobertura de telha de barro e outras de amianto (como pode ser visto na foto 1), possuem água encanada, cujos canos ficam em exposição e em contato com a água do rio, a fiação elétrica é mal organizada, reunindo muitas ligações num mesmo poste e representando risco de curto circuito em alguma chuva forte, tão comuns em nossa região. Transitar pela comunidade se faz por “estivas”³⁶, com algumas tábuas já desgastadas pelo tempo, estando soltas e, aos olhos de alguém acostumado a outras condições, representando perigo para crianças pequenas ou para algumas pessoas desatentas³⁷. Como não há coleta seletiva de lixo na comunidade (eles dizem que os funcionários da limpeza pública não vão até lá porque não têm como manobrar o caminhão nas ruas estreitas de

³⁶ Pontes de madeira construídas pelos moradores, pois o terreno alaga periodicamente, acompanhando o movimento das águas.

³⁷ Neste sentido, embora não possa achar que sejam boas condições, devo dizer que as crianças, diferentemente de camada médias e altas, aprendem muito cedo a ser auto-suficientes e se deslocam naquele espaço com desenvoltura.

acesso à comunidade), os objetos que não serão mais utilizados são, usualmente, jogados em baixo das casas³⁸.

Outra comunidade pesquisada, a do Cubatão, fica igualmente longe da avenida principal. Localiza-se na extensão de um igarapé, que deságua no rio Maguari, e em frente a uma indústria de pesca. Diferentemente do Furo do Maguari, nem todas as casas são de madeira e nem se localizam à beira da água. Algumas que ficam em “terra firme” são de alvenaria e de piso de cimento (algumas lajotadas), porém, a maior parte é de madeira, como registra a foto 2. As que ficam na beira do rio possuem o piso e as paredes de madeira. É bem maior que a comunidade do Furo do Maguari, o que dificultou saber quantas casas compõem o lugar, como mostro nas próximas fotos.



Foto 2: Entrada Principal do Cubatão.
Kirla Anderson, 2006.

³⁸ O lixo que fica em baixo das casas é formado, basicamente, por materiais plásticos, como garrafas de refrigerante e de água ardente.



Foto 3: Casas à beira do igarapé no Cubatão.

Kirla Anderson, 2006.

Para corroborar na descrição do lugar que moram, trago dados coletados pelo SINE. De acordo com esses dados, os moradores contam com uma infraestrutura urbana que se aproximam à média do Estado. Sobre o tipo de pavimento, por exemplo, predomina o caminho natural (que inclui as estivas e os caminhos de terra, como mostram as fotos1, 2 e 3). Dispõem de equipamentos urbanos, como escola e posto policial, mas se queixam dos serviços, dizendo que a escola é longe e o posto poderia ter mais policiais.

TABELA 2 – Infra-Estrutura Urbana Disponível

<i>Especificação</i>	<i>RMB (%)</i>	<i>Média do Estado (%)</i>
Tipo de Pavimento		
Asfalto	19,8	14,2
Cimento/blokret	0,0	4,6
Piçarra	26,7	34,4
Caminho natural/sem revestimento	53,5	46,7
Equipamentos urbanos e de lazer		
Escola	85,5	91,3
Igreja/templo	73,4	88,1
Campo de futebol	72,3	78,0
Posto de saúde/hospital	50,3	69,0
Praça	33,5	50,4
Posto policial/delegacia de polícia	33,5	45,2

Fonte: SINE, 2003.

Ainda com o relatório do SINE, os pescadores artesanais moram em domicílios particulares, com utilização residencial e comercial e abrigo para outros parentes. Quanto à construção do domicílio, na RMB, o tipo de material empregado há predomínio das telhas de barro nas coberturas, paredes de tábuas de madeira e lajota e madeira no revestimento do piso.

As casas são pequenas, não comportando mais que 4 (quatro) cômodos, geralmente de 2 (dois) pavimentos, distribuídos entre quartos, cozinha, sala, venda³⁹ e pátio (em dois casos). As casas possuem fechadura reforçada para evitar arrombamentos e assaltos. Quanto à arrumação, estão sempre limpas e decoradas, o que registra o capricho das mulheres no cuidado com o domicílio. O chão é encerado ou limpo com água e detergente, conforme for a necessidade. Em algumas casas há decoração com panos e toalhas de crochê e fotos da família. Entre os principais equipamentos domésticos de que as famílias dispõem estão televisores, aparelhos de som, telefone celular (em duas das sete famílias entrevistadas no ano passado), fogão, geladeira e microcomputador (em uma casa apenas).

³⁹ Em duas casas, há um cômodo na entrada do domicílio que é utilizado para venda de produtos alimentícios, material de limpeza e higiene e analgésicos, que são chamados de taberna.

Citando mais uma vez os resultados do SINE, entre os equipamentos domésticos mais utilizados na RMB estão fogão à gás (em 97% dos casos), televisão (com 82,1%) e rádio ou aparelho de som (62,4%).

TABELA 3 – Equipamentos Domésticos Utilizados

LUGAR	TIPO (%)							
	Fogão à gás	Televisão	Rádio/Aparelho de som	Geladeira	Ferro elétrico	Filtro de água	Freezer	Outros
RMB	97,1	82,1	62,4	57,2	54,9	29,5	16,2	22,5
Estado	93,4	74,0	65,2	47,8	42,7	22,9	16,0	29,4

Fonte: SINE, 2003.

A cidade é tomada como lugar de consumo, materializados pela aquisição de equipamentos domésticos como os que constam na tabela 3. Além disso, criam formas de interação com a vizinhança e entre as crianças. É comum, por exemplo, nas comunidades pesquisadas, encontrar bancos construídos de madeira na porta das casas para conversas no final da tarde. Isso reforça a importância que Castells (1970) direciona para a compreensão do urbano a partir da relação entre sociedade e espaço, mediada pela significação do espaço, como também a para a etnografia urbana de perto e de dentro enunciada por Magnani (2002). Este assunto é abordado por Wirth (1967), ao discorrer sobre as formas de interação que emergem nas relações cotidianas na cidade, em que destaca:

O problema central do sociólogo da cidade é descobrir as formas de ação e organização social que emergem em grupamentos compactos, relativamente permanentes, de grande número de indivíduos heterogêneos. (WIRTH, 1967; 97).

O destaque do autor serve para a atenção dos significados que as relações sociais assumem no ambiente urbano. Trazendo a reflexão para Icoaraci, tais significações também podem ser observadas na dinâmica de constituição das comunidades. Pelos relatos dos informantes, as comunidades do Furo do Maguari e do Cubatão se formaram na década de 1980, próximas a empresas de pesca,

concentrando famílias oriundas de outros municípios do Estado do Pará, de outros estados ou até mesmo de outros bairros de Belém. É comum se referirem à comunidade formada por poucas pessoas naquele período e expandida com o passar do tempo. À este aumento do número de moradores, eles comentam que se deve à vinda de outros parentes e/ou conhecidos do seu lugar de origem. Recorrendo novamente à Veloso (2005), isso representa os laços de parentesco e conterraneidade como forma de adaptação à nova realidade.

Isto serve de subsídio para o entendimento da constituição desses espaços. Seguindo esta linha de raciocínio, na definição do espaço é comum eles apontarem casas de parentes, por exemplo, na vizinhança. Entra em cena a definição de “pedaço”, elaborada por Magnani (2002), que consiste numa forma de viver o espaço urbano, sustentada na aproximação dos indivíduos. O autor diz que pedaço torna-se um ponto de referência para os freqüentadores pertencentes a uma rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança e, por que não dizer, conterraneidade também.

Nesta definição de espaço, Magnani (2002) se vale da aproximação desses indivíduos que orienta suas práticas cotidianas em casa e na rua. O pedaço, portanto, é um espaço intermediário entre o privado e o público, em que se desenvolve uma sociabilidade básica que, no caso de Icoaraci, se organiza pelos laços familiares principalmente. Esta proximidade pode ser verificada nos encontros que promovem durante as festas juninas, nas reivindicações em movimentos sociais e, também, nas conversas do final da tarde na porta de casa e nos barracões de conserto de redes de pesca.

Outros aspectos relatados sobre a vizinhança diz respeito à violência. As pessoas costumam referir o bairro em que moram como lugar de violência urbana. Contaram casos de furtos de objetos de pequeno valor das casas (roupas, sapatos, e moedas da taberna) e de “acertos” de grupos de jovens e adolescentes, chamados por eles de gangues⁴⁰. Disseram que eles se

⁴⁰ No caso dos adolescentes que se envolvem com violência, dizem que são os meninos, relatando caso de dois filhos de pescador. Um deles, fugindo do grupo rival, entrou correndo em casa e o avô, sem saber, continuou na sala de casa assistindo televisão, foi baleado e não resistiu ao ferimento.

envolveram na violência ainda cedo, com 10 (dez) e 11 (anos), período que pararam de estudar. A situação chegou a ponto de “aprontarem o que não devem”, como disse dona Palmira, porque os meninos não foram criados pelos pais, e os avós não souberam impor a sua autoridade. Um exemplo da família ser utilizada como referência para a atuação dos filhos, que SARTI (1996) chama de espelho. Espelho este que reflete não apenas as relações em casa, mas na rua também⁴¹. Quando os filhos não estudam ou trabalham, a responsabilidade – por que não dizer, culpa – é dos pais, que não acompanharam a criação dos filhos.

2.3 CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS

Para se compreender o cotidiano familiar e as formas de participação masculina e feminina neste contexto, faz-se necessário, primeiramente, recorrer ao diálogo com estudos pontuais sobre o tema para relacioná-los, posteriormente, à situação observada em Icoaraci.

Os grupos familiares estudados compõem-se de um mínimo de 4 (quatro) e um máximo de 11 (onze) pessoas e revelam uma estrutura bastante diversificada em relação aos parentes. Wagley (1977), em estudo sobre o modo de vida em Itá/Pa, preocupou-se em investigar os assuntos de família em uma comunidade amazônica. Constata que esta organização familiar possui uma estrutura bastante numerosa, reflexo da própria família brasileira (que inclui laços de consangüinidade e compadrio), em que seus membros agem com base numa ajuda mútua de conforto moral e financeiro. Considerando as pessoas que compõem a unidade familiar, o autor diz, ainda, que as pessoas costumam dar valor ao grande círculo de família, reconhecendo “vantagens” de partilhar a casa com parentes que os ajudem nos afazeres domésticos e cuidar das crianças.

No quadro a seguir, percebe-se que nas famílias de pescadores deste estudo o que está em questão não é formação (ou manutenção) da família nuclear isolada, mas também o contato diário que ela mantém com os demais

⁴¹ A família como espelho que me refiro neste momento, assumirá, também, o sinônimo de fato social nesta dissertação.

parentes. Isso serve para reafirmar uma característica de um tipo de família enunciada por Sarti (1996), quando estudou relações familiares em camadas populares, na década de 1980, na cidade de São Paulo. A autora mostra que a família pobre se organiza a partir da participação da rede de parentesco mais ampla – dado que é também apontado por outros estudiosos da temática (WOORTMANN, 1987; WAGLEY, 1977). Sarti (1996) diz que a família pobre deve ser entendida como rede e não como núcleo. O quadro 1 pode estampar melhor o que estou afirmando aqui:

Quadro 1 – Composição do Grupo Doméstico

<i>Nº ordem</i>	<i>Idade</i>	<i>Nº de habitantes (incluindo a informante)</i>	<i>Relação com a informante</i>
01	63	08	Marido, 3 netos, 2 filhos e nora
02	23	04	Marido e 2 filhos
03	65	07	4 filhos e 2 netos
04	30	11	Marido, 5 cunhados, 2 filhos e 2 enteados
05	30	05	Marido e 3 filhos
06	54	06	Marido e 4 filhos
07	29	06	Marido e 4 filhos
08	46	06	Marido, 2 filhos, genro e nora
09	21	06	Marido, filho, pai, mãe e irmão
10	33	04	Marido e 2 filhos
11	41	04	Marido, filho e primo do marido
12	36	04	Marido e 2 filhos
13	36	04	3 filhos
14	40	07	Marido e 5 filhos
15	46	07	Marido, 3 filhos, 1 filha e 1 prima
16	43	02	1 filho
17	68	04	Marido e 2 filhos
18	46	04	Marido, 1 filho e 1 filha

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003 e 2004.

A composição do grupo demonstra a participação de outros parentes nas atividades domésticas. É válido mencionar que a presença do parentesco mais amplo varia conforme o desenvolvimento do grupo doméstico. Como disse dona Palmira, logo que chegou em Icoaraci, morou na casa de uma prima, quando ainda estava solteira. Depois que casou, um irmão seu veio de Cametá, para estudar e trabalhar (assim como fez ela mesma num período anterior) morando

“um tempo” em sua casa. Depreende-se deste relato que o deslocamento depende da idade e dos interesses que estão envolvidos e que, mesmo realizada a migração, eles não perdem o contato com a família que ficou no lugar de origem.

Em se tratando da caracterização do grupo doméstico, trago para a discussão a definição elaborada por Fortes (1958), quando tratou do entendimento dos ciclos de seu desenvolvimento. Para o autor, este grupo pode incluir três gerações, ou mais, que não precisam, necessariamente, estar convivendo na mesma unidade domiciliar, e tem como tarefa fundamental e complexa a de criar seus membros, acionando redes de parentesco e descendência ou outros laços jurídicos e afetivos. A família, por sua vez, compreende o núcleo reprodutivo do grupo doméstico e consiste, na visão do autor, em duas gerações sucessivas, ligadas por dependência (que pode ser entre mãe e filhos, como ele diz).

Ainda com Fortes (1958), o grupo doméstico funciona como uma “fábrica” de reprodução social, uma vez considerada sua tarefa principal a de permitir a criação dos filhos, sendo uma forma de manutenção da própria sociedade. O desenvolvimento do grupo doméstico é um processo cíclico, pois seus membros e suas atividades passam por uma seqüência regular de mudanças. Este ciclo organiza-se com tarefas dentro e fora de casa, constituindo fator inerente de estruturação doméstica e subsídio importante para interpretação e explicação do cotidiano familiar.

O ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico movimenta-se a partir dos fatores tempo e espaço da estrutura social. Neste processo, homens e mulheres assumem status diferenciados para arcar com as responsabilidades que lhes foram simbolicamente reservadas. É assim que a composição do grupo doméstico pode indicar mais que a simples disposição de parentesco mais ampla, mas inclui, também, obrigações e inter-dependências diferenciadas neste contexto, que

podem ser alteradas conforme a necessidade do grupo, o que Durkheim (1984) entende como solidariedade⁴².

Mesmo observando a participação do parentesco mais amplo, as pessoas conferem importância para a família nuclear (pai, mãe e filhos, muitas vezes), ou simplesmente família, como destacou Fortes (1958). A forma de atuação, que inclui tempo e espaço, entre seus membros é bem definida. Retomando Wagley (1977), a palavra do pai deve ser artigo de lei e este não deve satisfação de seus atos, as mulheres devem cuidar dos assuntos domésticos na esfera privada. Este autor chama atenção que definir ações e exercê-las na prática são duas dimensões da vida social e que não são, necessariamente, equivalentes em todos os momentos:

Em Itá, como, aliás, em todas as comunidades do mundo, há, entretanto, uma grande distância entre o ideal e a realidade – entre o que a gente prega e aquilo que faz. Todavia, são esse padrões ideais de comportamento do marido e pai, e da mulher e mãe, que determinam, em grande parte, o comportamento na prática. (WAGLEY, 1977; 167).

Essa maneira de organizar as relações sociais aparece nas famílias de pescadores que estou estudando. É com base nesse ideal salientado por Wagley (1977) que vêm, vivenciam e interpretam o cotidiano. Entram em cena as injunções de gênero na família, que envolvem autoridade, hierarquia e respeito, no tocante às relações e atribuições de homens e mulheres. Pode ser visto, por exemplo, quando dizem que os pais devem acompanhar a educação dos filhos.

Sobre a autoridade na família, por exemplo, em outra oportunidade, tive a preocupação de discutir e analisar tal questão (ANDERSON, 2005b). As mulheres apresentam um rol de atividades extra-domésticas menos diversificado em comparação aos homens, as quais estão relacionadas, na maioria das vezes, com as tarefas do lar, implicando em entradas e saídas do mercado de trabalho com mais frequência, em função dos cuidados com as crianças (filhos, netos) e/ou com adultos (marido, irmão) e velhos (pais, tios, avós). Isto acarreta sempre

⁴² Solidariedade, neste caso, por semelhanças – solidariedade mecânica.

para as mulheres uma espécie de “obrigação” de atendimento ou de cuidados e de disponibilidade para desempenhar tais tarefas, praticamente em qualquer circunstância. No desenrolar de tais atividades, as mulheres apresentam uma dilatação de tempo maior que a dos homens, numa superposição de tarefas e jornadas, dado esse que permite questionar sobre em quem repousa a responsabilidade familiar.

Ao nível das responsabilidades, ou, pelo menos, no discurso feminino registrado em Icoaraci, a responsabilidade pela família deve ser tanto do homem quanto da mulher, como disse Fernanda, de 36 (trinta e seis anos): *“às vezes é ele que manda e às vezes sou eu, depende do que a gente tá falando em casa”*. Esta interpretação de autoridade na família surgiu a partir de um item no roteiro de entrevistas que perguntava, como uma espécie de “teste”: “quem é o chefe da casa?”. As respostas todas indicaram o homem, seja o marido ou mesmo um filho, conforme se apresente a estrutura familiar. A mulher não aparece “oficialmente”, o que significa, no contexto em que está sendo referido na fala das pessoas sobre o tema, como a detentora de maior autoridade na casa. Isso pode ser interpretado tendo em vista que autoridade e responsabilidade não são consideradas as mesmas coisas para essas famílias. A autoridade significa quem manda mais, quem tem mais poder para decidir as coisas, já a responsabilidade relaciona-se com o cuidado com as coisas e pessoas do lar. Assim, o primeiro é assinado pelos homens e o segundo pelas mulheres, obedecendo a um critério de divisão tradicional de “tarefas” no domicílio, divisão esta hierárquica.

Das 7 (sete) entrevistadas, neste segundo momento, apenas 1 (uma) afirmou ser a “chefe de casa”. Todavia, comparando com outro item, todas afirmaram ser “donas de casa”. Pelas respostas, percebe-se que existem diferenças entre ser “chefe de casa” e “dona de casa”. O primeiro diz respeito à quem dá a “palavra final” nos assuntos domésticos e o segundo implica no cuidado direto com a manutenção dos utensílios domésticos e cuidados com as pessoas, sendo assinados por homens e mulheres, respectivamente. Vale considerar que cada item desse possui um conjunto de responsabilidades e ações que merecem ser debatidas.

“Chefe da casa”, por um lado, pode estar relacionado com quem arca com as despesas principais, que pode, com isso, dispor de certa autoridade. Relaciona-se com a possibilidade de ser aquele que dá a “palavra final” e que assume, simbolicamente, o maior poder na casa. Milena, de 39 (trinta e nove) anos e esposa de pescador, disse que o chefe *“é ele, quando ele sai é que sou eu. Ele passa mais tempo fora do que aqui em casa. Ele manda em tudo sozinho, a gente trabalha junto aqui na casa. Só que os meninos [refere-se aos filhos de 17 e 19 anos] é nós dois, não é só ele não; já é mais eu do que ele porque ele quase não tá aqui em casa”* O que ela diz ilustra a importância do núcleo familiar – e da figura do homem em casa⁴³. Ela só assume a “chefia” quando o marido está na pesca que, como ela mesma diz, é a maior parte do tempo. É válido destacar, também, quando diz que o marido manda em tudo sozinho, significa considerar que eles agem a partir de uma espécie de acordo na casa, em que cada um se responsabiliza por aspectos diferenciados da vida familiar, servindo para mostrar as diferenças de encargos e tarefas que compõem a vida doméstica, que são complementares na visão dessas mulheres.

Ainda com essa questão, em outro depoimento, Clarice, de 44 (quarenta e quatro) anos, disse que chefe é ela, porque está na terceira união estável e a casa que mora com a família é dela: *“Pra te dizer a verdade, chefe sou eu, porque com esse menino que eu tô, essa casa já era minha. Então, é aquela coisa, num tava acostumada... Antes do meu primeiro marido eu já vivi com outra pessoa 14 anos e não deu certo porque ele não trabalhava, só queria tá dentro de casa, quem trabalhava era eu, então tudo que mantinha era eu... Nunca fui desse tipo de mulher... Agora que eu já tô, né, ‘olha eu vou fazer tal coisa’, ele, ‘não, mas não é assim, é assim...’ Aí eu sou a chefe de casa que resolvo tudo.* Pelo que Clarice diz, para o companheiro ser visto como chefe, precisa atender a requisitos básicos: ser, de preferência, mais velho que a mulher, trabalhar fora para bancar as despesas domésticas e dar sua opinião sobre as tarefas domésticas (compras, filhos, pesca...). O fato do homem ser apontado como o chefe da casa, não elimina, no entanto, a autoridade que a mulher também possui no plano familiar.

⁴³ O homem pode ser indicado como “chefe da casa” sem que ele seja, obrigatoriamente, marido da informante. O importante é que seja um homem a assumir, simbolicamente, a responsabilidade pelo grupo, que pode ser um filho, neto ou sobrinho.

Ser “dona de casa”, por outro lado, implica em responsabilidades que vão além dos cuidados com os utensílios domésticos e com as pessoas da casa. Significa ter certos privilégios e benefícios, ser alvo de “proteção” masculina, visto como vantagem nos depoimentos. Ao mesmo tempo em que a mulher é a mãe e a esposa e cuida da casa, também se vê e é vista, como tendo certa importância; existe, assim, uma troca na relação entre marido e mulher. É por isso que Fernanda disse que “depende”. Ser o chefe implica tomada de decisões e imposições de vontade, e com relação a isso os assuntos são divididos na casa.

Nos depoimentos das mulheres, pude identificar a idéia da necessidade de participação em conjunto do homem e da mulher na família. Heilborn (2004), em estudo sobre os mecanismos sociológicos de conjugalidade e cotidiano, afirma que a vida de casal é uma montagem e acontece de maneira relativamente “natural” no cotidiano, através do conhecimento de gostos e afinidades. O casal se sustenta na delegação mútua de autoridade, apoiada, por sua vez, num arranjo construído diariamente. São essas estratégias o tema de discussão e análise do próximo capítulo.

CAPÍTULO 3: FAMÍLIA E COTIDIANO

3.1 “SE CONHECER”, FORMAR FAMÍLIA E DISCUTIR A RELAÇÃO: PERFIL DAS ENTREVISTADAS

Para conhecer o cotidiano do grupo estudado, optei por observar e indagar as relações familiares, sem esquecer o propósito de dar uma resposta sobre ser o lugar da mulher em casa ou não. A maneira que ora apresento incide em considerar a formação do grupo doméstico, destacando como os casais se conheceram e quais mecanismos sociológicos se fazem presentes na vida familiar.

Foram entrevistadas mulheres de idades entre 26 (vinte e seis) e 67 (sessenta e sete) anos. O perfil de diferentes idades permitiu verificar como ocorre a formação da família, compreender as etapas de desenvolvimento do grupo doméstico e como pensam, organizam, classificam e praticam as atribuições domésticas entre o casal.

Das 7 (sete) entrevistadas, 3 (três) nasceram em Belém, filhas de mulheres que vieram de outros municípios e que formaram família por aqui; 4 (quatro) são migrantes, sendo 1 (uma) de Cametá, 1 (uma) de Cachoeira do Arari, 1 (uma) de Abaetetuba, municípios do Pará, e 1 (uma) do estado do Amazonas. Das que são migrantes, 2 (duas) chegaram solteiras em Belém, com o primeiro objetivo de estudar, indo morar no bairro da Sacramenta. Como moravam na casa de parentes, tinham que contribuir com as despesas da casa, geralmente realizando serviços domésticos remunerados em outros domicílios, ficando os estudos em segundo plano. Do tempo que dedicam (ou precisam dedicar) ao trabalho, o estudo deixa de ser prioridade. Daí conhecem o companheiro, formam família e não se interessam mais em voltar a estudar.

Com relação à escolaridade, 2 (duas) completaram o ensino médio, as outras 5 (cinco) não concluíram o ensino fundamental, interrompendo os estudos na quarta-série; sua ocupação principal relaciona-se aos cuidados com sua casa. No quadro a seguir, reúno essas informações, para melhor visualizar esses dados (e outros relevantes), compondo um perfil possível das entrevistadas:

QUADRO 2 – Perfil das Entrevistadas

Nome	Idade	Estado civil	Naturalidade	Escolaridade	Nº de filhos	Ocupação principal
Palmira	56	Casada	Cametá	Ensino fundamental incompleto	6	Dona de casa
Fernanda	32	“Mora junto”	Icoaraci	Ensino médio completo	4	Dona de casa
Dalva	67	Casada	Abaetetuba	Ensino fundamental incompleto	6	Dona de casa
Clara	26	“Mora junto”	Icoaraci	Ensino médio incompleto	2	Dona de casa
Rosana	45	“Mora junto”	Icoaraci	Ensino médio incompleto	2	Dona de casa
Clarice	44	“Mora junto”	Amazonas (Manaus)	Ensino médio incompleto	5	Dona da casa
Milena	39	Casada	Cachoeira do Arari	Ensino médio completo	2	Dona de casa

Fonte: Pesquisa de Campo, 2006.

Sobre o estado civil, as mulheres participantes deste estudo vivem com um companheiro, mas nem todas têm registro formal de casamento. Três são casadas com registro e cerimônia e não são naturais de Belém. Dona Dalva veio com os filhos pequenos, já casada, de Abaetetuba, para acompanhar o marido que “veio na frente”. Dona Palmira veio ainda solteira para estudar e morou na casa de uma prima. Trabalhou como babá, antes de ser operária numa fábrica de castanha, momento em que conheceu o marido, com quem já está casada há aproximadamente 30 (trinta) anos. Milena conheceu o marido quando morava em Cachoeira do Arari. Ele era amigo de seus primos e tiveram um namoro rápido. Quando ela veio morar em Belém, os dois se reencontraram, namoraram e casaram.

Dona Palmira e Dona Dalva foram morar no Furo do Maguari na década de 1980. Os filhos são quase da mesma idade e, talvez por morarem uma de frente para outra, duas filhas de Dona Palmira casaram-se com dois filhos de Dona Dalva, tendo como exemplo a história da família de Clara, de 26 (vinte e seis)

anos e casada há 10 (dez) com um dos filhos de Dona Dalva. Clara não é casada “oficialmente”.

O exemplo de Clara é vivenciado por outras três mulheres que entrevistei. Elas vivem maritalmente, sem registro oficial, com homens que conheceram ali mesmo na vizinhança. Dizem que, ainda no namoro, engravidaram e passaram a “morar junto” com o namorado. Começaram morando na casa dos pais – das mulheres – até que a sua casa fosse construída, na mesma comunidade.

Pelo que contam, “morar junto” só difere do status de casados no que diz respeito ao uso de aliança, pois elas usufruem do status simbólico de mulheres casadas, que para elas, assim como para todos na comunidade, significa ter filhos dele e ser sustentada por um homem, tendo direitos e deveres entre o casal, com a casa e com os filhos. Essa parece ser uma “trajetória” padrão, mas não único, entre essas pessoas.

As que “moram junto”, conheceram o companheiro na adolescência. Namoram por uns meses (que não chegou a completar um ano, conforme os relatos), até que elas ficaram grávidas e foram “morar junto”. Pelo que contaram, as famílias não forçaram diretamente a união, mas exerceram certa autoridade para que isso acontecesse, principalmente por parte dos pais⁴⁴.

Diferentemente do que foi discutido por Lévi-Strauss (1983), formar família não começa somente quando dois indivíduos se unem juridicamente. Inclui, mais que isso, ter filhos e morar o casal e os filhos na mesma casa (SARTI, 1996). Enfocar o contexto de formação do grupo, implica considerar como e o que o grupo entende e vivencia sobre família, que, em Icoaraci, dá para perceber que a união e os papéis bem definidos são expectativas que aprendem na infância, vivem na idade adulta e ensinam às crianças, construindo, assim, uma realidade que tem como referência principal as vivências de família.

⁴⁴ Os pais não obrigam a união, mas dizem que o casal tem que encontrar uma maneira para custear suas despesas e do bebê. A “solução” que encontram é “morar junto”, pois significa assumir responsabilidades.

Além disso, formar família parece não combinar com estudo, pois envolve um novo conjunto de responsabilidades que não permite a ausência por muito tempo do domicílio. No desempenho das atividades diárias, elas precisam tomar conta dos utensílios domésticos e cuidar das pessoas (marido, filhos), porque vão assumir diretamente “funções” que antes eram de suas mães na família de origem. Por isso, sua presença em casa será fundamental para a “andamento” da vida doméstica. Esta mudança será verificada entre os homens também. Eles passam a contribuir diretamente com o orçamento doméstico, sendo os maiores responsáveis pela renda da sua “nova” família⁴⁵. Percebe-se que ambos possuem responsabilidades diferentes e bem definidas no grupo.

Em seu estudo sobre o tema da família, Woortmann (1987) mostra que a organização do grupo doméstico resulta de um modelo ideológico que atribui a chefia da família para o homem. Segundo orientações de gênero, “o princípio governante é o sexo” (WOORTMANN, 1987; 65). Assim, culturalmente (embora nem sempre seja o que acontece concretamente) tem-se o homem como o provedor doméstico, conferindo-lhe, teoricamente, o espaço público das decisões. A chefia da família é assinada, portanto, pela autoridade que é historicamente dada ao homem no grupo familiar.

Ainda referindo Woortmann (1987), a atuação por gênero no grupo doméstico é definida conforme regras estabelecidas para o desempenho e troca de serviços. Nota-se que a divisão social do trabalho já acontece no seio familiar:

De um modo geral, na sociedade brasileira, o grupo doméstico organiza uma divisão social do trabalho segundo um modelo que atribui ao marido-pai e aos homens em geral o papel de provedor de renda e à esposa-mãe o da prestação de serviços. Os papéis domésticos da mulher não são menos econômicos que os do marido pois, usando certos ‘meios de produção’ – panelas, frigideiras, fogão, etc – e certas ‘matérias-primas’ – o alimento cru – e ‘economizando’ com os recursos disponíveis, ela produz certos bens (a comida cozida) e serviços a serem consumidos pelos membros da unidade doméstica segundo padrões socialmente definidos (...) (WOORTMANN, 1987, p. 87-88).

⁴⁵ Vale dizer que eles mantêm a sua casa, mas também reservam uma parte para a casa dos pais, seja dando uma parte do peixe que capturam ou pagando uma conta (água, luz ou telefone).

Nas famílias estudadas pelo autor, a maioria das mulheres desenvolvia algum tipo de atividade geradora de renda. Ele constata que, para as entrevistadas, a obrigação pelo provimento das despesas domésticas deve ser dividida entre os membros da família.

O número de filhos que tiveram varia entre 2 (dois) e 6 (seis), sendo observados 2 (dois) casos de filhos de “criação”. Neste caso, implica considerar que elas criam seus filhos biológicos e mais outras crianças (filhas de outros parentes ou conhecidos), sendo estes também considerados filhos. As mulheres com mais de 40 (quarenta) anos tiveram uma média de 4 (quatro) filhos, o que reflete a estrutura familiar numerosa de comunidades rurais da Amazônia, como trata Wagley (1977).

As famílias das 2 (duas) mulheres mais velhas está na fase adulta, sendo que na casa da Dona Dalva ainda mora um filho “separado⁴⁶”, junto com suas duas filhas (de nove e onze anos, cada). Para completar este quadro de configuração (ou arranjo) familiar, aliás, recorrente nessas camadas, Dona Dalva ainda cria mais 1 (um) neto, de 18 (dezoito) anos, que é portador de necessidades especiais⁴⁷. Outras 3 (três) mulheres estão com os filhos na adolescência e 2 (duas) na infância. Na situação estudada, as mulheres que estão com os filhos ainda pequenos encontram maior dificuldade para se ausentar por mais tempo de casa, apresentando, por isso, uma variedade menor na sua trajetória ocupacional, como mostrarei no próximo capítulo.

A idade dos filhos é fator importante para organizar as práticas cotidianas em casa e na rua, na biografia dessas mulheres. Bruschini (1994), estudando tendências ocupacionais femininas no cenário brasileiro, salienta que a análise das atividades produtivas das mulheres (diferentemente do que será em relação aos homens, acrescento eu) deve ser feita a partir de sua posição junto à família, o que resulta da fase de desenvolvimento do grupo doméstico.

⁴⁶ Designa-se, por esse termo, a pessoa que já teve um(a) companheiro(a) fixo(a) e terminou tal relação.

⁴⁷ Anda com dificuldades, pois teve paralisia infantil.

De acordo com Bruschini (1994), a mulher utiliza formas de apoio doméstico para prestação de serviços extra-domésticos, traduzidos em “ajuda” para a realização das tarefas domésticas, que podem ser realizados pelos demais integrantes do grupo doméstico (preferencialmente por outras mulheres). Cumpre ressaltar que esta articulação opera-se dedicando maior atenção aos cuidados com sua casa e com seus filhos, interesse este construído a partir de sua identificação – esta, também, socialmente construída – com as tarefas domésticas.

A interpretação sociológica sobre as práticas de trabalho tidas como femininas e masculinas, portanto, se dá pela discussão das diferenciações e injunções de gênero, as quais salientam que, a partir de distintas considerações do sexo biológico, são construídos diferentes processos de socialização, permeando as relações de homens e mulheres. Desta forma, as atribuições exercidas por homens e mulheres não são iguais em todos os lugares, variando conforme fatores culturais, os quais implicam nas atribuições dos indivíduos (BERGER e LUCKMANN, 1998). Esses processos distribuem lugares e tempos diferentes para eles, tendo, a mulher, identificação social com o lar. Daí que sentem a necessidade para estudar e trabalhar para ajudar a família, quando a atividade principal do marido está com alguma dificuldade, o que dependerá da rede de apoio que elas acionarão para isso (BERGER e BERGER, 1984; ANDERSON e MOTTA-MAUÉS, 2007; DAMATTA, 1997).

A idade dos filhos possui íntima (e quase diria determinante) relação com a trajetória ocupacional. As mulheres de famílias mais velhas possuem um leque maior de atividades extra-domésticas, em relação às mais jovens e, mais ainda, em comparação com os homens. Isso ocorre porque trabalhavam antes de casar e depois que os filhos já podiam ficar sozinhos, caso alguém não pudesse tomar conta, o que, juntando tempo decorrido e diversificação de atividades de trabalho, contabiliza o leque mais representativo contado aqui. Clara relata que quando precisa sair, pede ajuda para mãe, que mora ao lado de sua casa: *“Quando eu tenho que sair e não dá para levar os dois, deixo aí na casa da mamãe, porque ela mora aqui do lado. A menina eu peço pra ela vim olhá, porque ela já tá com 10 anos, eu digo pra ela ficar [na casa da avó] e ela diz ‘não, eu quero ficar em casa’.*

Aí ela fica assistindo televisão, eu digo pra mamãe vim olhá ela. Só que eu mando ela trancá a porta, eu digo 'deixa fechada', porque não precisa, né, deixar aberta (...). Agora quando eu saio e não dá para levar ele [o filho de 4 anos], deixo aí com ela [com a mãe].”

Esse depoimento ajuda a elucidar a rede de relações que as mulheres lançam no cotidiano para dar conta da reprodução doméstica. A principal estratégia que acionam para isso é conciliar responsabilidades em casa e na rua, como trata Damatta (1997). Elas enfatizam que os homens poderiam participar mais dos assuntos domésticos, o que não significa, neste contexto, ocupar-se das tarefas de manutenção doméstica, e sim, envolver-se com o cuidado dos filhos (participando de reuniões escolares, por exemplo). Essa “queixa” funcionava como um alerta para o marido, que, algumas vezes, estava por perto no momento da entrevista. Esta cena permitiu examinar a relação entre homens e mulheres no convívio familiar, o que chamei de “discutir a relação” (PRATA, 2006). Essa discussão, ao contrário do que o termo pode sugerir, não se dava, nos momentos que presenciei, em brigas e desentendimentos, mas em solicitações de participação mais ativa do companheiro na reprodução social, seja nos serviços de casa, seja em acompanhar o crescimento dos filhos.

Na fala das mulheres, a execução das atividades deve ser tratada conjuntamente, fazendo referência à relação de gênero em contexto igualitário⁴⁸ estudado por Heilborn (2004). Marido e mulher devem se ajudar a cuidar da família. Entretanto, ao mesmo tempo em que reivindicam um contexto igualitário, as diferenças de trabalho e de expectativa de atuação se revelam no cotidiano, quando referem as diferenças de trabalho por sexo. Isso acontece tanto na infância e se mantém na vida adulta.

⁴⁸ Consiste num equilíbrio de tarefas, autoridade e responsabilidade na família. Um não manda mais que o outro, por isso o contexto é igualitário (HEILBORN, 2004).

3.2 FAMÍLIA COMO FATO SOCIAL

Ao propor um estudo sobre a participação feminina na família, analiso os laços de parentesco e de complementaridade no grupo, enfatizando a participação da rede de parentesco no exercício das tarefas diárias. Neste processo, é importante direcionar atenção para a questão de como tais atividades são planejadas e executadas. De acordo com Berger e Luckmann (1998), a organização da vida diária parte do pensamento e da ação dos homens (das pessoas, podemos dizer) e é confirmada por eles na realidade. Significa dizer que realizar as tarefas domésticas, tratar dos instrumentos de pesca e/ou cuidar dos familiares se faz a partir de idéias compartilhadas de que o grupo dispõe sobre família e trabalho, por exemplo, dividindo as atividades entre seus integrantes.

Nesse fazer diário, Adrião (2003) diz que família e trabalho são dois pontos importantes para compreensão do cotidiano. Deste modo, durante a pesquisa de campo em Icoaraci, o trabalho na pesca é geralmente repassado para os filhos-homens. Eles aprendem com o pai, ou com um vizinho, através da observação e da “companhia” nas viagens de captura. Este mesmo tipo de “critério” de observação é utilizado para ensinar às meninas os trabalhos domésticos. Elas aprendem com as mães ou com as irmãs mais velhas o serviço de casa, que também incluem os serviços de roça, no caso das famílias de migrantes.

Essa organização acontece a partir de pensamentos e sentimentos comuns que eles aprendem no grupo doméstico. Tais idéias comuns que são partilhadas entre os indivíduos recebem o nome, na teoria sociológica de Durkheim (1984), de consciência coletiva. Isso é possível porque a realidade é construída a partir de padrões que são definidos e reconhecidos pelos indivíduos de um determinado grupo social, corroborando na divisão das atividades entre meninos e meninas e, mais tarde, entre homens e mulheres.

Isto acontece porque, em qualquer agrupamento humano, as relações que se estabelecem entre seus membros obedecem a rigores culturais peculiares e são classificadas a partir de categorias determinadas escolhidas pelo grupo, definindo certas identidades (BERGER e LUCKMANN, 1998). As representações e práticas que compõem a organização social do pescador artesanal deixam às

mulheres e crianças o cuidado com a casa e o conserto de redes e aos homens a captura do pescado, em que os vínculos familiares são responsáveis pelo sustento das atividades e das comunidades.

Seguindo esta linha de raciocínio, por que não considerar a família como fato social? Trago o termo emprestado da definição do objeto de estudo da Sociologia, elaborado por Durkheim (2001), quando se preocupou em escrever as regras de observação e análise do método sociológico. Para o autor, os fatos chamados sociais “são as maneiras de agir, de pensar e de sentir que apresentam notável propriedade de existir fora das consciências individuais” (DURKHEIM; 2001; 33). Digo isso porque, considerando as pessoas que participam deste estudo, a família será o ponto de referência para olhar o outro na sociedade, seja em casa, seja na vizinhança.

Tratando outro aspecto, a atividade pesqueira continua a ser o sustento principal da casa, cuja execução atende à divisão de tarefas entre os membros do grupo familiar. Por ser uma atividade familiar, obedece a regras e laços de dependência estabelecidos pelo grupo. É deste modo que as tarefas são divididas entre os membros (homens, mulheres e crianças, por exemplo). A complementação é necessária e se constrói nas relações cotidianas, relembrando Berger e Luckmann (1998).

Face ao exposto, a forma como vivenciam a família, entre as comunidades observadas em Icoaraci, reforça a concepção de família de Lévi-Strauss (1983), no tocante a sua definição como uma dependência econômica entre os cônjuges, que, no caso estudado, estende-se aos demais parentes que compõem o grupo doméstico. Desta forma, as relações familiares obedecem a um universo moral em que as obrigações de homens e mulheres no casamento são bem definidas. Aos homens, reserva-se a atuação no espaço público e às mulheres a responsabilidade com a espaço privado, como destaque em outra oportunidade (ANDERSON, 2005a). Esta divisão das atividades serve para evidenciar os pontos de atuação por gênero, mas não significa exclusividade e proibição. Assim, na realização dos serviços domésticos, ocorre a participação da rede de parentesco mais ampla, o que também inclui a participação dos homens:

Quadro 3 – Ajuda nos Serviços Domésticos

<i>Nº</i>	<i>De quem</i>	<i>Atividades que realizam</i>
01	Neta (7 anos) Marido Filho	<ul style="list-style-type: none"> • Arruma os móveis, varre e ajuda na cozinha; • Cozinha e lava louça; • Cozinha
02	Filha	<ul style="list-style-type: none"> • Lava e cozinha
03	Enteadas	<ul style="list-style-type: none"> • Varrem e lavam
04	Marido	<ul style="list-style-type: none"> • Cozinha (quando ela está doente ou não está em casa)
05	Filhas Filhos	<ul style="list-style-type: none"> • Cozinham e varrem aos finais de semana; • Lavam sua louça e alguns objetos pessoais.
06	Filha	<ul style="list-style-type: none"> • Lava louça, cozinha, espana
07	Mãe	<ul style="list-style-type: none"> • Cozinha
08	Filha	<ul style="list-style-type: none"> • Cozinha e lava louça
09	Filha	<ul style="list-style-type: none"> • “Faz tudo”
10	Prima Vizinha	<ul style="list-style-type: none"> • Lava louça, cozinha • Toma conta das crianças pequenas
11	Filhas	<ul style="list-style-type: none"> • Cozinham, varrem e lavam louça

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003 a 2006.

Das 18 (dezoito) mulheres entrevistadas, 11 (onze) declaram receber ajuda. Nessa rede de “ajuda” nos serviços domésticos, são as meninas que mais participam das atividades, começando desde a infância, “olhando” o que a mãe ou a avó estão fazendo. Os homens pouco participam. Eles realizam alguma atividade no domicílio ou quando a mulher está ausente, ou quando ela adoece e tem que ficar “de cama”, como se diz; no caso dos maridos, cuidando da limpeza de algum objeto pessoal (louça, tênis, meia...), mas não assumindo a responsabilidade geral pela casa – o que será feito, se necessário, por outra mulher adulta, ou uma filha já “mocinha”.

Na divisão tradicional destas atividades, as mulheres aparecem desde a infância realizando serviços para “ajudar” a família. Trabalham na roça e na pesca e assumem os serviços domésticos, por exemplo. Essa categoria “ajuda” serve de subsídio para compreender a rede de obrigações e solidariedade que compõe o

cotidiano familiar. Na execução das atividades domésticas, por exemplo, algumas declararam receber “ajuda” de membros da família.

Esta rede de solidariedade e de obrigações funciona como pano de fundo para as relações familiares. O mundo simbólico de convívio dos pobres, segundo Sarti (1996) e Velho (1987), organiza-se por regras de convivência cotidiana que são hierárquicas, ajudando a confirmar a fronteira entre o masculino e o feminino. Entretanto, Sarti (1996) destaca que a figura da autoridade é conferida ao pai, mas isso não significa que a mulher não tenha autoridade em casa. O que ocorre é uma visão complementar de autoridade e responsabilidade na família.

Retornando mais uma vez à Icoaraci, na execução das atividades domésticas, dependendo do sexo, da idade e da posição na família, a pessoa poderá desenvolver um certo tipo de atividade. Se a mulher for a mais velha e casada com o “dono da casa”, ela toma conta das atividades domésticas, sendo responsável pela sua distribuição aos demais membros. É ela quem divide, por exemplo, o que cada um deve fazer, definido por acordo⁴⁹, que inclui conversas informais e observações para distribuição das tarefas, e não como imposição.

A hierarquia aparece na execução das atividades. As mulheres mais velhas (que podem ser as mães, avós, tias ou irmãs mais velhas) são responsáveis pelo preparo dos alimentos e por lavar a roupa de todos da família, bem como roupas de cama, mesa e banho (em geral, essas duas atividades são os serviços mais demorados, que ocupam um turno de trabalho cada um). As meninas e adolescentes ajudam como “auxiliares” nessas tarefas – sendo que estas assumem a responsabilidade do domicílio quando as mulheres não estão em casa –, lavando a louça, varrendo a casa e espanando os móveis.

Os homens assumem a responsabilidade com a cozinha quando elas adoecem (se não houver outra mulher em casa e que eles estejam em terra) ou

⁴⁹ Na organização e execução das tarefas domésticas, a participação dos demais integrantes do grupo aparece em momentos que são previamente estabelecidos. A responsabilidade principal continua sendo da mulher, mas não significa que tenha que ser exclusiva. Por isso, o acordo significa um ritmo de atividades que inclui a contribuição dos integrantes do grupo doméstico. A mulher assume a responsabilidade pela limpeza e arrumação da casa, preparo dos alimentos, lavagem das roupas em alguns momentos do dia e nos dias de semana (de segunda a sexta).

precisam ir à escola dos filhos ou acompanhar algum doente em consultas médicas, o que é feito nos dias de semana. Aos sábados e domingos, as filhas-adolescentes assumem as tarefas, mas não a autoridade. Elas executam as incumbências de acordo com as orientações que recebem das mulheres mais velhas. Os meninos, geralmente, ajudam os homens na pesca e/ou cuidam de seus objetos pessoais.

Em contrapartida, a ajuda das mulheres na pesca também aparece em alguns momentos. Isso se deve ao fato de num ambiente urbano, outras atividades para conseguir renda aparecem para elas, sendo o caso do trabalho doméstico remunerado em “casas de família” (ANDERSON, 2005). A descontinuidade do trabalho feminino na pesca é comum.

Quadro 4 – No que Elas Ajudam na Pesca

Nº	Atividade	“Beneficiado” (por parentesco)
01	Confecção de rede	Filhos
02	Confecção de redes	Marido
03	Confecção de redes Pesca de beira	Marido Todos (família)
04	Confecção de redes	Marido e tio dele
05	Conserto de rede	Marido
06	Limpa peixe Pesca de beira	Marido Todos (família)

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003 e 2004.

Como se vê no quadro acima, de 18 (dezoito) entrevistadas, apenas 6 (seis) desenvolviam alguma atividade relacionada com a pesca. São serviços prestados no circuito da rede de parentesco, realizados, principalmente, para a economia de gastos, e não propriamente para a geração de renda, nem, tampouco, implicando na realização de atividade identificada emicamente como pesca. Em outro contexto – aquele da discussão da atribuição de uma identidade de pescadoras às mulheres – implicaria, por sua vez, em não poder vê-las nesta consideração nas comunidades, cuja rica experiência social endossou este trabalho.

A realização dos serviços domésticos e de pesca acontece a partir da identificação e execução que cada um assume no grupo. Desta maneira, a divisão do trabalho toma grande importância na organização da vida familiar. Relembrando Durkheim (1984), a divisão do trabalho acontece para produzir solidariedade entre seus integrantes e cada um tem dimensão de seu papel para o grupo, que só gera dependência quando realizado em conjunto com as demais partes.

O estudo empreendido por esse autor sobre a divisão do trabalho social propõe a relação entre o indivíduo e a coletividade e como, desta maneira, formam uma sociedade. Para que isso ocorra deve haver um fio condutor que garanta a unidade social. Este elemento de imperativo social corresponde à solidariedade social, que cimenta a coesão social. É neste contexto que o autor elabora os conceitos de solidariedade mecânica e solidariedade orgânica.

Nas sociedades pré-capitalistas, os indivíduos se identificam através da família, da religião e dos costumes. A solidariedade neste caso é por semelhança. Constata-se a solidariedade mecânica. Os indivíduos são semelhantes porque reconhecem os mesmos sentimentos e os mesmos valores, pertencendo a uma mesma coletividade. É a consciência coletiva que “gerencia” a ação dos indivíduos neste momento. Ela não se baseia nas crenças individuais, mas apóia-se em regras fortes e estabelecidas que delimitam os atos individuais e revelam o tipo psíquico da sociedade.

O aumento do volume, da densidade moral e material da sociedade e, conseqüentemente, a retração da solidariedade mecânica abrem margem para a solidariedade orgânica. Daí resulta a divisão do trabalho social para garantir a sobrevivência da sociedade. Do ponto de vista histórico, a sociedade vai clamando por uma nova forma de manutenção em nome de sua sobrevivência. Já que o número de indivíduos está aumentando, a divisão social do trabalho é como que uma resposta funcional às novas necessidades. Esse processo é multidimensional, pois ao mesmo tempo mudanças vão ocorrendo nas crenças e valores, mais intercâmbio social e os indivíduos encontram margem para variações no modo de pensar, agir e sentir.

Está aí a função da divisão do trabalho, pois cria uma relação de interdependência entre os indivíduos e torna a solidariedade mais forte, apesar das diferenças individuais crescentes. Durkheim (1984) via como positiva a liberdade de pensamento e ação das pessoas na sociedade de divisão do trabalho, isto é, a diminuição do domínio da consciência coletiva sobre a consciência individual, pois ela contribui para que as diferentes funções se especializem e “melhorem” o funcionamento do organismo social.

No caso das famílias deste estudo, as relações sociais baseiam-se nos laços de solidariedade tratados por Durkheim (1984), combinando solidariedade mecânica e solidariedade orgânica. A ajuda que motiva a participação em casa deve ser considerada no contexto do fato social que a família representa na vida dessas pessoas, como afirmei anteriormente. É um aprendizado que começa na infância e que se mantém com o passar do tempo e das fases da vida das pessoas. De alguma forma, a criança vai aprendendo que precisa ajudar o grupo, seja estudando ou trabalhando, e se tornará o adulto de amanhã pensando assim (pelo menos os que passarem por um tipo de socialização bem sucedida). Ajuda significa, no cotidiano estudado, um conjunto de obrigações aprendidas naquele processo como “naturais”, entre os familiares, gerando dependência entre eles.

Na qualidade de fato social, os indivíduos aprendem a se comportar assim porque as regras já estavam postas antes de sua chegada, agindo sobre eles como uma gramática; caso não correspondam às expectativas do grupo sofrerão sanções e, em todas as famílias pesquisadas, o todo, ou seja, a família sempre é mais importante que as partes, enfatizando as características de exterioridade, coercitividade e generalidade.

“Ajudar” não envolve somente a esfera prática, sustenta-se também em sentimentos, isto é, em outro tipo de cálculo. Por envolver vários aspectos da vida do grupo estudado e pela importância que tem para o grupo, posso chamar de fato social total, como tratou Mauss (1974) para as sociedades arcaicas que estudou. Pensada e tratada como fato social total, inclui dizer que a ajuda vai além da simples troca de favores, pois, como dizem Mauss (1974) e Malinowski (1978), na troca há mais que coisas trocadas; no caso em questão, ultrapassa as

atividades domésticas e as de pesca, porque envolve sentimentos de solidariedade, respeito, ajuda e reciprocidade, por exemplo. Entrelaçando essas duas esferas – sentimentos e ações – que sustentam a dinâmica de qualquer sociedade, pode-se ter o seguinte:

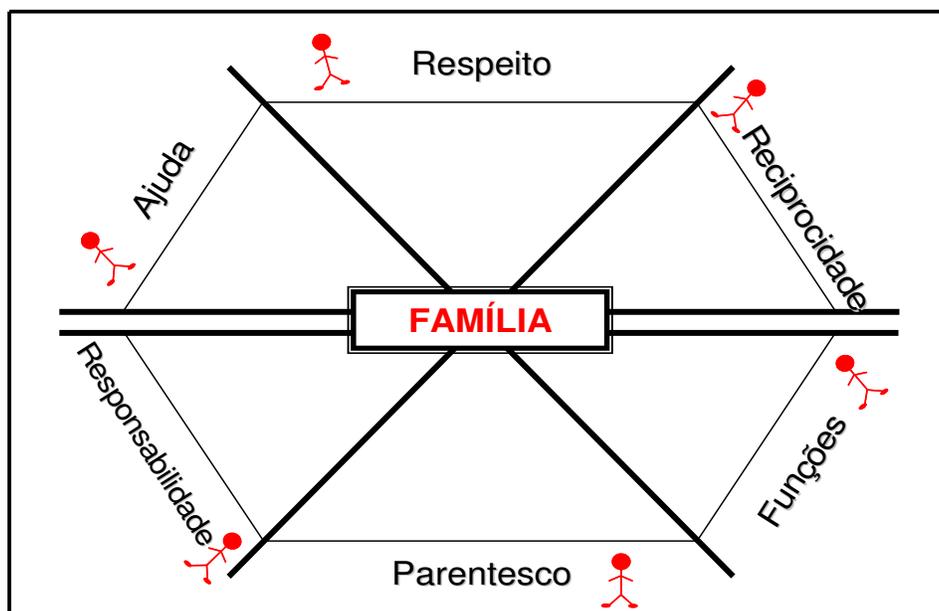


FIGURA 3: Família como Fato Social

Da esquerda para direita, num ângulo de 360°, do primeiro ao terceiro indivíduos, tem-se a representação dos sentimentos que influenciam as atividades, que estão, por sua vez, entre o quarto e o sexto indivíduo. Tendo como centro a família, que orienta a maneira como se vêem, se comunicam e se percebem, esses elementos criam fios de integração. Esta ligação se dá em casa e no trabalho, demonstrando formas de sociabilidade neste espaço, considerando hierarquização de importância. Assim, vão tecendo redes que são utilizadas não só no mar, como também em terra, como discutimos em outra oportunidade (ANDERSON e MOTTA-MAUÉS, 2007).

3.3 FECHANDO AS CORTINAS E (RE)ARRUMANDO O CENÁRIO: ARRANJOS FAMILIARES

A organização familiar baseia-se na divisão de serviços entre homens e mulheres. Nas famílias observadas, meninas e meninos aprendem os ofícios que seguirão, olhando e repetindo as atividades dos adultos, sem que seja necessária muita explicação. Tomam como referência os pais ou os irmãos mais velhos para o aprendizado e execução dos serviços masculinos e femininos.

Elas dizem que fazem os serviços da mesma forma como aprenderam. Dizem que vão “aperfeiçoando” com o tempo. Clara disse que o modo de transmissão oral-visual é posto em prática quando elas ficam sozinhas sem casa. Pelo que contam, elas “olham” repetidas vezes o que as mães (ou qualquer outra mulher com mais idade no grupo) estão fazendo e reproduzem sem que haja muito acompanhamento ou orientação. Milena contribui para esta interpretação ao dizer que foi aprendendo as atividades sem a necessidade de explicação de alguém e completou, dizendo que sabe fazer as atividades indispensáveis⁵⁰, na sua opinião, para a manutenção doméstica: *“quando eu vim do Marajó, eu tinha 12 anos, e com 10 eu já trabalhava, lavava roupa, rede, eu tomava conta dos meus irmãos, com as minhas irmãs. Aí eu vim pra cá pra Icoaraci. Aí eu fui pra casa da minha vó, minha vó era costureira e quem fazia era eu, encerava a casa, lavava roupa, fazia todo serviço... Lá no Marajó a gente já nasce aprendendo, fazer mesmo ninguém ensinou.”*

As meninas se ocupam das atividades domésticas. Começam com 7 (sete) anos, ajudando as mulheres mais velhas, lavando uma peça aqui ou varrendo um cômodo ali. Com o passar do tempo, a responsabilidade vai aumentando e, com 10 (dez) anos, como relatou Milena, já tomam conta da maior parte das tarefas da casa, enquanto os pais se envolvem com outras tarefas – pesca, agricultura e extrativismo.

Berger e Berger (1984) dizem que, no processo de socialização, os indivíduos tomam como referência os “modelos” mais próximos de si – a família –

⁵⁰ As atividades domésticas principais são aquelas que são realizadas, no mínimo, duas vezes por dia, e de duas a três vezes por semana: cozinhar, lavar e limpar.

para realizar suas ações. O que começa com uma simples “imitação”, vai tomando proporções de maior responsabilidade com o passar do tempo. A socialização, portanto, vai depender do ambiente em que o indivíduo está inserido.

Aprender as atividades domésticas inclui aprender, também, a conciliar tarefas. Quando tem panela no fogo, dá tempo para lavar uma louça, espanar um móvel, ou reparar uma criança, como disse dona Palmira. Este aprendizado passa por etapas, que correspondem ao ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, como assinalou (FORTES, 1958). É por isso que, logo que as meninas começam, no aprendizado das tarefas do lar, desempenhando pequenos serviços como “auxiliares”, para, posteriormente, assumir maiores responsabilidades com as coisas e pessoas da casa, implicando em acúmulo e conciliação de atividades.

Recordando o que foi debatido por Berger e Luckmann (1998), no processo de socialização as crianças são ensinadas a desenvolver uma série de comportamentos correspondentes à posição social que ocupam ou que vão ocupar. Neste sentido, tomo como exemplo, mais uma vez, um desenho animado em que as personagens principais – Florzinha, Lindinha e Docinho – apresentam comportamentos característicos do que culturalmente reservou-se à mulher. Elas são “As Meninas Super Poderosas⁵¹” (figura 4), e são meninas que falam manso, são obedientes, carinhosas e prestativas. Seu objetivo principal está em combater o crime, acordar cedo e tirar boas notas na escola, na fictícia cidade de Townsville.

⁵¹ É uma série animada norte-americana, criada por Craig McCracken e produzida por Cartoon Network desde 2001. Com o mesmo enredo, são exibidos, atualmente, nos canais abertos, os desenhos “Kim Possible”, da Disney, que conta a história de Kim, uma adolescente que precisa se dividir e entre o colégio, a família e a missão de salvar a cidade que mora; e “Três espíãs demais”, produzido pelo estúdio Marathon Production.



Figura 4: Aprender a conciliar tarefas começa na infância
Fonte: www.cartoonnetwork.com.br/ppg

Para isso, contam com super-poderes de voar e lançar fogo com os olhos para dar conta das tarefas diárias. As “Meninas Super Poderosas” usam seus poderes em favor de outras pessoas, numa conciliação de jornadas, que requer, assim como nas famílias de pescadores, a organização as atividades entre elas durante o dia.

Verifica-se que na história do desenho citado o que já foi discutido por Durkheim (1984), Berger e Luckmann (1998) e Berger e Berger (1984), no que diz respeito ao desempenho de “papéis” sociais. O comportamento das crianças do desenho funciona como uma “antecipação”, de certo modo, dos valores sociais que norteiam as práticas de trabalhos de homens e mulheres. Na situação que estudei, as mulheres são vistas e representadas na postura de identidade social para o trabalho doméstico, e por isso são as principais responsáveis em realizar os serviços do lar.

Vale dizer que a socialização influencia os lugares de atuação para as pessoas, baseando-se em critérios de sexo e idade. Assim, investigar o processo de socialização das mulheres pesquisadas é base para entendimento da pergunta que dá título a esta dissertação. Corcuff (2001) trabalha esta questão quando trata dos direcionamentos da pesquisa sociológica na atualidade, dizendo que a realidade é palco de relações entre indivíduos interdependentes, e que tais relações são dotadas de caráter simbólico. Permite refletir que a atuação de

homens e mulheres em espaços diferenciados é fruto da diferenciação de atividades na infância, que permanece na idade adulta. É assim que, no cotidiano dessas mulheres, o cuidado com a casa é referido como ocupação principal, mas não requer considerar como exclusiva. Por mais que os homens se ausentem da casa nas viagens de captura, família para eles também é importante. Eles participam, a seu modo, da manutenção do grupo, trabalhando na pesca ou realizando, esporadicamente, um serviço doméstico.

Essa forma de organização sustenta a estrutura doméstica. Na infância, homens e mulheres aprendem as responsabilidades que terão na idade adulta, funcionando como um ensaio do que os espera como atentou Duran (1983), referindo-se aos trabalhos domésticos entre donas de casa na Espanha. As mulheres começam realizando tarefas domésticas na infância, juntamente com as mulheres mais velhas do domicílio, os homens, por sua vez, participam das atividades relacionadas com a pesca, compondo aquele quadro de “ajuda” descrito anteriormente.

A “ajuda” na infância passa para a fase adulta como responsabilidades, obedecendo, na medida do possível, às necessidades do todo (família) e não das partes (indivíduos). No ciclo de desenvolvimento das famílias, alguns filhos saem de casa para morar em outra casa na comunidade, em outro bairro, ou, até mesmo, em outra cidade, por diversos motivos (aparecendo o trabalho como justificativa mais recorrente). Mesmo longe fisicamente, continuam mantendo contato por telefone ou Internet, com uma regularidade mínima de 15 (quinze) dias, e contribuem financeiramente com o grupo.

Isso vem estampar, mais uma vez, a obrigação com a família o ponto central para atuação desses indivíduos. A solidariedade, entendida como dependência, troca e obrigações na explicação de DURKHEIM (1984), cimenta a coesão dos indivíduos no grupo, o que me fez tratar família como fato social, em que a distribuição e execução de tarefas no grupo vão depender da fase de desenvolvimento do grupo doméstico (FORTES, 1958). Nos arranjos que são feitos no cotidiano, a rede de ajuda abre e fecha cortinas para arrumar o cenário e os atores da cena familiar.

CAPÍTULO 4: TRABALHO E COTIDIANO

4.1 ORGANIZAÇÃO E EXERCÍCIO DA ATIVIDADE PESQUEIRA

Nas comunidades estudadas, a pesca é uma atividade que se organiza por laços de amizade e parentesco. Decorre daí uma divisão de esferas de atuação, com funções no mar e em terra para homens e mulheres, respectivamente (ALENCAR, 1993). É um aprendizado oral-visual, segundo Leitão (1997), em que as funções por sexo e por idade são critério de divisão, classificação e distribuição das atividades.

As pescarias se organizam por períodos de viagens de captura. Nestas viagens, vão entre 3 (três) e 4 (quatro) homens e o tempo de duração vai depender do movimento dos cardumes e da capacidade do barco. Dependendo do período do ano que estejam, achar os cardumes pode demandar mais tempo – que implica considerar dia e horário de saída, tempo no mar e lugar onde encontrar o pescado –, caracterizando a ligação estreita e sintonizada com a natureza, a adaptação e sazonalidade de que tratam Furtado (1993), Nascimento (1995), Leitão (1997) e Adrião (2003). O ritmo de trabalho dos pescadores acontece em 2 (duas) estações principais do ano: a) o verão, quando as águas estão “mais baixas”, conforme a denominação local, costumando durar de 8 (oito) a 10 (dez) dias; b) o inverno, momento em que as águas estão “mais altas”, demoram mais para encontrar o pescado, e as viagens se estendem de 15 (quinze) dias a 2 (dois) meses⁵². Entre uma viagem e outra, os pescadores passam alguns dias em terra, variando de 3 (três) a 7 (sete) dias, que compreende o tempo necessário para comercializar o peixe (ou repassar o peixe, como dizem os pescadores), arrumar as despesas do barco e compor a tripulação para outra viagem.

No verão, dizem que a pescaria “dá mais perto” – até o município de Vigia/PA, distante há, aproximadamente, 160 (cento e sessenta) km de Belém, por via rodoviária, dando para fazer mais de uma viagem por mês e passar a noite

⁵² A “divisão” das estações do ano em dois períodos principais diz respeito ao momento em que as chuvas estão mais ou menos intensas. Daí dizer que no verão as águas estão “mais rasas” e no inverno “mais altas”.

em casa. Este período dura, geralmente, de junho a setembro. No inverno, as viagens demoram mais, pois costumam ir até o município de Marapanim/PA, pertence à Mesorregião do Nordeste Paraense e à Microrregião do Salgado, ou, ainda, em outro trajeto, até a Ilha do Marajó, também no Pará, estendendo-se de fevereiro a maio.

Antes de sair, deixam uma quantia em dinheiro em casa (cerca de cem reais) para despesas de alimentação, chamada de “rancho”. É comum faltar dinheiro nesse período em que os homens estão “no mar”, fazendo com que as mulheres empestem dinheiro ou realizem alguma atividade remunerada (venda de alimentos e realização de serviços domésticos remunerados na casa de outras pessoas), a fim de obtê-lo. Nas famílias cujos filhos estão na adolescência, as pessoas alegam que este dinheiro sempre é insuficiente, pois há muitos gastos com escola (uniforme, reprodução de material didático e lanche) e passagem de ônibus. Quando o dinheiro não dá, as mulheres costumam fazer compras no cartão de crédito (em lojas de departamentos da cidade).

A tripulação é formada por parentes e/ou conhecidos que moram todos perto de onde os barcos estão ancorados, sendo “contratados”, como na linguagem local, por viagem. Este contrato consiste num acordo verbal sobre o tempo de viagem e forma de pagamento. Os atores envolvidos nesta organização podem ser parentes, vizinhos ou conhecidos, e podem se subdividir em dois grupos – o dono do barco e os “funcionários” –, que marcam a hierarquia da organização e exercício da atividade pesqueira.

A organização do trabalho obedece ao sistema de “parceria”, em que cada tripulante pode entrar com um instrumento de trabalho⁵³. Cada um dos instrumentos que é utilizado tem seu peso na organização da atividade e a divisão do que conseguem é feita pela quantidade de peixe que capturam por viagem. Neste trabalho abre espaço para a divisão do trabalho não apenas por solidariedade, como discutido por Durkheim (1984), mas para aumentar a produtividade nos moldes capitalistas.

⁵³ Vale dizer que dispor de algum tipo de instrumento de pesca não é requisito necessário para compor uma tripulação.

O que ganham por mês é dividido em partes “iguais⁵⁴”, como dizem, dependendo da participação dos tripulantes⁵⁵. Eles dividem as despesas entre o barco, a rede, o dono do barco e com funcionários. Desse dinheiro é que tiram o rancho que fica com as famílias. A tripulação não é sempre a mesma nas viagens. Falar quanto ganham por mês é difícil, pois não há renda fixa, depende do tempo que demoram para capturar o peixe e da quantidade que trazem e conseguem comercializar⁵⁶.

Além do dinheiro, também levam para casa alguns peixes. Entre as espécies mais capturadas e comercializadas estão a dourada, a pescada amarela e o filhote, sendo que cada um tem direito a um peixe de cada espécie. Seleccionam os maiores, que chegam a pesar de 3 (três) a 5 (cinco) quilos, como disseram Rosana, Clara e Milena. Nem sempre consomem todo o peixe que levam; podem dar para algum parente ou mesmo vender para outras pessoas.

O que os homens conseguem com a pesca é repassado a intermediários (que são seus “conhecidos”), responsáveis em negociar com os comerciantes. Quando a pesca é farta, é comum que eles negociem no Mercado do Ver-o-Peso, em Belém e, quando é mais escassa, repassam o peixe no trapiche ou na feira, ambos em Icoaraci. Na maioria dos casos, são os pescadores que fazem isso, mas solicitam ajuda das mulheres para fazer as despesas do barco, como falei antes, ou para repassar o peixe, quando precisam regressar o mais depressa para o barco.

O cotidiano do pescador obedece a uma regularidade que merece ser comentada. Durante o verão, eles vão e voltam no mesmo dia para casa; no inverno, param em algum trapiche para telefonar para casa ou providenciar algo que esteja pendente para o barco. O que chamam de viagem, é o fato de deixarem a rede no mar no período citado (que pode ir de oito dias a dois meses).

⁵⁴ Na verdade, a divisão da renda obtida obedece a uma igualdade com relação aos instrumentos disponibilizados pelos atores envolvidos nas viagens de captura. Assim, na estrutura de trabalho, o dono do barco ganha mais, pois contribui com maior parte das despesas (com a alimentação e o barco, por exemplo).

⁵⁵ Realizam a pesca de rede. Nos casos pesquisados, os barcos possuem urnas com capacidade de 3 (três) a 5 (cinco) toneladas de pescado, armazenado com gelo.

⁵⁶ A renda média mensal dessas famílias oscila entre três e quatro salários, tendo a contribuição de duas pessoas ou mais nas despesas domésticas.

Esta mobilidade não é reservada a todos os tripulantes, apenas o dono do barco pode fazer isso⁵⁷. Quando toda a tripulação está no mar, o dono do barco não se envolve em todos os serviços. Descarregar o pescado, assim como “puxar e rede” do mar, são tarefas dos “funcionários”, como mostram as próximas fotos. Isto evidencia a divisão de tarefas que acontece entre os homens, assim como já falei do trabalho doméstico pelas mulheres.

Quando vão e voltam no mesmo dia, levam um dos filhos (os meninos), que já demonstram interesse pela profissão do pai. Clara disse que seu filho de 4 (quatro) anos já foi com o pai a uma viagem e a repassar o peixe no Ver-o-Peso: *“O menorzinho só vive falando ‘eu vou com o papai’. Quando ele [o marido] vai tirar peixe no Ver-o-Peso. Ele levou ele [o filho] uma vez. O menino se apaixonou... E também ele vem de lá com dinheiro, aí ele já passa no comércio e aí já compra as coisas pra ele e todo tempo ele quer ir, só que eu não gosto de mandar porque ele vai trabalhar, né. Eu tenho medo em barco, aí descuida dele... Ele disse que não, que fica olhando ele e é o pessoal [os funcionários] que carrega o peixe, mas lá é muita gente no Ver-o-Peso assim pra tirar o peixe... Ele foi uma vez e não deixei mais.”* O depoimento de Clara evidencia a identificação das crianças pelas atividades dos pais, como falam Berger e Berger (1984), a divisão das tarefas entre os tripulantes e a autoridade da mulher em casa.

⁵⁷ De sete entrevistadas, seis disseram que seus maridos são os donos do barco.



Fotos 4 e 5: Desembarque de pescado no Furo do Maguari.
Élson Andrey, 2003.

A participação das mulheres na pesca se dava, geralmente, desenvolvendo alguma atividade de reparo para a família (que pode ser no domicílio ou não). Estas atividades, quando feitas em casa, contavam com a ajuda de um dos filhos que aprenderam “olhando”, geralmente com um dos homens da casa. Entretanto, da última vez que estive nas comunidades ela disseram não desenvolver nenhum tipo de atividade relacionada a essas esferas. Sua participação acontece mais preparando as “despesas” do barco, como costumam chamar às providências com alimentação para as viagens. Isto acontece porque são elas quem controlam as despesas domésticas como um todo, e as tarefas que assumem na pesca, neste momento, funcionam como uma extensão dos afazeres de casa – preparar alimentos –, mesmo que não seja realizado no espaço da sua casa.

Este dado permite questionar se a mulher está se afastando da pesca, como indaga Maneschky (1995). Isto se justifica pelo fato delas não se ocuparem mais

com conserto e confecção de redes. Esses serviços são realizados pelos homens, quando estão em terra, como mostra a foto 6.



Foto 6: Conserto de redes de pesca
Natasha Veloso, 2004.

Embora a mulher não esteja participando das atividades de conserto e confecção de redes ou de pesca de beira, elas disseram que são as responsáveis pela alimentação que será consumida nas viagens. Elas limpam e temperam pedaços de frango e carne, que são armazenados no gelo, e são assados conforme a necessidade durante a viagem; compram arroz, farinha, café e bolacha para completar a alimentação dos pescadores. As demais despesas do barco, como trocar o óleo do motor e reparar infiltrações, são providenciadas pelo homem.

A mulher se afastar das atividades da pesca reflete não apenas na possibilidade de sua inserção em outros ramos ocupacionais, mas revela também a atuação de outra categoria de trabalho neste setor. A justificativa que dão para não trabalhar mais de confecção e conserto de rede diz respeito ao fato de haver pessoas desenvolvendo apenas este tipo de serviço. Os pescadores preferem

comprar a rede pronta a mandar consertar, pois economizam dinheiro (já que os instrumentos necessários para isso custam alto) e tempo para retornar a outra viagem.

Ainda que se assista a mudanças na organização e execução dessas atividades, permanece, de um modo geral, o padrão tradicional de divisão de tarefas por gênero, que distingue espaços e atuações masculinas – a pesca para obtenção de renda – e femininas – a casa, a produção para o consumo e/ou a atividade doméstica remunerada –, como salienta Maneschy (1995). A mulher continua assumindo funções no processo produtivo da pesca, através de atividades que desenvolvem em âmbito doméstico e no extra-doméstico.

Em busca de formas de participação no orçamento doméstico, as mulheres de pescadores tentam suprir necessidades da família, economizando ou contribuindo com as despesas. É neste sentido que Maneschy (1995) diz que a mulher não estaria se afastando da pesca, pois acompanham as flutuações da atividade no cotidiano, na situação de esposa de pescador, por mais que não participe diretamente deste segmento produtivo.

4.2 DONA DA CASA & DONO DO BARCO: COMBINANDO ATIVIDADES, CONCILIANDO RESPONSABILIDADES

Tomando como referência o trabalho das mulheres, direciono atenção, mais uma vez, à organização e execução das atividades domésticas. Realizar as tarefas do lar implica em definição de espaço (lugar para execução das atividades) e tempo (momentos em que precisam ser realizados e a duração de cada um), recordando Berger e Luckmann (1998) e Damatta (1997). Assim, pude identificar as que são realizadas com mais freqüência e consideradas indispensáveis à atividade diária e semanal das famílias, o que pode se visto no quadro abaixo:

Quadro 5 – Principais Atividades Domésticas Citadas

<i>Tarefas</i>	<i>Referem-se a:</i>
Lavar	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Louças ▪ Roupas ▪ Cômodos ▪ Objetos pessoais
Arrumar	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cômodos ▪ Móveis
Espanar	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Móveis ▪ Casa inteira
Passar	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Roupas
Cozinhar	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Refeições principais (café, almoço, jantar)
Varrer	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cômodos ▪ Casa inteira
Comprar	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Lugares (feira, taberna)
Cuidar	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Saúde-doença ▪ Dentro e fora de casa

Fonte: Pesquisa de Campo, 2006.

Foram identificadas 8 (oito) atividades principais, sendo 7 (sete) relacionadas à manutenção da casa e 1 (uma) com o cuidado com as pessoas. Essas atividades, por sua vez, passam por subdivisões, cabendo a cada membro do grupo envolver-se com uma delas. Saber como essas atividades serão distribuídas é responsabilidade da mulher, pois será ela quem cobrará a realização ou não da atividade. A divisão entre os membros serve para agilizar o serviço, quando isso poder ser feito, especialmente se houver outras mulheres ou meninas em casa, ou mesmo para permitir a participação de todos nas atividades, (como espécie de “confirmação” de obrigações entre as partes do grupo).

Do lado esquerdo do quadro 5 estão as tarefas que foram citadas como principais e do lado direito aparecem seus desdobramentos. Lavar, passar, espanar e varrer, por exemplo, podem ser realizados por cômodos e/ou conjuntamente. Dependendo de quem se envolve nesta ação e de quando fará isso – que pode ser uma criança ou um adulto –, não fará a mesma atividade que outro esteja fazendo; poderá se ocupar com um cômodo da casa ou com objetos pessoais. Se uma filha se ocupa da arrumação de um cômodo ou de lavar as

louças do jantar, compete à mulher verificar se está tudo certo. No final do dia, as mulheres acabam participando de todas as atividades.

Essa divisão estampa o acordo que orienta a organização e distribuição de tarefas no cotidiano dessas famílias, já que é conveniente que todos contribuam com as atividades (na pesca, em casa, ou estudando). Tratando dos serviços domésticos, especificamente, a mulher define o que cada um terá que fazer, conforme a habilidade que demonstrem para isso. Definir esses critérios depende dos valores vinculados aos posicionamentos por gênero e das aptidões pessoais. Quer dizer que os meninos podem não se envolver com o preparo das refeições porque, primeiramente, esta tarefa é de responsabilidade da mulher e, além disso, por “não levarem jeito” para cozinhar, como disse dona Palmira. Cumpre ressaltar que esta modalidade de execução das tarefas domésticas não significa separar trabalho de homem e mulher, mas que em algum momento pode ser que eles tenham se envolvidos com o preparo de alguma comida, por exemplo, e não obtiveram êxito ou, ainda, não gostaram.

A obrigatoriedade das mulheres com as tarefas de maneira integral (e não exclusiva) acontece de segunda a sexta-feira. Aos fins de semana – sábados e domingos – a frequência de trabalho diminui e as filhas tomam conta das atividades. Além do tempo, o espaço de atuação também é importante para a organização da atividade diária. Não são todas as tarefas que os integrantes do grupo participam. Na cozinha, por exemplo, as refeições principais (café, almoço e jantar) são feitas pelas mulheres para a família toda. Se alguém sentir fome neste intervalo, pode preparar um lanche, desde que deixe a louça limpa quando terminar de comer.

As famílias pesquisadas não têm o costume de fazer compras para longos períodos de tempo, sendo a maior parte do dinheiro investida na compra de alimentos. A despensa é renovada, em média, de 7 (sete) em 7 (sete) dias, com a compra de leite, açúcar, arroz, feijão, biscoito, café, margarina, achocolatado em pó ou mingau para as crianças, que são comprados em pequenos mercados no próprio bairro; carne, frango, frutas, legumes e verduras são comprados 2 (duas) vezes por semana, na feira que também fica no bairro. As compras são feitas

pelas mulheres, não estando acompanhadas por alguém da família, na maior parte dos casos. Elas dizem que preferem fazer as compras, porque gostam de escolher pessoalmente o que será utilizado em casa⁵⁸. A alimentação do grupo ainda inclui peixe – frito ou assado – que o pescador traz, que é consumido até 2 (duas) vezes por semana (se for mais que isso, os filhos reclamam) e açaí⁵⁹.

Tempo e espaço são construções do homem para organizar suas atividades (DAMATTA, 1997). Neste sentido, a vida cotidiana, para Berger e Luckmann (1998), é estruturada espacial e temporalmente, tendo seu próprio padrão cósmico e calendário social estabelecido, sendo referida em Icoaraci com a presença ou não do homem no domicílio e da fase de desenvolvimento do grupo doméstico, principalmente.

O ritmo de trabalho da mulher pode ser mais ou menos intenso, também, conforme a necessidade da família e dos sujeitos envolvidos nessa ação, o que foi destacado por VIANA (1993), quando estudou o cotidiano feminino em Câmara, no município de Marapanim/Pa. No relato das atividades diárias em Icoaraci, aparecem diversas tarefas, muitas delas realizadas ao mesmo tempo, como diz como diz dona Palmira:

Acordo cinco horas. Eu tô acordada, mas não levanto ainda, fico conversando com ele [com o marido]. Saio um pouco, eu ainda não faço o café... Fico aqui, ando por aí, coloco a roupa no sol, molho as plantas, tem que aproveitar, porque depois que eu vou para lá [aponta para a cozinha]... Lavo a louça que tá suja. Eu fico logo escolhendo o feijão para botá no fogo, fico fazendo aqui a comida porque custa pra fazer [faz umas duas vezes por semana]. Pego a carne, faço o bife (quando tem, né?), faço arroz, macarrão... Quando tem roupa para lavar, eu ponho na máquina e fico cuidando da roupa... Tem vezes que eu fico agoniada... Aí tem vezes que a comida já tá secando, e a roupa... Tem vezes que parou a máquina. E aí eu vou primeiro na comida e deixo lá, a roupa atrasa um pouco. Tem vezes que já passa do horário... Eu não sirvo o almoço. Apronto tudo lá eu digo 'olha, tá pronto'. Cada um vai lá, tira o seu, come. Termina o meu serviço no almoço. Cada um lava o seu prato porque não tem empregada. Depois do almoço, eu me deito um pouco, enquanto ele [o filho mais velho] fica vendendo aí. Quando dá duas horas, eu tenho que me levantar para fazer o café e o chopp de novo...".

⁵⁸ Isso inclui prestar atenção ao prazo de validade dos produtos e qualidade dos alimentos.

⁵⁹ Quando os homens não estão em casa, elas disseram que não há necessidade de fazer as refeições completas (arroz, feijão e prato principal) todos os dias. As mulheres preparam o peixe frito ou um outro tipo de carne salgada e frita para comerem com a bebida que se tira do açaí, acompanhado por farinha de mandioca.

Essa conciliação de tarefas, tão vivamente relatada por uma das mulheres, começa ainda na infância, quando elas têm que associar o serviço de casa com os estudos. Com o desenvolvimento do grupo doméstico, citando FORTES (1958) mais uma vez, elas vão acumulando maiores responsabilidades. A estrutura do serviço doméstico apóia-se na superposição de tarefas no cotidiano, atividades essas que são realizadas repetidas vezes. No dia a dia, o serviço começa quando as mulheres acordam e termina quando todos da família vão dormir.

O tempo costuma ser dividido em grupos de atividades, distribuídos, ao longo do dia, em três momentos principais: manhã, tarde e noite. A parte que mais há obrigações é a manhã (preparar café e almoço, levar os filhos para escola. Tomando como exemplo a lavagem de roupa, elas fazem isso em dias determinados na semana. Lavam todas as peças que estiverem sujas se os filhos forem pequenos, ou se dispuserem de máquina de lavar, e estendem as roupas em varais em frente às suas casas, já que não há quintal nas casas, ocupando o horário de 7h às 10h da manhã⁶⁰.

Além de conciliar tarefas diferentes, as mulheres também realizam a mesma atividade várias vezes ao dia. Isso acontece com os alimentos que assim que são prontos são logo consumidos, então é difícil ver o resultado de seu trabalho⁶¹ (ALMEIDA, 2002). No caso em estudo, este resultado se materializa rapidamente, porque logo há necessidade de se refazer os alimentos, de lavar, passar, varrer, etc. O trabalho doméstico está em constante recomeço, por isso é difícil pensar uma seqüência coerente para sua descrição, o que é perceptível na fala de dona Palmira, dando a impressão de que está tudo “misturado”. Assim, a categoria tempo serve para pensar em começo e fim, no caso das atividades domésticas, acontece sempre um recomeço, revelando uma descontinuidade.

Assim, posso dizer, que ao mesmo tempo em que o trabalho doméstico é descontínuo, ele também é intenso, solicitando criatividade, tomadas de decisão, escolhas, negociações e, até mesmo, esforço físico para espanar, torcer, varrer,

⁶⁰ Ainda com Viana (1993), fatores de ordem físico-naturais influenciam a lavagem de roupa. Em períodos de chuvas intensas, é comum que algumas peças fiquem molhadas de um dia para o outro.

⁶¹ Nos termos de Marx (1983), trabalho é aquela atividade que o homem consegue prever o resultado de sua ação, calculando o objetivo de sua ação.

lavar, cozinhar. Sua intensidade se revela nas várias atividades que fazem concomitantemente (como reparar uma panela no fogo e colocar a roupa no sol), precisando que se dê prioridade em alguns momentos, como fez a dona Palmira, ao ir primeiramente na panela e depois cuidar da roupa. Tais prioridades revelam o “jogo de decisões⁶²” que fazem diariamente, durante a vida toda (escolher o que a família vai comer, que peça será lavada primeiro, onde e como gastar o dinheiro...), realizadas no ambiente doméstico. Neste espaço, outros atores aparecem, solicitando das mulheres novos critérios para tomar decisões para incluir a participação desses indivíduos. A mulher em casa é ativa, e o ritmo de vida familiar obedece às suas vontades e decisões.

As atividades cotidianas, portanto, não significam fazer as mesmas coisas da mesma maneira todos os dias, como querem dizer os versos de Chico Buarque:

Cotidiano
(Chico Buarque)

Composição: Chico Buarque

(...) Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã (...)

A realização das atividades obedecerem a uma freqüência diária, pois há necessidade de se fazer alimentos e de limpar o domicílio todos os dias, o que é feito mais de uma vez por dia. Revela-se uma rotina que não significa simples repetição, porque eles não comem as mesmas coisas todos os dias, nem no mesmo horário, por isso, ela não faz todo dia tudo sempre igual, parafraseando, ao contrário, Chico Buarque. As atividades diárias requerem da mulher criatividade e negociações, porque, na figura de dona da casa, ela vai ser a responsável pela manutenção da casa e do cuidado com as pessoas, só que isso não significa exclusividade. Ela pode não se ocupar solitariamente das atividades, mas sua realização dependerá da maneira que ela manda na casa.

⁶² Quero chamar atenção, com isso, que a organização das tarefas domésticas seguem a uma lista de tarefas que são hierárquicas, definidas pela necessidade do grupo.

Num dia de trabalho, há prioridades que são respeitadas, conforme o período em que precisam e podem ser realizadas, como também, em razão da importância que têm para o grupo. Horários precisam ser cumpridos, havendo, inclusive, uma hierarquia tacitamente seguida; e eles são mais rígidos quando o marido está em casa, como destacam DAMATTA (1997) e SORJ (2004).

As entrevistadas pertencem à camada de baixa renda e escolaridade, fazendo com que as opções de trabalho remunerado sejam, muitas vezes, aquelas feitas em casa, ligadas aos tradicionais saberes e fazeres tidas como femininas. Percebe-se a extensão do padrão de atividades domésticas para o trabalho fora de casa, para citar os casos das empregadas domésticas e diaristas. DURAN (1983) argumenta com a socialização da mulher a tais trabalhos.

Sobre o que as mulheres achavam acerca das atribuições das mulheres e dos homens na manutenção das famílias, registrei as seguintes respostas, agrupadas segundo o que se considero, neste estudo, como temáticas principais. Todos estes depoimentos enfatizam a distinção entre as responsabilidades de homens e mulheres no cotidiano familiar, de que tratei em outro momento, e serve para sustentar o que quero discutir aqui (ANDERSON, 2005a):

Tem marido que não é obediente com as palavras da mulher, e isso é errado porque eles têm que se ajudar.

É ruim trabalhar fora porque quando eu chegava ainda tinha que fazer as coisas e o dinheiro era pouco. Os dois [marido e mulher] têm que ajudar a cuidar da família.

É errado quando o marido não ajuda a mulher quando está atrapalhada⁶³.

O homem deveria participar mais das atividades ainda mais por causa dos filhos. As crianças têm mais mãe do que pai.

É a mulher que conhece mais a família.

O homem não é como a mulher porque os serviços da casa são para a mulher.

Eu acho melhor quando ele [o marido] não está em casa porque ele não se mete no que tenho que fazer e eu tenho mais tempo.

⁶³ Denominação utilizada quando tem muito serviço a ser feito.

Em primeiro lugar, observa-se a idéia do dever do homem em “ajudar” em casa, o que evidencia a noção de divisão sexual do trabalho com domínios diferenciados, mas que podem ser negociados. Ao homem cabe complementar nos serviços da casa, mas a responsabilidade principal é naturalizada como da mulher. O sentido da ajuda mútua que transparece na segunda transcrição não implica indiferenciação de tarefas, apesar do reconhecimento do concurso dos dois na família. O segundo tema, presente em todas as respostas, é esse da naturalização do papel da mulher no espaço doméstico. As que reclamam da falta de apoio do companheiro apontam o comportamento padrão por parte deste.

No estudo da interseção entre tarefas produtivas e reprodutivas, a realidade da maioria das entrevistadas que trabalham em casa, mostra que o fato de permanecerem restritas ao espaço do lar e da vizinhança, onde estão cotidianamente, não significa imobilidade. Se de um lado, elas têm dificuldade de exercer trabalho fora que implique deslocamento, principalmente passar dias fora de casa, de outro lado, ficar em casa significa flexibilização de seu tempo para dar conta de tarefas que gerem renda, por exemplo, vendas, costuras, tecer rede de pesca ou outras que, embora temporárias, requerem grande dedicação, sem que os ganhos que elas conseguem sejam aumentados em razão do tempo gasto em sua execução.

Dá para perceber que mesmo elas dedicando uma parte do dia para atividades extra-domésticas, vão alternando essas atividades com os trabalhos do lar, numa superposição de jornadas e responsabilidades e uma grande possibilidade de dilatação do tempo. Há que se considerar que essas mulheres praticam mais de uma atividade remunerada, sendo esse o caso da venda de alimentos, que é intermitente. O que elas podem vender e quando isso poderá ser feito dependerá da estratégia que formularão para isso, sem deixar de lado as responsabilidades com a casa. Essa situação ajuda a compor o quadro de encargo que as mulheres assumem na manutenção do grupo, o que pode ser negociado pela sua presença em casa.

Com relação ao desenvolvimento das atividades extra-domésticas, posso dividir em dois grupos: o primeiro diz respeito às mulheres que realizam

atividades fora do ambiente doméstico, como empregadas domésticas e serviços de limpeza; e, o segundo, às que desempenham tais atividades apenas em casa.

Elas acordam cedo, por volta das 5h30 (cinco e meia da manhã)⁶⁴. As que saem para o trabalho deixam o café da manhã pronto para a família; ao retornarem no final da tarde preparam o jantar e o almoço do dia seguinte, varrem a casa e lavam louça. Nos finais de semana lavam a roupa que se acumulou durante a semana e fazem a limpeza da casa. Os filhos destas mulheres já têm mais de 11 (onze) anos de idade, e são as filhas as responsáveis pelas lides do lar durante o dia.

Em se tratando das mulheres que exercem tarefas remuneradas no próprio domicílio, o dia é dedicado aos trabalhos domésticos e no final da tarde em diante se dedicam ao trabalho produtivo (vender algum alimento na porta de casa). O dinheiro obtido com o seu trabalho é gasto em pequenas compras, como mantimentos para o dia. O dinheiro que os maridos deixam na véspera da viagem de captura (o “rancho”) por diversas vezes não é suficiente, fazendo com que elas comprem mercadorias que custam mais caro – para citar carne e remédios – a prazo ou pedem dinheiro emprestado.

Maneschy (2001), Bruschini (1994) e Melo (1999) observam que o estudo de atividades extra-domésticas de mulheres deve partir do seu papel construído junto à família, tendo em vista a discussão sobre manutenção doméstica no que diz respeito ao cuidado com as pessoas e com o lar, levantada por Fortes (1958) e Duran (1983). Em Almeida (2002), o fato de as mulheres somarem outras atividades ao trabalho doméstico acaba ofuscando o *verdadeiro valor de seu trabalho*, uma vez que a conciliação de dupla jornada de trabalho contribui para a naturalização de atividades femininas.

Sorj (2004) argumenta que trabalho remunerado e trabalho não-remunerado são duas dimensões do trabalho social realizado comumente pelas mulheres na esfera privada. Dar ênfase à articulação dessas duas esferas permite reconhecer

⁶⁴ No dia em que o homem sai para pesca, o dia das mulheres pode também começar mais cedo, entre 3h30 e 4h, para fazer companhia ao marido.

que as responsabilidades domésticas impõem limites à sua participação no trabalho oferecido pelo mercado, refletido em descontinuidades e jornadas parciais, como acontece com as mulheres de famílias de pescadores.

Entretanto, valores igualitaristas orientam a percepção das mulheres sobre a divisão das tarefas domésticas, principalmente quando o que está em jogo são os cuidados com os filhos (SORJ, 2004; HEILBORN, 2004). Quando eles são pequenos, elas preferem ficar em casa e deixar que os maridos arquem com a despesa doméstica, principalmente quando a sua participação econômica não contribui significativamente para o aumento da renda familiar. Logo, articular as duas esferas combina, por sua vez, os valores de gênero com a relação custo-benefício. O cálculo que elas fazem para se inserir em atividades remuneradas (ou simplesmente na economia de gastos) envolve uma escolha racional no cotidiano, conjugando meios e fins. Daí a interpretação sobre se o lugar da mulher é em casa se faz a partir do significado que a suas elas imprimem a sua ação.

Pelo que venho discutindo até aqui, elas optam por escolhas “socialmente aceitas”, como lembra Sorj (2004), pois tomam como referência um campo de possibilidades, relacionadas aos valores e práticas sociais, na conciliação de tarefas, influenciados pela centralidade que a família ocupa neste contexto. Por isso, quando tomam a responsabilidade dos serviços domésticos e extra-domésticos para si, põem em cena um sentimento de valorização social, que confirma sua competência para articular tarefas, atestadas pela experiência diária, como no relato da dona Palmira. Elas interpretam os encargos de gênero, atualizando suas formas de participação na manutenção doméstica, articulando tarefas dentro e fora de casa.

Além de confirmar sua identidade social de dona de casa, elas também sustentam o papel de provedor do homem, pois estão contribuindo na manutenção das famílias de diferentes maneiras. Relembrando Maneschy (1995), elas deixam de participar ativamente de tarefas pré e pós-captura, mas acionam outras formas para isso. É o caso de ser a responsável pela despesa do barco e de tomar conta da comercialização quando ele não pode fazer, combinando o fato ser “dona de casa” com o marido ser “dono do barco”.

4.3 PARA AINDA FALAR DE TRABALHO: AQUELE QUE SE TEM E AQUELE QUE SE QUER

Para a compreensão das práticas de trabalho das mulheres é necessário considerar, ainda, as expectativas de gênero, que circunscrevem as possibilidades de sua inserção no trabalho produtivo em determinados momentos e em determinadas situações. Além disso, a melhoria da qualidade de vida é um item pontual que também contribui para o entendimento das práticas cotidianas em Icoaraci.

Tomando como referência a decisão de migrar para a cidade entre as famílias de pescadores, a justificativa recai nesse desejo de elevar a qualidade de vida familiar, quando dizem, como já mostrei, que querem escolas para os filhos, por exemplo. A participação familiar na produção e reprodução aponta para as obrigações com a família, que remete a novas atividades no cotidiano não só das mulheres, mas no dos homens também e, conseqüentemente, a novas necessidades.

Neste processo, as mulheres são as que sentem mais de perto tais mudanças, tendo que conciliar muitas responsabilidades. Trabalhar dentro e fora de casa (o que não ocorria, de modo geral, antes da vinda para a cidade) requer lançar mão de estratégias que possibilitem a manutenção do grupo doméstico, o que é feito a partir de sua posição junto à família, como falei anteriormente.

Os fatores que estimulam a participação em atividades produtivas do grupo estudado consistem na necessidade de complementação nas despesas domésticas (ANDERSON, 2005a). Quando conseguem uma colocação regular (que não significa ser formal), é realizando serviços relacionados à esfera de atuação doméstica, dado que pode ser relacionado com os números da prefeitura do município, sobre os tipos de atividade que mais concentram o público feminino, conforme mostro na tabela a seguir:

TABELA 4 – PEA por tipo de atividade segundo o sexo na RMB⁶⁵.

Tipo de Atividade	Sexo (%)	
	Feminino	Masculino
Atividade agrícola	1	2
Indústria de transformação	5	10
Indústria de construção		10
Outras atividades industriais		1
Comércio de mercadorias	22	24
Prestação de serviços	41	21
Serviços auxiliares	4	7
Transportes e comércio	1	8
Social	19	7
Administração pública	7	10
TOTAL	100	100

Fonte: SEGEP, 2006.

Na tabela 4, há a maior concentração de mulheres na prestação de serviços (41%), seguida pelo comércio de mercadorias (22%). Posso considerar as formulações de Duran (1983) para analisar esses números. Segundo a autora, a mulher incorporou, historicamente, a responsabilidade pela esfera da reprodução social e da manutenção doméstica. Na prestação de serviços estão incluídos serviços domésticos e vendas, ocupações com tendência para o desempenho feminino.

Relembrando Sorj (2004), a participação feminina nessas ocupações corrobora para a manutenção de sua identidade “doméstica”, sustentando que quando homens e mulheres agem socialmente operam um sistema de valores construídos culturalmente. Na esfera privada – e algumas vezes, na pública, como mostra a tabela 4 – elas interpretam e confirmam o valor cultural de que seu compromisso principal deve ser com as pessoas. Investigar a participação diferenciada de homens e mulheres no mercado de trabalho decorre, também, das práticas e representações referentes às injunções de gênero.

Esta “distribuição” reflete, por outro lado também, a estrutura ocupacional da economia da cidade. Trindade Júnior (1998) diz que o crescimento do espaço

⁶⁵ Em dados absolutos, as categorias “indústrias de construção” e “outras atividades industriais” apresentaram valor 611 e 610, respectivamente, o que não atinge 1% do valor total.

urbano de Belém se deu pelo comércio e pela prestação de serviços, intensificado pela modernização capitalista efetivada na Região na segunda metade do século passado.

Ampliando a discussão, a vinda de algumas dessas famílias aconteceu neste contexto. A urbanização era considerada sinônimo de modernização também da relação entre sociedade e espaço. No caso de Belém, esta intensificação no modo de vida urbano aconteceu de forma acelerada, tardia e dependente de atividades de outras regiões, sendo reflexo da própria urbanização brasileira. Segundo Santos (1991), a cidade contemporânea é palco de liberdades (que podem ser de escolha e de consumo, por exemplo). O fato de melhorar de vida de que as famílias tanto falam, recai nesta possibilidade de, até certo ponto, ter opção de escolas e de instrumentos de transportes, de compras, atendimento de saúde, etc, como também de elevar a renda e comprar seus objetos de “desejo”. Por isso, pensar em pescadores no meio urbano significou também compreender como estes elementos aparecem na fala das mulheres e se fazem presente em seu cotidiano.

Estudioso do fenômeno urbano, Castells (1970) salienta que a arquitetura urbana contemporânea é fruto de desenvolvimento histórico, econômico e social. Multiplicou consideravelmente o número de pessoas que passaram a morar no ambiente urbano na virada do século XIX para o século XX. Wirth (1967) atenta, por sua vez, que além de promover mudanças na esfera física do espaço, a urbanização produziu um tipo de comportamento característico, chamado urbanismo, baseado no consumo.

Retornando desse pólo mais amplo de análise, para enxergar também por aí o universo sobre o qual me debrucei em meu estudo, posso dizer que o modo de vida de famílias de pescadores em Icoaraci se faz por uma “fusão” de modos de vida urbano e rural. Se quando eles chegaram aqui tinham o interesse de ganhar mais dinheiro na pesca industrial, o sustento da família é feito, atualmente, pela pesca artesanal, considerada a atividade principal da família. Eles a conciliam com atividades outras como as de pedreiro e marceneiro, como destacou Veloso

(2005), no caso dos homens, e as mulheres conciliam com outras atividades, que não mais a pesca.

Sobre este ramo de atividade, as entrevistadas salientam que pesca artesanal nesta região é difícil porque disputa com a pesca industrial. A presença da pesca industrial no referido local, praticada com redes de arrasto mecanizadas que não selecionam o pescado, forçou a que os pescadores procurassem cardumes em águas mais distantes, aumentando o período de tempo das viagens de captura, aumentando, assim, com a ausência mais prolongada dos homens, os encargos das mulheres, em relação às suas famílias (ANDERSON, 2005a).

Pelo fato das mulheres ficarem mais tempo em terra, por razões já expostas anteriormente, possuem maior possibilidade de conciliar tarefas, o que chamei de mobilidade ocupacional. Elas realizam mais atividades fora da atividade pesqueira por conta das dificuldades relatadas. A melhoria da qualidade de vida é pensada, não mais como a continuidade do trabalho da pesca para os filhos. De acordo com Fátima, a pesca é uma atividade incerta: *“A pesca é uma atividade incerta, porque não tem seguro de nada. Não sabe o dia de sair, nem de chegar. Se chega vivo, se vai pegar peixe... É mesmo que uma aventura”*. É por isso que desejam para os filhos outras atividades, de preferência no mercado formal, o que pode ser conseguido (segundo pensam) pela dedicação aos estudos. Esses “estudos”, talvez a marca, o ícone mais representativo – até como de difícil alcance) de todo esse processo que procurei compreender e traduzir, como é possível fazê-lo, neste trabalho⁶⁶.

⁶⁶ Detectei casos de três adolescentes que cursam o ensino superior e um que faz ensino técnico, todos em instituições federais de ensino.

À GUIA DE CONCLUSÃO: AFINAL, LUGAR DE MULHER É EM CASA?

Pelo que venho discutindo, fica a questão sobre “qual é o lugar da mulher?”, no sentido de compreender como elas experimentam sua localização na sociedade. Considerando a maneira como percebem e concretizam sua situação de “donas de casa” e minhas interpretações, não posso dizer se é ou não em casa, mas que “pode ser”. Isso se confirma com as responsabilidades que vivenciam no cotidiano, expressas no conjunto de decisões que precisam tomar, nos acordos que realizam com os familiares e na conciliação de tarefas, influenciados pelas construções culturais por gênero. Como disseram Motta-Maués (1993), Berger e Luckmann (1998) e Sorj (2004), são os significados sociais que orientam suas práticas e representações de homens e mulheres.

De casa, elas conseguem articular tarefas de domésticas e extra-domésticas, vinculadas pelos valores sociais. Não posso deixar de mencionar que a família funciona como o centro de referência para ação não só das mulheres, como também para os demais integrantes do grupo doméstico, como mostro na figura abaixo:

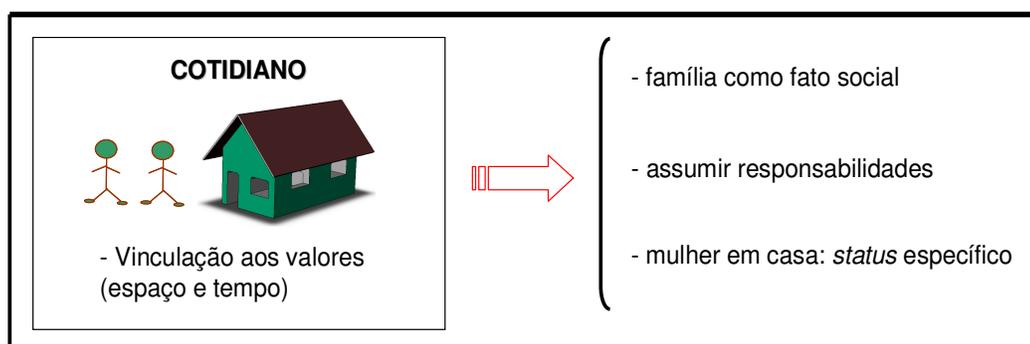


Figura 5: O que faz a mulher em casa?

As mulheres acionam, no cotidiano, estratégias para manutenção e reprodução familiar, que se relacionam aos cuidados com as coisas – os objetos de casa – e pessoas do lar. Como disse antes, essas tarefas são identificadas,

interpretadas e referidas como femininas ainda na infância, valorizando as mulheres para os serviços domésticos e os homens para os extra-domésticos.

Quando falo da distribuição de tarefas a partir de critérios por gênero, não quero dizer que homens e mulheres estão posições separadas e opostas na sociedade. Mas, ao contrário, que esta gramática “tradicional” de trabalho por sexo funciona como referência para engajamento dos indivíduos no grupo, o que permite ajustes, acordos e escolhas.

No cotidiano observado em Icoaraci, as mulheres assumem as responsabilidades com as tarefas domésticas, mas também desenvolvem atividades extra-domésticas (que muitas vezes são uma extensão do trabalho que fazem em suas casa). Essa modalidade de participação social é tratada como trabalho, como destacou Duran (1983), pois elas obedecem a horários de trabalho, ganham uma remuneração pelo que fazem e devem obediência a uma “patroa”. Para os homens, as atividades domésticas são de responsabilidade das mulheres, mas não significa que eles não se envolvam quando há necessidade.

Esses padrões de referência não são, portanto, fixos, uma vez que permitem mudanças conforme as necessidades, e tais transformações são de interesse sociológico. Daí a importância de se considerar os significados que os sujeitos imprimem às suas práticas. As mulheres justificam seu trabalho produtivo como complementação com as despesas domésticas e os homens realizam serviços domésticos quando não há outra pessoa (em geral, outra mulher) para assumir o cuidado com a casa, o que está relacionado com a identificação com essas tarefas, tema discutido por Sorj (2004) como valorização de identidades.

Neste sentido, tomando como foco as atribuições femininas, a contribuição das mulheres é mais que econômica, sendo, também, simbólica. Valorizando sua identidade social para as tarefas do lar, elas desenvolvem tarefas domésticas e extra-domésticas para suprir necessidades da família. Quando obtém renda, reinvestem o ganho para os filhos (comprando, entre outras coisas, materiais escolares, roupas ou calçados), como demonstrei em outro momento (ANDERSON, 2005a).

Na conciliação de jornadas, elas acionam uma forma de participação na pesca, que não corresponde àquele de tarefas de conserto e confecção de redes de pesca, pesca de beira ou limpeza do pescado, referidas por Alencar (1993) como atividades de beira. Elas cuidam das despesas do barco e, em alguns casos, tratam do “repasse” do peixe. Desta forma, as tarefas de casa, serviços extra-domésticos e participação – que Maneschy (1994) chama de discreta – são realizadas, pois podem ser conciliadas pelo fato da mulher estar em casa. Deste lugar, ela administra a vida familiar. É neste sentido que o trabalho doméstico é estrutural, como diz Maneschy (1995), em outro momento, porque sustenta as relações familiares em âmbito público e privado.

Tais articulações vinculam-se às proposições de tempo e espaço que o grupo dispõe (Damatta, 1997). Em Icoaraci, de um modo geral, eles o tempo nem tanto pelas horas, mas pelas lembranças e pela natureza. O horário para saída de viagens de captura e o tempo que os homens passarão no mar vão depender de fatores físico-naturais, bem como as atividades domésticas, no caso de lavar roupa. Neste sentido, tempos de homem e mulher não são os mesmos. Ele passa mais tempo no mar e ela fica mais tempo em casa, daí que elas acionam estratégias para conciliar responsabilidades.

Damatta (1997) salienta que existem formas diferenciadas e paralelas de contar o tempo, e que podem corresponder a fatores sociais e individuais, por isso pensá-lo como construção. Sustentado em bases diferentes para duração e passagem, o tempo se processa em espaços distintos, porque existe um sistema de contraste, distinguindo, conseqüentemente, os sujeitos na circulação e produção do espaço na casa e na rua. Tempo e espaço, por movimentarem conjuntos de vivências sociais, são tomados com categorias sociológicas, como destaca o mesmo Damatta (1997).

A experiência cotidiana analisada entre as famílias observadas em Icoaraci revela que a família é tratada como a unidade mais importante dos processos básicos do sistema social, sendo tratada como fato social, partindo da definição de Durkheim (2001). Assim, considerando as atribuições femininas neste contexto, o mundo diário marca a mulher como centro das rotinas familiares, o

que não significa, entretanto, mera repetição. Envolve responsabilidades, acordos e tomadas de decisão realizados, sobretudo, pelas mulheres. Os homens podem dar a “palavra final” para os assuntos que lhe cabem, mas a mulher prepara o cenário para que isso ocorra.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, Denize. **Pescadores de sonhos**: Um olhar acerca da mudança nas relações de trabalho e na organização social entre famílias de pescadores diante do turismo balnear em Salinópolis-PA. Campinas: UNICAMP, 2003. (Tese de Doutorado).

ALENCAR, Edna. Gênero e Trabalho nas Sociedades Pesqueiras. In: FURTADO, L.; LEITÃO, W. e MELLO, A. F. (orgs.) **Povos das águas**: realidade e perspectivas na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993. P. 63-82.

ALMEIDA, Marineide Pereira de. Trabalhos femininos e papéis sociais em uma comunidade rural do nordeste paraense. In: HÉBETTE, Jean et alli. **No mar, nos rios e na fronteira**: Faces do campesinato no Pará. Belém: EDUFPA, 2002.

ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. As Mulheres da Baía do Sol/Mosqueiro: de donas de casa a pescadoras. In: COSTA, Maria José Jackson (org.). **Sociologia na Amazônia**: Debates teóricos e experiências de pesquisa. Belém: EDUFPA, 2001. P.197-216.

ANDERSON, Kirla. **Analisando Gênero, Pesca e Reprodução Social em Icoaraci, Belém/Pa**. Belém: UFPA, 2005. 102f. (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais).

ANDERSON, Kirla. **Papéis Femininos na Reprodução Social de Famílias de Pescadores em Icoaraci, Belém/PA**. Belém: UFPA: CNPq, 2003. Relatório Final.

ANDERSON, Kirla. **Quem é o chefe da casa?**: um estudo sociológico sobre gênero e família em Belém/Pa. In: XXIX Encontro Anual da ANPOCS [CD-ROM]. Caxambu / MG, outubro de 2005.

ANDERSON, Kirla. **Trajetória Ocupacional de Mulheres Membros de Famílias de Pescadores em Icoaraci/PA**. Belém: UFPA, 2004. Relatório Final.

ANDERSON, Kirla; MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. **Família e Sociabilidade**: quando a rede vai do mar para terra. In: II Jornada de Iniciação Científica do PET [CD-ROM]. Belém / PA, janeiro de 2007.

AVIZ, Adriana de. **Icoaraci: o tempo da fábrica na pesca industrial**. Belém/CFCH/UFPA: 2002. (Dissertação de Mestrado em Sociologia).

BELÉM. Lei nº 7.682, 5 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a regionalização administrativa do Município de Belém, delimitando os respectivos espaços territoriais dos Distritos Administrativos e dá outras providências. Diário Oficial do Município: Belém, nº7.680, 11 jan. 1994.

BELÉM. Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão, 2006. **Anuário Estatístico [do] Município de Belém**, vol 01, 2006.

BERGER, Peter, BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. FORACCHI, Marialice & MARTINS, José de Souza. **Sociologia e Sociedade**: Leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 1984. PP. 200-214.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRUSCHINI, Cristina. O Trabalho da Mulher no Brasil: tendências recentes. In: SAFFIOTI, Heleieth. **Mulher Brasileira É Assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos: NIPAS, Brasília: UNICEF, 1994. p. 63-93.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999. volume I.

CASTELLS, Manuel. **Problemas de Investigação em Sociologia Urbana**. Lisboa: Florença, 1970.

CORCUFF, Philippe. **As Novas Sociologias**: construções da realidade social. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

COTU, Danilson. **Organização Social entre Pescadores Artesanais de Icoaraci**: Relações sociais e trabalho infanto-juvenil numa área de influência da pesca industrial. Belém: UFPa, 2003. 123 f. (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais).

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando; uma introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

DURAN, Maria Angeles. **A Dona de Casa**: Crítica política da economia doméstica. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

DURHAN, Eunice. **A caminho da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DURKHEIM, ÉMILE. **A Divisão do Trabalho Social**. 2ª edição. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

DURKHEIM, ÉMILE. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

ESCALLIER, Christine. **O Papel das Mulheres da Nazaré na Economia Haliêutica**. ETNOGRÁFICA. Vol. III, 1999.

FERREIRA, Maria Mary. Pesquisando Mulher e Gênero na Universidade Federal do Maranhão: 1975-1995. In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; SANTOS, Eunice. **Desafios de Identidade:** espaço – tempo de mulher. Belém: CEJUP: GEPEM: REDOR, 1997.

FORTES, Meyer. **O ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico.** Brasília, UNB, 1958. (Textos de aula, Antropologia 6).

FURTADO, Lourdes. **Curralistas e redeiros de Marudá;** pescadores do litoral do Pará. Belém: MPEG, 1987.

FURTADO, Lourdes. **Pescadores do Rio Amazonas:** um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Belém: MPEG, 1993.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GOODE, William. **A Família.** São Paulo: Livraria Pioneira, 1970.

HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é Par:** gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HEILBORN, Maria Luíza. Fazendo Gênero? A Antropologia da Mulher no Brasil. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (orgs.). **Uma Questão de Gênero.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

LAVINAS, Lena. Gênero, Cidadania e Políticas Públicas. In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; SANTOS JR, Orlando Alves dos (orgs.). **Globalização, Fragmentação e Reforma Urbana:** O futuro das grandes cidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994. P. 169-187.

LEFEBVRE, Henri. **O Pensamento Marxista e a Cidade.** Póvoa de Varzim: Ulisseia, 1972.

LEITÃO, Wilma. **O Pescador Mesmo.** Belém: UFPA, 1997 (Dissertação de Mestrado em Antropologia).

LÉVI-STRAUSS, Claude. A Família. In: **O Olhar Distanciado.** Lisboa: Edições 70, 1983. PP. 69-98.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Os Parceiros do Mar:** natureza e conflito social na pesca da Amazônia. Belém: CNPq & MPEG, 1985.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. Pressupostos do Modelo de Integração da Amazônia Brasileira aos Mercados Nacional e Internacional em Vigência nas Últimas Décadas: a modernização às avessas. In: COSTA, Maria José Jackson

(org.). **Sociologia na Amazônia: Debates Históricos e Experiências de Pesquisa.** Belém: EDUFPA, 2001. p. 47-70.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De Perto e de Dentro:** notas para uma etnografia urbana. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, vol. 17 , nº 49, junho de 2002. PP. 11-29.

MALDONADO, Simone Carneiro. **Mestres & Mares:** espaço e indivisão na pesca marítima. São Paulo: ANNABLUME, 1993.

MALINOWSKI, Bronislaw. Tema, método e objetivo desta pesquisa. In: **Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo: Abril, 1978. (Coleção Os Pensadores).

MANESCHY, Maria Cristina. **A mulher está se afastando da pesca?** Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará. BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. Antropologia, vol. 11, nº 2, 1995. P. 145-166.

MANESCHY, Maria Cristina. Múltiplas Atividades Femininas nas Estratégias de Reprodução Social de Famílias de Pescadores. In: COSTA, Maria José Jackson (org.). **Sociologia na Amazônia: Debates Teóricos e Experiências de Pesquisa.** Belém: EDUFPA, 2001. P. 165-196.

MANESCHY, Maria Cristina. Uma presença discreta: a mulher na pesca. In: D'INCAO, M. Ângela & SILVEIRA, Isolda M. (orgs). **A Amazônia e a Crise da Modernização.** Belém. MPEG, 1994. P.251-258.

MARX, Karl. **O Capital:** crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Vol. I.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão de troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: EPU, 1974.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento.** 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MELLO, Alex Fiúza de. **A pesca sob o capital:** A tecnologia a serviço da dominação. Belém: UFPA, 1985.

MELLO, Alex Fiúza de. Pescadores da Indústria: o complexo de Icoaraci. FURTADO, L; LEITÃO, W. e MELLO, A. F. (org.). **Povos das águas:** Realidade e perspectivas na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

MILLS, Wrigth. Do Artesanato Intelectual. In: **A Imaginação Sociológica.** 29ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969. PP. 211-243. (Biblioteca de Ciências Sociais).

MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica **"Trabalhadeiras" e "Camarados"**: relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. Belém: UFPA/CFCH, 1993.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. **Pesca de Homem / Peixe de Mulher (?)**: repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil. *Etnográfica*, v. 3, 1999, p. 377-399.

NASCIMENTO, Ivete. Tempo da Natureza e Tempo do Relógio – tradição e mudança em uma comunidade pesqueira. *BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. Série Antropologia*, nº11, vol 1, 1995.

OJIMA, Ricardo. **A Metrópole Contemporânea e a Sociedade de Risco**: novos desafios para a gestão urbana. In: XXIX Encontro Anual da Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais [CD-ROOM]. Caxambu / MG, outubro de 2005.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**: olhar, ouvir e escrever. *REVISTA DE ANTROPOLOGIA*, vol 39, nº1, 1996. PP. 13-37.

PARÁ. Secretaria Executiva de Trabalho e Promoção Social. **A pesca artesanal no estado do Pará**: perfil sócio-econômico e organizacional dos pescadores filiados às colônias. Belém: SETEPS/SINE-PA, 2003.

PENNER, Maria Eunice Soares. **A Dialética da Atividade Pesqueira no Nordeste Amazônico**. Recife: UFPE, 1980. 137p. (Dissertação de mestrado).

PRATA, Mário. **Amor, vamos discutir a nossa relação?** Disponível em: www.releituras.com/marioprata_relacao.asp . Acessado em 11.09.06.

SAFFIOTI, Heleieth. Pós-fácio: Conceituando gênero. In: SAFFIOTI, Heleieth (org.). **Mulher Brasileira é Assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: NIPAS, Brasília: UNICEF, 1994.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1991.

SARTI, Cynthia Andersen. **A Família como Espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas / SP: Autores Associados, 1996.

SILVA, Ducilene Melo da. **Trabalho feminino na indústria da pesca e seus reflexos nas relações sociais no grupo familiar das operárias em Icoaraci / Pará-1997-1998**. Belém: UFPA, 1999 (Trabalho de Conclusão de Curso).

SORJ, Bila. Trabalho remunerado e trabalho não-remunerado. In: VENTURI, Gustavo, RECAMÁN, Marisol, OLIVEIRA, Suely de (orgs.). **A Mulher Brasileira nos Espaços Público e Privado**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. PP. 107-119.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

STRATHERN, Marilyn. **Entre uma melasianista e uma feminista.** CADERNOS PAGU, nº 8/9, Campinas, 1997.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. **A Cidade Dispersa:** os novos espaços de assentamentos em Belém e a reestruturação metropolitana. São Paulo: USP, 1998. 395f. (Tese de Doutorado em Geografia).

VELHO, Gilberto. Família e Subjetividade. In: ALMEIDA, A. M. de, CARNEIRO, M. J., PAULA, S. G. (org). **Pensando a Família no Brasil.** Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: Editora da UFRJ, 1987.

VELOSO, Natasha. **Migração e adaptação de famílias de pescadores em Icoaraci, PA.** Belém: UFPA, 2005. 106f. (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais).

VIANA, Danielle Maria Maués. **Mulheres e Cotidiano em Câmara:** a atividade diária da dona de casa. Belém: UFPA, 1993. 84f. (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais).

WAGLEY, Charles. **Uma Comunidade Amazônica:** estudo do homem nos trópicos. 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade:** fundamentos de sociologia compreensiva. 3ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991, vol. I, Cap. 1.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida, in: VELHO, Otávio (org.). **O Fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro, ZAHAR, 1967.

WOORTMANN, Ellen. **Da Complementaridade à Dependência:** espaço, tempo e gênero em comunidades “pescadeiras” do nordeste. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, nº 18, ano 7, fev. de 1992.

WOORTMANN, Klass. **A Família das Mulheres.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1987.

ANEXOS

ANEXO I**ROTEIRO DE ENTREVISTAS 2006**

Tema: Cotidiano, espaço e tempo entre mulheres

PARTE I – Informações Pessoais

- 1) Nome
- 2) Idade
- 3) Estado civil (São uniões estáveis? Qual o tempo? Quantas vezes casou?)
- 4) Tempo de residência em Icoaraci (se for o caso)
- 5) Escolaridade (Por que parou de estudar?)
- 6) Ocupação principal (Sempre trabalhou com isso? Por que escolheu este tipo de atividade?)
- 7) Renda média mensal

PARTE II – Sobre a Família

- 1) Atividade principal
- 2) Quem é o chefe da casa? (verificar se apenas eles ganham dinheiro e o que elas acham disso)
- 3) Quantas pessoas moram no domicílio? (atenção para a formação do grupo – famílias de origem e de procriação)

Relação com a informante	Idade	Escolaridade	Ocupação	Renda media mensal

- 4) Quantas pessoas da família moram no domicílio?
- 5) Como é feito o “arranjo” familiar? (quem fica com as crianças)
- 6) Onde estão? Passam quanto tempo fora? Por que saíram? Mantém contato (como)?
- 7) Trabalham com o que? Contribuem com as despesas domésticas? Como?
- 8) Todos se dão bem na família? Há conflitos? Moram perto? Visitam-se? Os pais estão vivos?

PARTE III – A Pesca

- 1) Que tipo de pesca é utilizado?
- 2) Quais instrumentos são utilizados? Todos são seus (atenção para a parceria)?
- 3) Como se compõe a tripulação?
- 4) Qual o ritmo de trabalho do pescador (tempo das viagens)? Deixa o rancho? Quanto é? É suficiente? E quando termina antes dele voltar?
- 5) A família toda se envolve na pesca? De que forma?
- 6) Qual é o destino do pescado? Quem comercializa? Fica alguma parte para consumo? O que costumam comer?
- 7) Outras atividades sustentam a família? Quais?

PARTE IV – Cotidiano, espaço e tempo

1) Sobre a infância

- 1.1. Com quem aprendeu os trabalhos domésticos? (Aprendeu tudo? Faz igual como aprendeu?)
- 1.2. Teve quantos irmãos (meninos e meninas)? Como acontecia a divisão dos trabalhos domésticos? Todos faziam as mesmas tarefas?
- 1.3. Qual era a ocupação principal da família? Como era a sua participação?
- 1.4. Onde morava? (atenção para a descrição do lugar / banhado pelo mar?)

2) Nos dias de hoje

- 2.1. Alguém ajuda nos serviços domésticos? Quem? Fazendo o que? Ensinou os (as) filhos (as)? Ensinou as mesmas atividades?
- 2.2. Há divisão de trabalhos domésticos entre os membros da família? Qual o critério? Quem faz o que?
- 2.3. Perfil do emprego doméstico (o que faz? Em que camada se empregam? Quanto tempo trabalham na casa?)
- 2.4. Que lugares costuma freqüentar? Vai com alguma companhia? Quem?
- 2.5. Quem toma conta da senhora quando adoece?

PARTE V – Informações Adicionais

- Relação entre gêneros no namoro (só pessoas da comunidade?)
- Descrição do domicílio.
- Descrição de um dia de trabalho.